

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**A azulejaria portuguesa do século XVIII:  
uma abordagem iconográfica**

MARIANA FILIPA AMERICANO DA SILVA

Trabalho de projeto orientado pela Professora Doutora Teresa Leonor M. Vale  
e pela Doutora Rosário Salema de Carvalho, especialmente elaborado para  
a obtenção do grau de mestre em História da Arte e Património

Lisboa  
2022



## Resumo

O presente trabalho de projeto incide sobre a iconografia da azulejaria portuguesa do século XVIII, mas compreendendo os últimos anos da centúria anterior, designados como *período de transição*, por terem sido determinantes para a evolução da produção azulejar seguinte.

O seu principal objetivo é criar um perfil iconográfico daquele que é considerado por muitos o período mais importante do azulejo em Portugal. A partir da sistematização da informação disponibilizada através dos inventários realizados nos anos de 1950 e 1960 por João Miguel dos Santos Simões e que, ainda hoje, constituem a mais importante referência nesta matéria, foram preenchidas quase duas mil fichas no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* (<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az>), uma base de dados relacional desenvolvida pela Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL) e pelo Museu Nacional do Azulejo, que constituiu a ferramenta de trabalho e a base metodológica deste projeto. Destas fichas, cerca de novecentas foram classificadas no que diz respeito ao programa iconográfico, recorrendo-se para tal ao sistema de classificação para conteúdos culturais *Iconclass* (<http://iconclass.org/>).

O cruzamento dos dados inseridos (iconográficos, mas também relacionados com localizações, cronologias e autorias, entre outros), permitiu aceder a um conjunto de informações muito alargado, potenciando uma análise iconográfica global, capaz de avançar com possibilidades de respostas para questões como: *quais os ciclos e temas mais representados*, tanto em contexto religioso como em contexto secular; *qual a sua relação com os espaços em que se inserem*; ou *qual a sua representatividade em termos geográficos e cronológicos*. Deste modo, foi possível alcançar uma visão iconográfica global baseada em dados concretos e facilmente verificáveis através do *Az Infinitum*.

Apesar das conclusões que são apresentadas, recorrendo a diferentes formas de visualização de dados (tabelas, gráficos de barras, gráficos de redes de relações, mapas, etc.), muito ficou ainda por fazer e um dos aspetos mais positivos deste trabalho é o fato de ter conseguido preparar o *Az Infinitum* para o futuro, deixando uma base sólida sobre a qual podem assentar outros estudos.

**Palavras-chave:** Azulejo; Iconografia; Inventário; *Iconclass*; João Miguel dos Santos Simões

## Abstract

The present research project focuses on the iconography of Portuguese *azulejos* from the 18<sup>th</sup> century and the last years of the 17<sup>th</sup> century, known as the *transition period* due to its importance for the evolution of the subsequent tile production.

The project's main aim is the creation of an iconographic profile of what is widely deemed the most important period in Portuguese tile decorations. Based on the systematic information made available by the inventories carried out by João Miguel dos Santos Simões between 1950 and 1960, which remain the main reference in this field, nearly two thousand entries were uploaded to *Az Infinitum – Referencing and Indexation System* (<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/pesquisa-az>), a relational database developed by the Azulejo Research Network (ARTIS-IHA/FLUL) and the National *Azulejo* Museum. This database was the main working tool and the methodological basis for this project. Moreover, of the aforementioned entries, about nine hundred were classified according to their iconography with the aid of *Iconclass*, a classification system used for cultural contents (<http://iconclass.org/>).

The uploaded data, related to the iconography of different tile decorations – but also to their location, chronology and authorship, among other aspects – have made available a very wide information cluster, which allows for a global iconographic analysis capable of answering questions such as *which cycles and themes are most often depicted*, both in a religious and in a secular context; *how they relate to the spaces in which they are found*; or *how representative they are in geographic and chronological terms*. Through this method, we were able to gain a global iconographic overview based on concrete data, easily verifiable using *Az Infinitum*.

Despite the conclusions that are hereby presented, in different forms (tables, bar charts, network charts, maps, etc.), a lot remains to be done. One of this work's most positive aspects is its contribution to getting *Az Infinitum* ready for the future, laying out a solid foundation on which other studies can rely.

**Keywords:** *Azulejo*; Iconography; Inventory; *Iconclass*; João Miguel dos Santos Simões.

## **Agradecimentos**

No decorrer da elaboração deste trabalho de projeto, várias pessoas contribuíram das mais diversas formas, partilhando generosamente comigo os seus conhecimentos, e a todas gostaria de demonstrar os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço às minhas orientadoras, a Professora Doutora Teresa Leonor M. Vale, que mostrou interesse pelo tema, nunca descurando a disponibilidade ao longo de todo o processo, e à Doutora Rosário Salema de Carvalho, a quem dirijo uma palavra de apreço e gratidão pela total entrega a este trabalho, acompanhamento incansável e todos os esforços que efetuou para a alteração do acesso à base de dados *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*, tornando possível a realização deste trabalho em tempo de pandemia.

Quero também agradecer às minhas colegas de curso, que acompanham o meu gosto pelo azulejo desde a licenciatura, por todo o apoio, incentivo e pela companhia, mesmo à distância, nos momentos mais críticos.

Não menos importante, quero dedicar este relatório à minha família, por nunca terem duvidado das minhas capacidades e por todas as palavras de incentivo. Pai e mãe, muito obrigada.

Por fim, um especial obrigado às minhas irmãs e amigos mais próximos, por toda a paciência que tiveram em me ouvir e em ler o meu trabalho, mantendo sempre o interesse em conhecer o meu mundo, por mais divergente que pudesse ser do deles.

# Índice

Agradecimentos	5
Introdução	9
<b>1. A iconografia na azulejaria portuguesa: um estado da arte</b>	<b>16</b>
1.1 Os conceitos de iconografia e iconologia	16
1.2 O método iconológico de Erwin Panofsky	18
1.3 As críticas a Panofsky (Roelof van Straten) e os <i>caçadores de temas</i> (T. J. Clark)	19
1.4 A azulejaria portuguesa e os estudos iconográficos	21
<b>2. Conceitos e ferramentas: uma breve reflexão</b>	<b>25</b>
2.1 Inventário e catalogação	25
2.2 O <i>Az Infinitum</i> como metodologia de trabalho	26
2.3 O sistema <i>Iconclass</i>	30
2.4 Classificação iconográfica vs programa iconográfico	33
<b>3. As representações azulejares do século XVIII: documentar a “construção” de um inventário iconográfico passo a passo</b>	<b>37</b>
3.1 Fase 1 – preparatória	37
3.2 Fase 2 – <i>Excel</i>	48
3.3 Fase 3 - <i>Az Infinitum</i>	51
<b>4. Um perfil iconográfico da azulejaria setecentista: processamento e visualização de dados</b>	<b>60</b>
4.1 Revestimentos azulejares   leituras globais	60
4.1.1 Distribuição geográfica e tipologia de imóvel	60
4.1.2 Tipologias de revestimentos cerâmicos	64
4.1.3 Revestimentos assinados e documentados	65
4.1.4 Revestimentos datados	68
4.2 Iconografia	76
4.2.1 Uma leitura geral dos temas iconográficos	76
4.2.2 Estudo de caso: cenas da Vida da Virgem e de Cristo	93

<b>Síntese Final</b>	109
<b>Bibliografia</b>	111
<b>Webgrafia</b>	120
Índice das tabelas	121
Índice dos gráficos	123
Índice das figuras	124

---

## **Anexos**

---

**Anexo A - Classificação iconográfica | Relatório do *Az Infinitum***

---

**Anexo B - Lista de imóveis não inseridos no *Az Infinitum***

---



43 - recreativo, divertimento

Crato, Igreja Matriz, c. 1730-40  
Fotografia: Az Infinitum, 2020

## Introdução

O presente relatório, intitulado *A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica*, resulta de dois anos de sistematização de informação e investigação, desenvolvidos no contexto do grupo Az – Rede de Investigação em Azulejo, do ARTIS – Instituto de História da Arte da Universidade de Lisboa. A proposta inicial, que acolhemos com grande entusiasmo e sobre a qual definimos o plano de trabalhos a realizar, era a seguinte<sup>1</sup>:

### AZULEJOS FIGURATIVOS DO SÉCULO XVIII – ICONOGRAFIA

#### Visão geral:

A inserção de informação já conhecida no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* permite “digitalizar” e tornar acessível digitalmente um imenso conjunto de informação, mesmo sem avançar na realização de levantamentos rigorosos *in situ*. Este género de contribuição corresponde a um primeiro nível de inventário e a um passo significativo no enriquecimento de dados no *Az Infinitum*, potenciando leituras mais alargadas sobre a azulejaria portuguesa.

#### Metodologia:

A partir do inventário realizado por João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) para a azulejaria do século XVIII, pretende-se inserir as fichas relativas aos revestimentos azulejares no sistema *Az Infinitum*, identificando com particular cuidado as representações figurativas através do sistema *Iconclass*.

Sabemos da existência de um elevado número de temas representados na azulejaria do século XVIII através, entre outros, da obra de João Miguel dos Santos Simões, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, que contém, além das entradas descritivas para cada núcleo, um índice iconográfico de temas (amplamente alargado na edição revista de 2010 (Simões 2010, 717-726). Contudo, através desta ferramenta, apenas disponível em papel, não é possível quantificar os temas, percebendo, por exemplo, quais os episódios mais reproduzidos no âmbito de um determinado assunto, ou estabelecer cruzamentos e relações entre temáticas. Na verdade, nem sequer é possível perceber se o índice aponta para a identificação de secções no âmbito de um revestimento mais vasto, ou para o programa global de um determinado espaço. Por outro lado, este volume comporta apenas o território de Portugal continental, deixando de fora as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, cujo inventário foi publicado em 1963 com o título *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*.

---

<sup>1</sup> Esta proposta, redigida pela coordenadora da Rede de Investigação em Azulejo, que viria a ser nossa orientadora, integrava um conjunto de várias outras que foram divulgadas aos alunos do mestrado no início do ano letivo de 2019-2020.

Entre 2004 e 2007, o projeto *Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Território Continental. Constituição de Repertórios Iconográficos*, coordenado por Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tinha como objetivo, como o nome indica, uma abordagem iconográfica, reavaliando todos os núcleos referenciados por Santos Simões no inventário publicado em 1979, já postumamente. Foi este trabalho que esteve na base da publicação, revista e atualizada, dessa mesma obra, em 2010. Muito embora a disponibilização dos dados em formato digital estivesse prevista, a mesma nunca chegou a ser concretizada, e só um número reduzido de fichas acabou, muito mais tarde, por ser inserido no *Az Infinitum*, um *Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* desenvolvido pela Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL) e pelo Museu Nacional do Azulejo (Xavier 2020, 45-46). Deste modo, e apesar dos dados recolhidos pelo projeto se encontrarem em ficheiros *Excel*, ou seja, em formato digital, a estrutura da informação levantava múltiplos problemas, e a sua inserção no *Az Infinitum* acabou por ser abandonada, continuando assim em aberto uma área de trabalho que deveria reunir diversas facetas – organização e sistematização de um elevado volume de dados, para visualização e análise dos mesmos, com base num conhecimento alargado da azulejaria do período.

É neste contexto que o presente trabalho de projeto se insere. Procura, por um lado, enriquecer o *Az Infinitum*, que se pode definir como uma base de dados sobre a azulejaria produzida ou aplicada em Portugal, mas que é também uma ferramenta de trabalho, atuando ao nível da sistematização e organização da informação, assentando numa metodologia específica. Desde outubro de 2020, o sistema encontra-se em fase de atualização, prevendo-se que no início de 2022 tenha um novo *interface*, mais dinâmico e acessível, ainda que mantendo as cinco grandes áreas já disponíveis no acesso *online*: 1) *In situ*; 2) Iconografia (sendo esta a área onde encontramos disponível a versão portuguesa do sistema de conteúdos culturais *Iconclass*); 3) Padrões; 4) Autorias; 5) Bibliografia. Por outro lado, pretende usar esta ferramenta para sistematizar os dados de modo a permitir leituras mais amplas, baseadas nos temas representados, tanto em contexto religioso como secular, avaliando em que locais do território nacional existe uma maior concentração dos mesmos, por exemplo.

Assim, partindo de um conjunto de materiais – os textos de Santos Simões –, a que se juntaram outros contributos, como veremos, devidamente processados por meios computacionais e apresentados como tal, o trabalho de projeto cumpre, genericamente, um conjunto de tarefas e métodos que o incluem no que se entende hoje por Humanidades Digitais ou, mais

especificamente, História da Arte Digital – o trabalho realizado na interseção dos métodos computacionais e das humanidades (Drucker 2021, 1).

Após a definição de um conjunto de tarefas devidamente planejado e calendarizado, iniciámos um longo percurso, cujo principal objetivo era perceber se seria possível obter uma síntese iconográfica da azulejaria portuguesa do século XVIII, trabalhando a partir de um conjunto de dados já existentes, mas que era preciso sujeitar a um processo de “transformação” digital, ou seja, de mediação / remediação. Por outras palavras, o objetivo principal deste trabalho de projeto era traçar um perfil iconográfico da azulejaria produzida ou aplicada em Portugal durante o século XVIII, a partir dos inventários realizados nos anos de 1950 e 1960 por João Miguel dos Santos Simões, uma vez que estes são os únicos com uma abrangência nacional para o período em estudo. Os dados compilados pelo autor ofereciam-nos uma sólida base de trabalho, possibilitando novas leituras relativamente às opções iconográficas do azulejo setecentista. Todavia, estávamos conscientes desde o início que esta seria sempre uma primeira abordagem à problemática, uma vez que a abrangência de um trabalho de mestrado não permitiria comprovar localmente cada um dos revestimentos e avançar para a consequente classificação iconográfica secção a secção. O grau de detalhe desta classificação ficou assim dependente das opções de Santos Simões, havendo exemplos em que foi possível avançar para a identificação do tema de cada secção azulejar, enquanto, em outros casos, a identificação restringiu-se apenas ao nível do programa iconográfico. Como veremos, estas questões têm um impacto direto nos resultados obtidos e serão objeto de discussão mais aprofundada no capítulo referente ao trabalho efetuado (capítulo 4).

Pretendia-se perceber, entre outros aspetos, quais os ciclos e temas mais representados, tanto em contexto religioso como secular, e qual a sua representatividade em termos geográficos e cronológicos, alcançando assim uma visão iconográfica global baseada em dados concretos e mensuráveis. Apesar das limitações encontradas no processo, como a falta de sistematização e a incoerência da informação original, os resultados obtidos são bastante satisfatórios – não permitem uma leitura totalmente rigorosa em todos os aspetos, que implicaria verificar e completar a informação localmente, mas possibilitam uma visão geral muito aproximada e, principalmente, deixam uma base de trabalho sólida para o futuro, sobre a qual outros investigadores podem agora desenvolver os seus estudos.

A iconografia no azulejo, em particular no azulejo setecentista, é um tema que tem vindo a ser tratado em diferentes estudos, sobretudo referentes à identificação das fontes de inspiração e à sua influência na pintura azulejar, como se verá no estado da arte. Porém, ainda há muito trabalho a desenvolver neste âmbito, em particular, explorando novas perspetivas de leitura e novas ferramentas de trabalho, como as que agora utilizámos.

Antes de avançar, importa esclarecer que o período em análise, genericamente definido como século XVIII nas obras de Santos Simões, engloba ainda os últimos anos da centúria anterior, designados como *período de transição*, que foram determinantes para a evolução da azulejaria portuguesa, em particular a executada em tons de azul e branco. De forma geral, o século XVIII encontra-se tradicionalmente dividido em quatro fases sucessivas (e por vezes coexistentes) que correspondem sensivelmente aos quatro quartéis: o *Ciclo dos Mestres* (c. 1701-1725); a *Grande Produção Joanina* (c. 1725-1750); o período rococó e, nos últimos anos da centúria, entra-se na última fase, que se prolongará pelo século XIX, o período neoclássico. Muito embora, até à data, apenas se contem duas histórias da azulejaria portuguesa (Santos 1957; Meco 1989), existem outros trabalhos de síntese mais recentes com ambições semelhantes (Carvalho e Silva 2017) e, sobretudo, teses de doutoramento que procuraram avaliar determinados períodos, caso da que corresponde aos reinados filipinos (1556-1668) (Teixeira 2014), dos *Ciclos dos Mestres* (Carvalho 2012), ou da produção de origem coimbrã (Santos 2013). Nestes, e em muitos outros trabalhos, diversos autores, mas principalmente João Miguel dos Santos Simões e José Meco, procuraram definir balizas cronológicas e ciclos, que de alguma forma puderam “arrumar” as obras conhecidas por grandes períodos temporais. Mais recentemente, Celso Mangucci, na sua tese de doutoramento, introduz um novo ciclo – a *Grande Oficina* –, que começa com o ladrilhador Bartolomeu Antunes e termina com a Real Fábrica de Louça do Rato (Mangucci 2020). Porém, uma vez que o nosso trabalho de projeto se baseia nas fontes já citadas, optamos por seguir a cronologia tradicional baseada nos ciclos anteriormente descritos (Simões 2010; Meco 1989).

Tratando-se de um trabalho de História da Arte que se debruça sobre um tema específico – o azulejo –, mas não se centra numa obra ou num período, e sim num século com múltiplas diferenças e ciclos de características muito díspares; e convoca outras áreas, exigindo conhecimentos mais alargados, por exemplo, ao nível do funcionamento de bases de dados ou de aplicações de visualização e análise de redes (em gráficos ou mapas), é natural que a estrutura do presente relatório implique uma organização menos comum, refletindo essa maior

complexidade inerente ao próprio trabalho. Assim, e muito embora tenhamos optado por apresentar um primeiro capítulo dedicado ao estado da arte, por sua vez dividido em subpontos, para uma melhor compreensão dos problemas em análise, este não deixa de ser reduzido, pois preferimos centrar a discussão de outros conceitos e métodos num capítulo próprio, que inclui estados da arte específicos. Assim, e num percurso do geral para o particular, começámos por observar a evolução da utilização dos conceitos *iconografia* e *iconologia*, seguindo a perspetiva de Manuel Antonio Castiñeiras González (1998), completando a mesma com a de outros autores. De seguida, abordámos o *método iconológico* criado por Erwin Panofsky (1892-1968), as críticas de Roelof Van Straten (n. 1952) e as ideias de *caçadores de temas* de T. J. Clark (n. 1943), uma vez que foi esta a perspetiva seguida em todo o trabalho. O último ponto do estado da arte destaca a azulejaria portuguesa e os estudos iconográficos que têm vindo a ser feitos, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

O segundo capítulo é dedicado aos conceitos e ferramentas utilizadas para a criação deste trabalho, começando por esclarecer os conceitos de inventário e catalogação de uma forma geral e, em particular, no contexto do presente trabalho. De seguida, dedicamos algum tempo a explicar a organização e funcionalidades do sistema *Az Infinitum*, não só refletindo sobre as suas cinco principais áreas, como também mostrando a visão do investigador, ou seja, revelando a estrutura em que trabalhámos ao longo de vários meses. Devido à sua importância, dedicámos uma particular atenção à história do sistema de classificação *Iconclass* (<http://www.iconclass.org/>), procurando explicar o seu funcionamento. Deixámos para o final a distinção, ainda que necessariamente sumária, entre classificação iconográfica e programa iconográfico, uma vez que esta é uma perspetiva no âmbito do *Az Infinitum*.

No terceiro capítulo explicámos, de forma extensa e detalhada, a metodologia utilizada, documentando as opções seguidas ao longo do trabalho, dividido em três fases distintas: a *fase 1- preparatória*, em que abordamos as decisões tomadas a nível da articulação entre as classificações dos programas e o sistema *Iconclass*; a *fase 2 – Excel*, em que assinalámos as principais opções em termos de registo da informação em ficheiros Excel; e a *fase 3 – Az Infinitum*, no contexto da qual os dados reunidos na fase 2 foram inseridos no sistema, descrevendo-se com maior detalhe o trabalho efetuado e as escolhas efetivadas.

O último capítulo diz respeito à leitura e interpretação dos dados que foram sistematizados no sistema, recorrendo-se a diferentes tipos de visualização. Analisámos a distribuição geográfica

dos revestimentos azulejares, as cronologias, as autorias e, por fim, dedicámos uma atenção particular à iconografia, quer de uma perspetiva global, quer observando alguns programas específicos e terminando com um estudo de caso sobre as cenas da vida da Virgem e de Cristo.

Em anexo apresentamos um relatório, extraído diretamente do *Az Infinitum*, com a classificação iconográfica efetuada, mas mostrando apenas os códigos e o grupo de informação *Iconografia*, de modo a evitar a exposição *online* de um largo conjunto de dados que podem ser sensíveis. Importa chamar a atenção para o fato de o *Az Infinitum* apenas publicar a informação autorizada pelos proprietários, cumprindo assim a legislação em vigor, ainda que possa facultar a informação aos investigadores que o solicitem e justifiquem a sua utilização para efeitos de investigação. O anexo B reproduz a lista de imóveis não inseridos no âmbito deste trabalho.



73B641 - a fuga para o Egipto: Maria, José e o Menino (e por vezes outros) a caminho; Maria normalmente está montada num burro (jumento)

Portalegre, Sé, sacristia,  
António de Oliveira Bernardes (atr.), c. 1710  
Fotografia: Az Infinitum, 2012

# 1. A iconografia na azulejaria portuguesa: um estado da arte

A estrutura do estado da arte que a seguir se apresenta começa por caracterizar, ainda que de forma sucinta, os diversos entendimentos dos conceitos de *Iconografia* e *Iconologia* ao longo dos tempos, para seguidamente analisar a produção científica relativa ao azulejo setecentista no contexto dos estudos iconográficos e/ou iconológicos. Termina posicionando o presente trabalho de projeto neste universo.

## 1.1 Os conceitos de iconografia e iconologia

Para a definição e história da utilização de ambos os conceitos, e face à complexidade do assunto em questão, que dificilmente pode ser desenvolvido num relatório de trabalho de projeto, optámos por seguir a obra de Manuel Antonio Castiñeiras González (1998, 31-38), completando as suas perspetivas, sempre que necessário, com a de outros autores.

Etimologicamente, o termo *iconografia* deriva dos vocábulos gregos *èikón* e *gráphein*, traduzidos respetivamente como *imagem* e *descrição*. Como tal, por iconografia entende-se a identificação e descrição das imagens. Porém, nem sempre este conceito foi conhecido da mesma forma e Castiñeiras González (1998, 31-32) reconhece duas conceções distintas:

- 1) a que associa a iconografia à retratística antiga, conferindo-lhe um valor documental e que se materializa nos vários repertórios de iconografia grega e romana como bustos, medalhas e estátuas antigas referentes a figuras ilustradas da Antiguidade, que conheceu um grande desenvolvimento nos séculos XVI e XVII;
- 2) a que está mais próxima da atualidade e que se desenvolveu a partir do estudo da arte cristã no período da Contrarreforma, dividindo-se em duas escolas: a) francesa e b) americana.

No contexto da escola francesa, os estudos são centrados principalmente na iconografia cristã, assumindo particular destaque Émile Mâle (1862-1954), cujo método “(...) se baseava na identificação dos temas, motivos e fontes textuais das imagens” (Castiñeiras González 1998, 33, tradução nossa). Outros estudiosos, como Louis Réau, autor da obra *Iconographie de l' Art Chrétien* (1955-58), merecem também destaque no âmbito de uma escola que se caracteriza

pela sistematização da iconografia cristã e pela relação entre o texto e a imagem (Biolostocki 2003, 535).

Já nos Estados Unidos, em 1917, Charles Rufus Morey (1877-1955) criou um catálogo, cujo método nos interessa particularmente no âmbito do presente trabalho de projeto. O *Index of Christian Art*, sediado no Departamento de Arte e Arqueologia da Universidade de Princeton, começou por ser um catálogo temático, em que cada ficha correspondia a uma obra e respetiva fotografia. Contudo, rapidamente passaram a ser catalogados todos os detalhes das obras, o âmbito cronológico foi alargado e, das obras paleocristãs, avançou-se até à época medieval (c. 1400). Renomeado como *Index of Medieval Art*, este catálogo integra hoje obras de outras culturas. Encontra-se, desde 1991, digitalizado e disponível *online*, porém em acesso restrito (<https://ima.princeton.edu>).

Muito embora Castiñeiras González remeta a obra de Aby Warburg (1866-1929) e do seu seguidor, Erwin Panofsky (1892-1968), para o capítulo da iconologia (Castiñeiras González 1998, 63-96), importa desde já chamar a atenção para alguns autores da designada escola alemã, como Anton Springer (1825-1891), Karl Kunstle (1901-1945), Raimond Van Marle ou Engelbert Kirschbaum (1902-1970), que se ocuparam da recolha de obras de arte e fontes escritas, não só de iconografia cristã como secular.

No que respeita à *iconologia*, etimologicamente este vocábulo deriva dos termos gregos *èikón* e *logos*, traduzidos respetivamente como *imagem* e *palavra*, *discurso* ou *razão*, apontando assim para o significado das imagens. A sua origem remonta aos manuais de símbolos, alegorias e personificações dos séculos XVI a XVIII, destacando-se o mais conhecido *Iconologia* de Cesare Ripa, publicado pela primeira vez em 1593 sem imagens e, em 1603, como edição ilustrada. No final do século XVII, a palavra iconologia designava, genericamente, as representações alegóricas (Castiñeiras González 1998, 36).

A escola alemã explorou a iconologia no sentido da “(...) interpretação dos significados concetuais, simbólicos e alegóricos subjacentes às imagens” (Castiñeiras González 1998, 34, tradução nossa), tendo como figuras maiores Aby Warburg, Fritz Saxl (1890-1948) e Erwin Panofsky. Este último foi responsável pela definição de um *método iconológico*, que sistematizou pela primeira vez em 1939, e que analisaremos de seguida, uma vez que a sua

aplicação é fundamental para o presente trabalho de projeto. Importa ainda fazer uma breve referência ao holandês Godefridus Johannes Hoogewerff (1884-1963) que, em 1928, numa conferência em Oslo, procurou distinguir a iconografia da iconologia, caracterizando a primeira como descritiva, factual e analítica, e a segunda como explicativa, abordando as ideias sociais e culturais de determinadas épocas (Hoogewerff 1931).

## **1.2 O método iconológico de Erwin Panofsky**

Erwin Panofsky, que fazia parte do grupo de historiadores ligados ao Instituto Warburg em Londres, foi uma figura incontornável pela definição de um *método iconológico* que viria a marcar a prática da História da Arte no século XX, colocando a procura de significado no centro da investigação. O método foi esboçado, em primeiro lugar, na introdução do livro *Herkules and Scheideweg* (1930), sistematizado mais tarde na obra *Studies in Iconology* (1939) e ligeiramente alterado em *Meaning in the Visual Arts* (1955). Assim, na análise de uma obra de arte, Panofsky distingue três níveis de significado (Panofsky 1995, 55):

- 1) Significado primário ou natural (composto pelo significado factual e significado expressivo). É a fase que corresponde à identificação das formas, de figuras e de atitudes expressionais, correspondendo a uma descrição pré-iconográfica (Panofsky 1982, 21).
- 2) Significado secundário ou convencional, que corresponde à descrição iconográfica. Tem como objetivo a identificação de temas, ou seja, pretende fazer a ligação dos motivos artísticos com os assuntos e conceitos (Panofsky 1982, 21).
- 3) Significado intrínseco ou simbólico. Corresponde a uma descrição iconológica da obra de arte. É considerado a interpretação do sentido da imagem enquanto manifestação visual, seja de forma consciente ou inconsciente, dos princípios fundamentais de uma cultura, época ou mesmo filosofia (Panofsky 1982, 22-23).

A cada nível de significado Panofsky faz corresponder equipamentos interpretativos e princípios corretivos. Assim, para o nível pré-iconográfico será necessário a experiência prática e o senso comum, sendo o princípio corretivo a história dos estilos. Para o nível iconográfico o equipamento interpretativo necessário são as fontes literárias e o princípio corretivo a história

dos tipos iconográficos. Por fim, para o nível iconológico, o autor aponta, a *intuição sintética* e a história dos *sintomas culturais* (Panofsky 1982, 28).

### **1.3 As críticas a Panofsky (Roelof van Straten) e os *caçadores de temas* (T. J. Clark)**

São várias as críticas posteriores ao método de Panofsky, destacando-se, por serem relevantes para o nosso trabalho, as de Roelof van Straten (n. 1952). O autor considera o método de Panofsky dúbio, propondo a introdução de um novo nível de significado, ou seja, dividindo o nível 2 de Panofsky, relativo à análise iconográfica (van Straten 1986, 165-181).

O autor vem a reconhecer, assim como Panofsky, que há categorias de obras de arte que não têm segundo nível, como a paisagem ou as naturezas mortas, concluindo que toda a esfera do simbolismo (não conhecida ou assumida pelo artista) em Panofsky só existe no nível 3 de significado. Distingue, então, entre simbolismo aplicado e valores simbólicos que, na maioria dos casos, podem ser desconhecidos ao artista e que estão relacionados com o contexto histórico-cultural.

O nível 2 de van Straten não procura significados secundários ou profundos. Todas as obras de arte encaixam neste nível, mas as personificações e alegorias, por exemplo, só poderão ser identificadas no nível 3, em que se procura perceber se a obra tem um significado secundário ou mais profundo, tentando formular e interpretar as fontes do artista. Este novo nível, designado de *interpretação iconográfica*, vem abordar o significado profundo das obras de arte conferido de forma intencional pelo próprio artista (van Straten 1994, 4). Nesta fase, a pergunta a fazer será “Does the work have a ‘deeper’, or secondary, meaning that could lie within the artist’s intentions?” (van Straten 1994, 10). Se a resposta foi afirmativa, é necessário determinar qual é o significado.

No quarto nível procuram-se os valores simbólicos, que nem sempre foram objetivo do artista. Tentar-se-á responder a questões mais abrangentes relacionadas com as razões que conduziram à criação de uma obra, com as suas características específicas.

Esta proposta de van Straten vem resolver algumas das críticas apontadas ao método de Panofsky, uma vez que, se a obra de arte não tem um significado na interpretação iconográfica, como é o caso de uma *paisagem com um rio*, o mesmo não significa que não possa ter um

significado iconológico (van Straten 1986, 172). Concluindo, van Straten entende que a iconologia pertence à História Cultural e não à História da Arte e, muito embora os historiadores de arte possam praticar a iconologia, estes não têm treino suficiente para realizar a tarefa da melhor maneira possível.

Por sua vez, T. J. (Timothy James) Clark (n. 1943), no texto intitulado *The Conditions of Artistic Creation*, publicado pela primeira vez em 1974, defende que a História da Arte no século XX se encontra dividida em três períodos: a era de ouro, a era do pós-guerra e o futuro. Clark engloba o trabalho de Panofsky na era de ouro, quando os investigadores fizeram perguntas importantes. Para este autor, Panofsky estudou a maneira como as pessoas pensam, não se focando apenas no que é possível observar, mas também nos valores simbólicos das obras de arte, destacando o texto *Perspective as symbolic form*, por explicar e clarificar, a partir deste tema, “the ways in which people think about everything not just visual representation.” (Ferne 1995).

Na era do pós-guerra houve um declínio na história da arte, e os historiadores substituíram a iconografia por uma caça aos temas inconstante. Para Clark, a História da Arte precisa de progresso, de equacionar novas perguntas, e a iconografia é um bom exemplo dessa necessidade, já que a geração anterior “(...) has declined from a polemic about tradition and its forms, an argument over the conditions in which an artist encountered an ideology, into desultory theme chasing – 100 pictures of the Noble Savage, with fifty early blast furnaces thrown in. And that is only the most case of a general decomposition” (Clark 1974, 250). Concluindo, há necessidade de voltar ao período áureo da História da Arte, altura em que, como Panofsky, os autores não se restringiam apenas a uma busca de temas.

A crítica de T. J. Clark não a Panofsky, mas aos que lhe seguiram e que, de certo modo, transformaram o seu método numa caça aos temas sem contexto, obriga-nos a pensar e a equacionar o nosso próprio papel no âmbito deste trabalho. Se, ao ter como principal objetivo, identificar os temas iconográficos da azulejaria portuguesa, quer ao nível dos programas, quer das composições individuais, situando-nos nos níveis 2 de Panofsky e van Straten, seremos nós “caçadores de temas?” E, mais do que isso, se o trabalho desenvolvido tem como base os livros de João Miguel dos Santos Simões, *Azulejaria Portuguesa no século XVIII* (2010) e *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira* (1963), no qual essa identificação é uma componente

essencial do seu trabalho, podemos afirmar que o próprio Santos Simões foi um “caçador de temas”? Embora as leituras abrangentes que apresentaremos no relatório final sejam baseadas nesta identificação ou descrição iconográfica, o objetivo é ir mais além e alcançar um “perfil” iconográfico alargado, como veremos, procurando contribuir para um estudo alargado de contexto.

#### **1.4 A azulejaria portuguesa e os estudos iconográficos**

Os estudos iconográficos sobre a azulejaria portuguesa do período barroco apresentam diferentes abordagens. Para a síntese que apresentamos de seguida, recorreremos à visão recentemente proposta por Rosário Salema de Carvalho (Carvalho 2021).

Alguns autores, entre os quais Santos Simões (Simões 2010, 43-50) ou Robert Smith (Smith 1973, 396-407), entendem a iconografia como a identificação de gravuras, uma vez que estas eram uma das principais fontes de inspiração para os vários pintores de azulejos. O recurso a gravuras era quase uma constante, tendo sido facilitado, entre os séculos XVI e XVIII, pela produção e circulação internacional de livros ilustrados, tratados, álbuns e gravuras soltas (Meco 1995-1999, 23). Outras perspetivas analisam a influência das fontes gravadas na obra de artistas específicos ou oficinas, como é o caso dos Oliveira Bernardes e a influência das gravuras de produção flamenga e francesa (Meco 1995-1999, 23-60). José Meco não só aborda as influências nas representações azulejares, como defende que as mesmas podem alterar o sentido principal da composição. Se os artistas portugueses, na maioria das vezes, adaptavam as fontes fazendo com que a composição final apresentasse grandes alterações em relação ao original, isso não significa necessariamente uma alteração de conteúdo iconográfico, mas apenas de composição e adaptação ao espaço (Meco 1995-1999, 23). Outros estudos de azulejaria, embora não estejam especialmente focados nas fontes de inspiração, acabam por identificar gravuras (Carvalho 2012; Santos 2013). Assim, e para além da correta identificação iconográfica, esta perspetiva, tão presente nos estudos de azulejo, pode também ser entendida como uma forma de análise de evolução das imagens, no contexto de uma “arqueologia das imagens” que raramente é aprofundada.

Outros autores têm vindo a estudar os programas iconográficos numa perspetiva mais abrangente, examinando as fontes de inspiração, mas chamando a atenção para os ciclos e programas, procurando perceber a ligação ao contexto religioso, político e social da época

(Mangucci 2013, 11; Carvalho 2017). Isto é, os autores tratam o programa iconográfico, como Ernst Gombrich propunha, no sentido da “(...) reconstrucion of a program rather than the identification of a particular text” (Gombrich 1972, 6). Esta perspectiva de estudo é especificamente relevante para a relação entre o azulejo e as outras formas de arte que integram o mesmo espaço, acabando por criar o que se considera uma “obra de arte total”. O termo provém da noção alemã *Gesamtkunstwek*, normalmente traduzida para *obra de arte total*, assim como também da noção italiana de *bel composto*, estando esta associada a Gian Lorenzo Bernini (Montagu 1982, 240-243), significando a ligação de todas as artes. Neste âmbito, Flávio Gonçalves e Luís de Mora Sobral são referências incontornáveis, uma vez que as suas contribuições foram decisivas para compreender de que modo os espaços barrocos foram comunicados e exportados para o Brasil (Gonçalves 1982; Sobral 1999, 305).

Examinar os programas iconográficos existentes e determinar a maneira como os fiéis compreenderam as representações e vivenciaram os espaços em que foram aplicados, são tarefas de extrema importância que não podem ser dissociadas de uma análise iconográfica. Este tópico já foi discutido na dissertação de mestrado de Rosário Salema de Carvalho (2007), porém ainda há muito trabalho a fazer neste âmbito.

Se há autores que abordam a influência das fontes gravadas nas obras de artistas específicos e outros a influência das gravuras na produção, outros ainda abordam temas concretos, como é o caso de Ana Paula Rebelo Correia que trabalha o tema das Metamorfoses de Ovídio na azulejaria barroca (Correia 2005, 127-158).

A identificação dos temas representados na azulejaria portuguesa setecentista foi uma preocupação a nível dos inventários, destacando-se a obra *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, de João Miguel dos Santos Simões. Além de um capítulo dedicado à iconografia, que se foca na identificação de gravuras, a obra inclui, no final, um índice de temas iconográficos, vastamente alargado na versão revista em 2010 (Simões 2010, 717-726). Porém, e apesar do avanço que esta ferramenta significa, não nos é possível uma quantificação ou uma identificação precisa dos temas. Não conseguimos realizar um cruzamento dos assuntos representados, nem perceber quais os episódios mais reproduzidos no âmbito de um determinado tema.

Muito embora alguns autores tenham avançado com hipóteses de trabalho, estas assentam mais em intuições do que em dados concretos e facilmente verificáveis (Carvalho 2021). Ao mesmo tempo, não há possibilidade de relacionar os temas com os espaços religiosos em que estão aplicados, algo de extrema importância, uma vez que os programas que se encontram numa capela-mor não são os que encontramos na nave, por serem espaços distintos, ocupados por diferentes tipos de público.

É, portanto, nesta área que o presente trabalho de projeto se vem inserir. Procura, por um lado, enriquecer os dados do sistema *Az Infinitum* e, por outro, sistematizá-los de modo a permitir leituras baseadas nos temas representados, tanto em contexto religioso como secular, avaliando quais os ciclos e temas mais representados, em que locais do território nacional existe uma maior concentração dos mesmos, entre outras possibilidades.



*IIH(BENEDICT) - Bento de Núrsia, abade de Monte Cassino e fundador da Ordem beneditina; possíveis atributos: hissopo, livro, copo (por vezes partido), corvo com pão no bico, peneira (ou bandeja)*

Tibães, Mosteiro de Tibães,  
claustro do Cemitério, c. 1767-1770  
Fotografia: Az Infinitum, 2017

## 2. Conceitos e ferramentas: uma breve reflexão

Este capítulo apresenta uma breve reflexão sobre os conceitos e as ferramentas usados no contexto do presente trabalho. No que diz respeito aos conceitos, interessa-nos sobretudo esclarecer que perspectivas seguidas no entendimento de ideias tão basilares como inventário e catalogação, que abrem o capítulo, mas também as diferenças entre classificação iconográfica e programa iconográfico, com que terminamos o capítulo. Por sua vez, as ferramentas que importa analisar, explicando as suas potencialidades, são as que usámos como base metodológica, ou seja, o *Az Infinitum*. Todavia, a relevância do *Iconclass* justifica a descrição num subcapítulo autónomo.

### 2.1 Inventário e catalogação

Para clarificar as diferenças entre inventário e catalogação seguimos os conceitos definidos pelo *Canadian Heritage Information Network* (CHIN) (CHIN, 2018). O inventário é uma ferramenta, um passo na gestão integrada de coleções ou património cultural, na qual se identifica genericamente um objeto, enumerando um conjunto de características básicas que permitem identificá-lo e localizá-lo dentro de uma coleção, distinguindo-o de outros. O CHIN chega a referir que existem dois tipos de inventário, diferenciando-se consoante o volume de informação reunido: um mais limitado, que apenas tem como objetivo identificar, contar e localizar os objetos de determinada coleção; e outro, mais abrangente, que regista as características físicas dos objetos, sendo designados, respetivamente, como *Counts* e *Physical Inventory* (CHIN, 2017b).

A mesma entidade reflete e discute o conceito de catalogação. Designa catalogação como um outro procedimento, agora focado no entendimento do objeto enquanto fonte documental histórico-artística que importa conhecer e divulgar. Como tal, a catalogação implica o levantamento, recolha e aprofundamento de informações acerca do objeto (CHIN, 2017a). Outras normas e entidades definem o conceito de igual forma, como é o caso do SPECTRUM<sup>2</sup> e do Comité Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus (CIDOC)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> A norma SPECTRUM define o conceito de catalogação como “managing the information that gives your collections meaning, not as an end in itself but to record and retrieve what is known about your objects.” (Collections Trust s.d.).

<sup>3</sup> O CIDOC define o conceito de catalogação como sendo uma “Complicação e manutenção de informações importantes por meio da descrição sistemática dos objetos da coleção incluindo a organização dessas informações para formar um arquivo catalográfico dos objetos” (CIDOC 2014, 41).

Em Portugal é comum usar os termos inventário e catalogação como sinónimos. Porém, no contexto da documentação do património cultural, ambos apresentam, como vimos, significados distintos. No que diz respeito ao *Az Infinitum - Sistema de Referência & Indexação de Azulejo*, é o conceito de catalogação que impera. Todavia, e como já havia sido testado no contexto de três estágios extracurriculares que decorreram na Rede de Investigação em Azulejo em 2018<sup>4</sup>, a perspetiva do presente trabalho de projeto está mais próxima do conceito de inventário. O nosso objetivo foi sempre a classificação iconográfica e, como tal, o preenchimento das fichas que explicaremos adiante foi muito sumário, restringindo-se aos grupos e categorias de informação essenciais. Seguindo o procedimento previamente adotado, que se justifica não apenas por uma questão de exequibilidade do trabalho, mas sobretudo para evitar criar um número elevado de fichas no sistema quase sem conteúdo, todas as fichas que se inscrevem numa perspetiva de inventário são devidamente identificadas no campo *Descrição*, com a indicação: *[catalogação base (...)]*. Esta frase é depois complementada com referências específicas que, no nosso caso, são as seguintes: *[catalogação base a partir de SIMÕES, João Miguel dos Santos; CÂMARA, Maria Alexandra Gago da - Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010]*.

Deste modo, o nosso trabalho acabou por consolidar uma prática ainda pouco comum no *Az Infinitum*, isto é, a existência de dois tipos de ficha – uma que inclui informação básica e confere “existência” a um determinado imóvel ou revestimento (inventário), e outra que inclui um volume muito significativo de informação sobre um determinado imóvel ou revestimento, resultante de um processo de investigação e documentação (catalogação).

## **2.2 O *Az Infinitum* como metodologia de trabalho**

O *Az Infinitum* foi idealizado entre 2009 e 2011, estando disponível ao público na sua versão *online* desde 2012. É um projeto âncora da Rede de Investigação em Azulejo, desenvolvido em parceria com o Museu Nacional do Azulejo (MNAz) e a empresa Sistemas do Futuro, coordenado pelos investigadores Rosário Salema de Carvalho e Alexandre Nobre Pais. Pretende ser um instrumento adequado para o estudo de mais de cinco séculos de revestimentos azulejares portugueses, estando estes *in situ* (Aguiar e Carvalho 2016, 47).

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos estágios extracurriculares de três alunas do 1º ciclo de estudos em História da Arte (FLUL), Edinílvia Rodrigues, Inês Fonseca e Rute Ventura.

Investigadores, alunos e também instituições podem usar este sistema para registar, organizar e relacionar os dados das suas pesquisas, sejam elas individuais, colaborativas ou institucionais (Aguiar e Carvalho 2016, 47). Aquando da conceção do *Az Infinitum*, a preocupação inicial fixou-se na discussão e no estabelecimento de perguntas de investigação bem definidas. A ideia era criar um sistema que permitisse documentar o património azulejar de todas as épocas e tipologias, ainda *in situ*, “relacionando de forma ampla conceitos como espaço, tempo, intervenientes, iconografia, técnica ou materiais, de modo a gerar leituras contextualizadas e de tempo longo” (Carvalho 2018, 90). Face a inventários anteriores, o sistema, que assenta numa base de dados relacional que sistematiza dados textuais e visuais, permite estabelecer ligações entre toda a informação, constituindo esta uma das suas maiores vantagens. Consequentemente, o *Az Infinitum* conduz a análises mais rigorosas e cria leituras sustentadas em bases sólidas e de fácil verificação.

Os seus utilizadores podem relacionar os dados referentes aos locais onde os azulejos foram aplicados com os motivos decorativos (iconografia ou padrões), “the authorship, the chronology, the inspirational sources, old photographs, materials, techniques, the documentation related to each example, and so on (Aguiar e Carvalho 2016, 47), fazendo com que num futuro próximo esta sistematização possibilite uma perspetiva atualizada sobre a história do azulejo em Portugal. É precisamente este o contexto em que se insere o presente trabalho de projeto – a utilização do *Az Infinitum* como uma ferramenta para registar e organizar um volume significativo de dados, no âmbito de um mestrado em que se opta por um trabalho de projeto para a obtenção do grau.

Para que todos possam usar o *Az Infinitum* foi necessário criar um manual de procedimentos interno, que define de forma precisa o modo como os dados devem ser inseridos no sistema. Todavia, ainda antes disso, é necessário recolher esses mesmos dados *no terreno*, o que conduziu à criação do *Guia de Inventário de Azulejo In Situ* (Carvalho, Pais e Figueiredo 2018). Este sintetiza as metodologias adotadas e a estrutura de dados consideradas essenciais para documentar o património, permitindo assim que qualquer pessoa possa inventariar ou documentar um revestimento cerâmico “segundo metodologias comuns, independentemente do sistema de informação utilizado” (Carvalho 2018, 91).

Atualmente são disponibilizadas cinco formas de entrar no sistema (fig. 1), que correspondem às grandes áreas inicialmente definidas, a saber, 1) *In situ*; 2) Iconografia; 3) Padrões e

emolduramentos; 4) Autorias; e 5) Bibliografia. Apesar de a primeira área ser aquela que organiza todas as outras, o facto de se tratar de uma base de dados relacional permite, como o nome indica, aceder à informação a partir de qualquer dos pontos acima mencionados.

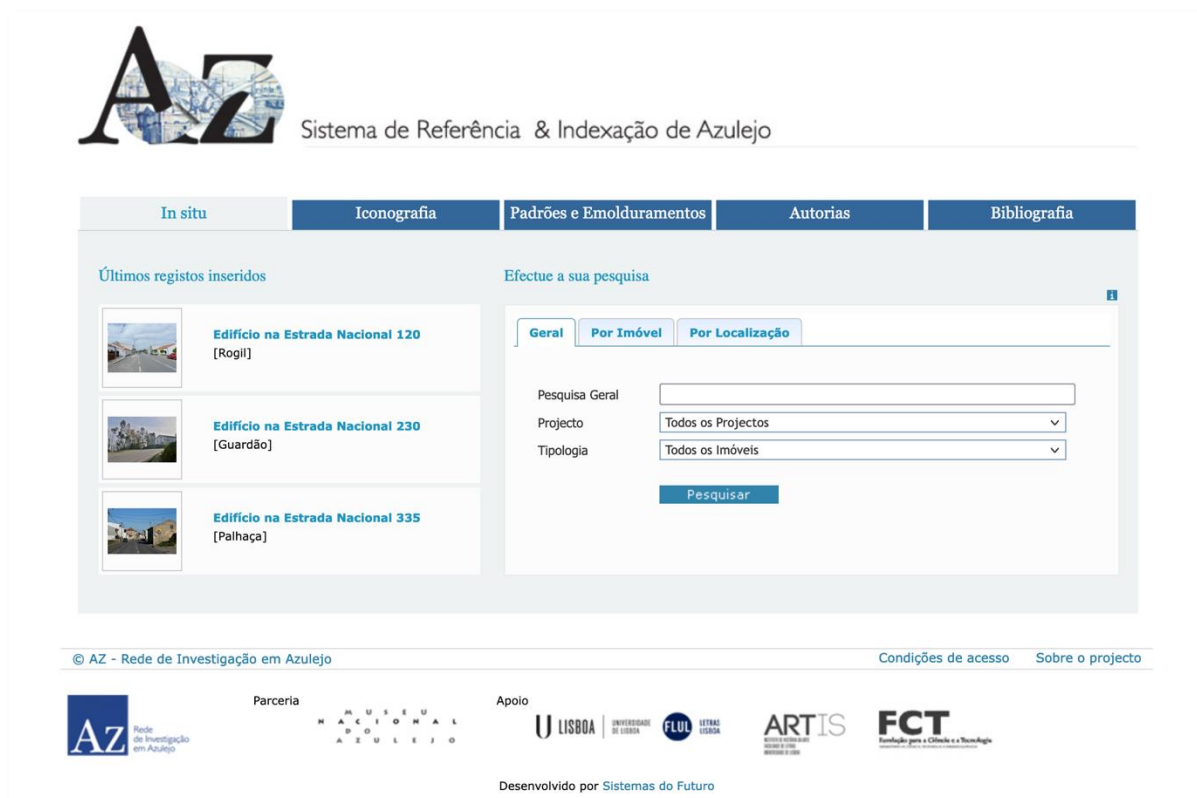


Fig. 1 – Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo, interface público

Observando agora cada uma dessas áreas, o *In situ* contempla o registo dos revestimentos que se conservam aplicados, documentando-se o edifício, os espaços com azulejos e, por fim, o revestimento cerâmico, numa estrutura hierárquica, sempre do geral para o particular, que acaba por privilegiar a ideia do azulejo como património integrado. Em suma, reflete as indicações do *Guia de inventário*, quando recomenda a disposição hierárquica dos revestimentos, organizado em “árvore” e, deste modo, sempre relacionados com a arquitetura:

\_Imóvel

\_Espaço

\_Revestimento

Por sua vez, na *Iconografia* registam-se os temas e aspetos específicos representados nos azulejos, através do *Iconclass*, cujos temas e códigos alfanuméricos são estruturados hierarquicamente, como veremos a seguir. Esta opção apresenta múltiplas vantagens, como o

maior rigor nos resultados de pesquisa. A área intitulada *Padrões e emolduramentos* incide sobre esta tipologia azulejar e a respetiva catalogação específica. Já a área *Autorias* regista as biografias dos intervenientes nas obras de azulejo, sejam oleiros, olarias, ladrilhadores, pintores, artistas, arquitetos, fábricas, entre outros, assim como as respetivas cronologias. Por fim, a *Bibliografia* apresenta uma lista atualizada de referências sobre a azulejaria portuguesa.

Já percebemos como é que *Az Infinitum* se apresenta ao público, dividido em cinco categorias. Contudo, como é que funciona o sistema por dentro? Trata-se, como já referimos, de uma base de dados relacional, que assenta num conjunto de módulos e tarefas, independentes, mas interrelacionados (fig. 2). O *Az Infinitum* usa a tarefa *Catalogação*, que por sua vez se subdivide em *Imóveis* (contempla as fichas de imóveis e espaços) e *Integrado* (contempla as fichas de revestimentos) como base da área *In situ*. Os *Padrões* inscrevem-se também na *catalogação*, articulando-se diretamente com as fichas de revestimento. Todavia, ao relacionar, por exemplo, um autor a uma determinada ficha, estamos a recorrer às *Entidades*, enquanto se associarmos um livro usamos as *Referências* e, no caso da classificação através do *Iconclass*, os termos encontram-se registados na *Terminologia*.



Fig. 2 – Base de dados relacional *InPatrimonium*, desenvolvida pela empresa Sistemas do Futuro

Como veremos no próximo capítulo, neste trabalho recorreremos sobretudo à *catalogação* e, a partir daí, sempre que necessário, às outras tarefas, como a *terminologia*, as *entidades* ou as *referências*.

Porém, nem todas as potencialidades do *Az Infinitum* são usadas (Carvalho 2018, 88-95). Exemplo dessa situação é a imagem, que desempenha mais do que uma faceta. Por um lado, é a de reproduzir cada obra de arte, documentando os azulejos que ainda se encontram no local e que podem estar sujeitos a degradação, deslocamento ou desaparecimento. Por outro lado, no caso particular da catalogação de padrões, as fotografias vêm substituir as peças originais, criando-se imagens-tipo (Aguar e Carvalho 2016, 48). No contexto do nosso trabalho, a imagem está ausente, pois apenas iremos tratar dados textuais.

Por fim, importa ainda salientar a importância dos vocabulários controlados que permitem a categorização, indexação e recuperação da informação (Harpring 2016, 24). O *Az Infinitum* recorre a listas internacionais normalizadas e providenciadas por organismos que muito têm contribuído para o desenvolvimento de glossários e para a criação de *thesauri* para as mais variadas matérias, entre os quais salientamos a lista hierarquizada *Iconclass*, ferramenta que utilizamos para o presente trabalho de projeto.

### **2.3 O sistema *Iconclass***

A par do já mencionado *Index of Medieval Art*, uma das mais importantes ferramentas de classificação iconográfica, pelo nível de sistematização e aplicabilidade a um universo generalizado de obras de arte, foi o *Iconclass*. Iniciado por Henri van de Waal (1910-1972), professor de História da Arte na Universidade de Leiden, o sistema de classificação para conteúdos culturais começou a ser desenvolvido no início da década de 1950. A sua publicação ocorreu após a morte de van de Waal, entre 1973 e 1985 pela *Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences* (KNAW) (Kabashi 2019, 15).

Entre 1990 até 2001, foi desenvolvida uma edição computadorizada pela Universidade de Utrecht. Nesse ano de 2001 a KNAW vem assumir novamente a gestão do *Iconclass*, apoiando a sua tradução, daí resultando uma versão multilíngue disponibilizada *online* em 2004. Em 2006, o Rjksbureau voor Kunsthistorische Documentatie (RKD) (Instituto de História da Arte Holandês) assumiu a gestão do sistema e, em 2009, foi lançada uma nova versão, tendo como editores Hans Brandhorst e Etienne Posthumus (<http://www.iconclass.org>). Desde então o

sistema tem incorporado diferentes funcionalidades, mantendo-se disponível *online* e em livre acesso, beneficiando das diversas traduções que têm vindo a ser realizadas, incluindo a portuguesa, ainda somente disponível na versão de testes. A tradução portuguesa foi realizada por um grupo da Rede de Investigação em Azulejo, em articulação com os atuais responsáveis pela manutenção do sistema (Hans Brandhorst e Etienne Posthumus), estando parcialmente disponível no *Az Infinitum* ([http://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/p\\_cient,0,579.aspx](http://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/p_cient,0,579.aspx)). É esta a versão que adotamos no trabalho.

Antes de avançar, e até pela relevância deste sistema para o próprio trabalho de projeto, importa perceber como funciona o *Iconclass* e em que medida se diferencia de outras listas hierárquicas ou *thesaurus* atuais. O *Iconclass* é considerado um novo método que vem auxiliar no campo da iconografia. Van Straten afirma que foi o mais importante “(...) step forward in Iconography since the Second World War (...)” (van Straten 1986, 174), acreditando firmemente que todas as instituições de arte do mundo deveriam usar este sistema para classificar as suas coleções.

O sistema em si é uma “árvore” hierárquica e sistematizada de códigos, sendo que a cada tema corresponde um código alfanumérico, que permite uma eficaz recuperação de informação, em várias línguas. Podemos distinguir três componentes principais no *Iconclass*:

- 1) O sistema de classificação;
- 2) O índice alfabético;
- 3) A bibliografia.

O mais importante é, naturalmente, o primeiro, ou seja, o sistema de classificação em si. Contém 28.000 termos ou definições, organizados de forma hierárquica, a partir de dez conceitos base. Cada uma destas definições está associada a um código alfanumérico. Os números de 1 a 5 representam tópicos mais gerais, enquanto os números de 6 a 9 são tópicos mais específicos e narrativos, como é o caso do tópico 7, dedicado à Bíblia. Mais tarde, em 1996, foi adicionada uma nova categoria (0) dedicada à Arte e à Arte não representativa.

Cada uma destas divisões pode ser ainda subdividida, sendo que os termos se tornam mais específicos à medida que vamos avançando nas “ramificações da árvore”. Para tal, associa-se um dígito ao já existente como acontece, por exemplo, no 7 – *Bíblia*:

71 – *Antigo Testamento*

72 – *justaposições e composições tipológicas*

### 73 – Novo Testamento

Por sua vez, estes também podem ter subdivisões, utilizando de seguida uma letra para especificar o tema:

*73A – (cenas da vida de) João Baptista e Maria*

*73B – nascimento e juventude de Jesus*

*73C – vida pública de Jesus: do seu Baptismo até à Paixão*

*73D – Paixão de Cristo*

*73E – acontecimentos desde a Ressurreição ao Pentecostes (Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 20-21, Actos 1: 3-11), morte de Maria e José*

*73F – vida e actos dos apóstolos de Cristo, epistolas*

*73G – a Revelação de João, o Apocalipse*

Consequentemente, se for necessário especificar ainda mais, depois de adicionar uma letra, à medida que se vai avançando nas “ramificações da árvore”, juntam-se apenas números. Por exemplo: *73A4 – Maria e José* é uma das especificações de cenas da vida de Maria *73A*. Por vezes encontramos a duplicação das letras. Não são usadas em todas as notações, mas apenas em casos concretos, como é o caso de *IIH – santos* e o *IIHH*, dedicado a santas femininas.

O índice alfabético contém por volta de 14.000 palavras-chave, permitindo localizar de forma mais eficaz a informação. Por fim, a bibliografia, que não se encontra ainda disponível na versão *online*, contabiliza mais de 40.000 referências, entre monografias e artigos.

Como afirmamos anteriormente, o *Iconclass* foi considerado por van Straten uma das mais importantes ferramentas para os estudos iconográficos (van Straten 1986, 174-181). O autor usava o *Iconclass* em papel e, através da pesquisa nos índices por palavras-chave, facilmente conseguia localizar os códigos e respetivas descrições, identificando o tema representado na obra em análise. A bibliografia e as coleções classificadas com o *Iconclass* complementam a identificação, abrindo novas perspectivas de estudo e análise de um determinado tema ou assunto (mesmo que inicialmente não se tenha conhecimento do tema representado) conduzindo-nos assim para uma interpretação iconográfica, ou seja, a terceira fase definida pelo autor (van Straten 1986, 180).

A facilidade de utilização, mesmo em papel, tornou van Straten um defensor do *Iconclass*, prevendo que, em vários artigos (van Straten 1985; 1986), o sistema se tornaria um instrumento de enorme utilidade. A transposição do *Iconclass* para sistemas informáticos e, mais tarde, a sua disponibilização *online*, devia ter sido suficiente para concretizar as previsões de van Straten. Porém, apesar das óbvias vantagens de um sistema de livre acesso disponível *online*, a previsão do autor não aconteceu. Apesar de várias instituições e projetos, em todo o mundo, recorrerem ao *Iconclass*, o sistema está longe de ser uma ferramenta consensual e largamente utilizada. Em Portugal, só é usado no contexto do *Az Infinitum* e, como tal, foi também a classificação iconográfica adotada no presente trabalho de projeto, fazendo corresponder os códigos do *Iconclass* aos temas identificados nas obras de João Miguel dos Santos Simões (1963; 2010).

#### **2.4 Classificação iconográfica vs programa iconográfico**

Em suma, o *Iconclass* permite classificar as imagens de acordo com o que nelas está representado, com óbvias vantagens na recuperação de informação. Essa classificação pode incidir sobre o tema (ex. 73A6 – *Visitação (...)*) (fig. 3) ou sobre cada um dos elementos que formam a composição (ex. 11F - *Virgem Maria*; 11H(JOSEPH) - *pai adoptivo de Cristo (...)*; 41A32 – *porta*; 25G3 – *árvore*, etc.).



Fig. 3 – Alcácer do Sal, Igreja de Santiago, c. 1720. Fotografia Rosário Salema de Carvalho / *Az Infinitum*.

No *Az Infinitum*, e de acordo com o manual de procedimentos, apenas se classifica o tema representado em cada secção e, nos casos em que há mais do que um tema por secção, estas são subdivididas em *secção a*, *secção b*, e assim por diante. Recordamos que, por secção, entende-se a “área figurativa, de padronagem ou ornamental, delimitada por emolduramento” (Carvalho, Pais e Figueiredo 2018, 32) (fig. 4 e 5).



Fig. 4 e 5 – Évora, Convento de São Francisco, Sala da Ordem Terceira, 1702.  
Fotografias: SIPA, fotos n.º 00670548 e 00670549.

Com exceção de exemplos muito específicos, como é caso de invocação não contidas no *Iconclass*, a utilização desta classificação hierárquica é simples e direta. Em todo o caso, como veremos no capítulo seguinte relativo ao trabalho desenvolvido na *fase 1 – preparatória*, é essencial criar alguns mecanismos para garantir a coerência na utilização dos códigos.

O presente trabalho de projeto inaugurou, todavia, um novo nível de classificação no *Az Infinitum* e que diz respeito ao programa. O termo *programa iconográfico* surgiu, muito possivelmente, no final do século XIX, mas a sua utilização no contexto da História da Arte não é consistente: “(...) it may be no more than a synonym for the subject-matter of a work of art, which might have been devised entirely by the artist; equally, it may imply a detailed specification of the entire content of a picture or sculpture” (Hope e McGrath 1996, 84). Mas pode também, segundo os mesmos autores, descrever um esquema de imagens relacionadas tematicamente, concebido por um erudito. Muito embora esta ambiguidade possa implicar que qualquer obra de arte ou grupo de obras de arte seja necessariamente coerente no que respeita ao significado e conteúdo apreendido (Hope e McGrath 1996, 84), neste trabalho de projeto limitamo-nos a usar o conceito de uma forma mais simples e operativa, ou seja, entendemos

por *programa iconográfico* identificação do tema genérico que une um conjunto de representações individuais. Deste modo, conseguimos classificar os revestimentos de azulejo em grandes conjuntos temáticos, que tornam a sua análise mais facilitada. No entanto, e como se perceberá a seguir, a conciliação entre este conceito e as classificações do *Iconclass* é bem mais complexa, tendo exigido uma reflexão profunda e alargada, com leituras complementares, quer na área da história do azulejo, quer no campo da iconografia. Na verdade, este entendimento de programa iconográfico não exclui o estudo aprofundado de cada conjunto, relacionado com as fontes textuais que certamente lhes deram origem, mas esta investigação está muito para além do âmbito do nosso trabalho, mesmo a propósito do caso de estudo final.



*11H(SEBASTIAN)68 - São Sebastião é açoitado ou espancado até a morte*

Alhos Vedros, Igreja de São Lourenço,  
Capela de São Sebastião, 1730  
Fotografia: Margarida Capelo /  
Az Infinitum, 2021

### **3. As representações azulejares do século XVIII: documentar a “construção” de um inventário iconográfico passo a passo**

Como afirmamos anteriormente, a nossa base de trabalho foi o conjunto de inventários, realizados nos anos de 1650 e 1960 por Santos Simões, publicados em vários volumes, nomeadamente *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (na sua edição revista de 2010) e *Azulejaria portuguesa nos Açores e na Madeira* (1963). A informação constante nestas duas obras deveria ser organizada e catalogada no *Az Infinitum*, cujas estrutura genérica apresentámos no capítulo anterior.

Assim, e muito embora tenhamos partido de dados já existentes, os mesmos tiveram que ser sujeitos a um processo de mediação / remediação, ou seja, foi necessário transferi-los para um formato digital, de modo a poderem ser tratados e analisados computacionalmente (Drucker 2021, 3). Todavia, alguns dados já existiam no *Az Infinitum*, resultantes de projetos ou trabalhos anteriores, pelo que, nesses casos, contámos com dados já digitais. É todo este processo, e as opções efetuadas ao longo do mesmo, que passaremos a descrever de seguida, preparando o capítulo final da análise de dados, cujas leituras são necessariamente dependentes das escolhas realizadas previamente.

Assim, e porque atribuímos uma enorme importância à documentação das opções, o presente capítulo descreve detalhadamente as diversas fases de trabalho – fase preparatória, fase *Excel* e fase *Az Infinitum* –, refletindo, sempre que necessário, os debates da historiografia sobre a matéria.

#### **3.1 Fase 1 – preparatória**

A primeira tarefa realizada consistiu na leitura das obras de Santos Simões acima referidas. No que diz respeito ao volume dedicado ao século XVIII, optou-se por utilizar a edição mais recente, uma vez que esta foi atualizada com informação e, principalmente, novos imóveis (tabela 1 e gráfico 1) – a edição de 1979 apresenta um total de 917 imóveis com revestimentos azulejares, enquanto a edição de 2010 conta com 1059 imóveis, ou seja, mais 142 do que a edição original. Apesar desta edição de 2010 ter sido impressa há mais de dez anos, o que significa que desde então muitos conjuntos podem já ter desaparecido, não deixa de ser a mais recente, apresentando dados mais completos que a original e, deste modo, permitindo completar de forma mais eficaz o nosso trabalho.

<b>Distritos</b>	<b>(Simões 1979)</b>	<b>(Simões 2010)</b>
<b>Aveiro</b>	10	10
<b>Beja</b>	18	29
<b>Braga</b>	30	40
<b>Bragança</b>	1	1
<b>Castelo Branco</b>	10	10
<b>Coimbra</b>	66	76
<b>Évora</b>	60	101
<b>Faro</b>	29	34
<b>Guarda</b>	5	5
<b>Leiria</b>	45	45
<b>Lisboa</b>	417	389
<b>Portalegre</b>	38	60
<b>Porto</b>	20	31
<b>Santarém</b>	60	60
<b>Setúbal</b>	67	107
<b>Viana do Castelo</b>	13	24
<b>Vila Real</b>	5	6
<b>Viseu</b>	23	31
<b>TOTAL</b>	<b>917</b>	<b>1059</b>

Tabela 1 – Tabela comparativa do número de imóveis com revestimentos do século XVIII presente nas duas edições da obra *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (Simões 1979; Simões 2010), organizada por distrito

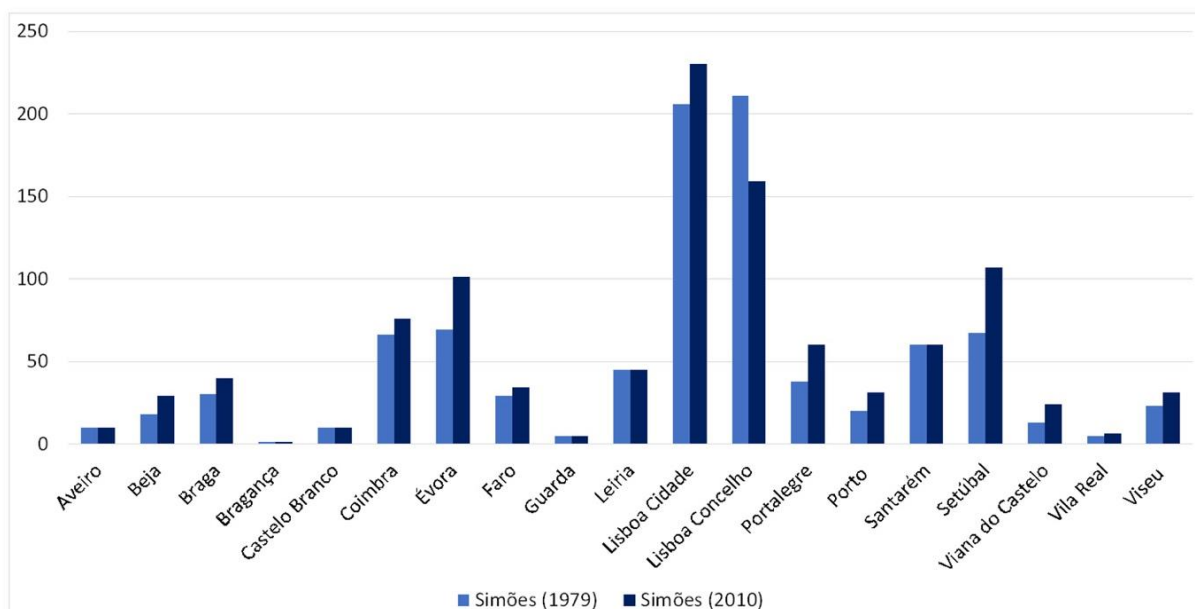


Gráfico 1 – Tabela comparativa do número de imóveis com revestimentos do século XVIII presente nas duas edições da obra *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (Simões 1979; Simões 2010), organizada por distrito

Após a leitura das obras de Santos Simões, foi efetuada uma recolha dos temas identificados no índice iconográfico do volume do século XVIII (Simões 2010, 717-726), fazendo-os corresponder aos códigos do sistema de classificação de conteúdos culturais *Iconclass*. Esta correspondência *a priori* dos temas iconográficos permitiu uma maior coerência na sistematização dos dados, possibilitando identificar no *Iconclass* o código correto para cada tema, favorecendo um maior rigor na classificação dos temas iconográficos, mesmo quando Santos Simões utilizou designações distintas (tabela 2).

#### Designações textuais diferentes,

#### mas referentes ao mesmo tema (Simões 2010)

#### Código *Iconclass*

Morte da Virgem

73E74 - a Dormição: Maria no seu leito de morte, os apóstolos reúnem-se em seu redor (João o Evangelista pode ser representando a dormir ou a sonhar)

Morte de Nossa Senhora

73E74 - a Dormição: Maria no seu leito de morte, os apóstolos reúnem-se em seu redor (João o Evangelista pode ser representando a dormir ou a sonhar)

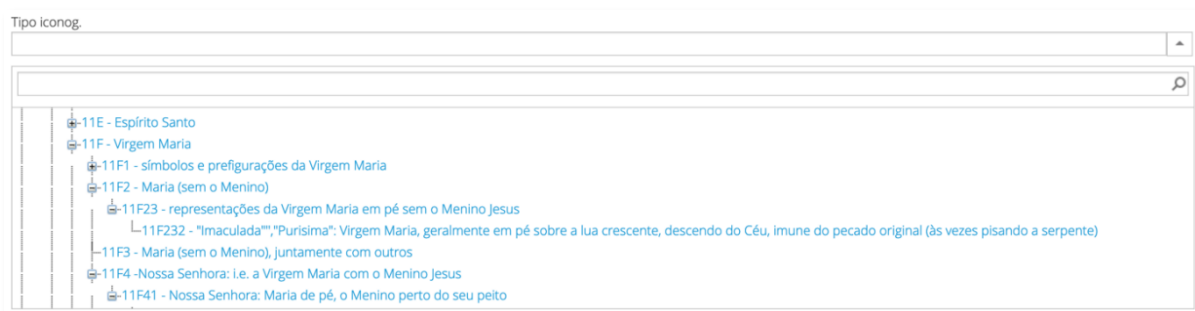
Tabela 2 – Exemplo de temas iconográficos idênticos, mas com designações distintas

Por outro lado, estas tabelas de correspondência foram também necessárias uma vez que o *Iconclass* não dispõe, por exemplo, de códigos para as múltiplas invocações de Nossa Senhora existentes em Portugal (e não só). Neste caso, a opção, seguindo o *Manual de procedimentos*

do *Az Infinitum*, é a de usar o código mais próximo, ou seja, subir na hierarquia do *Iconclass*. Observando o exemplo relativo às invocações de Nossa Senhora, optou-se por atribuir o código *11F - Virgem Maria*, mais genérico, mas capaz de garantir que nenhuma representação é “perdida” (tabela 3), porque, ao analisar o *Iconclass*, percebemos que as invocações de Nossa Senhora se encontram em locais distintos da “árvore”, não sendo possível isolar um “ramo” específico (fig. 6 e 7). Como complemento, a invocação foi sempre registada no campo *Descrição*, em texto livre (fig. 8 e 9).

Designação textual (Simões 2010)	Código <i>Iconclass</i>
Nossa Senhora da Atalaia	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Boa Viagem	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Conceição da Penha de França	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Estrela	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Glória	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Graça	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Guia	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Lapa	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Nazaré	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Peninha	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Piedade	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora da Salvação	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora das Almas	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora do Carmo	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora do Resgate	11F - Virgem Maria
Nossa Senhora dos Anjos	11F - Virgem Maria

Tabela 3 – Exemplo de temas onde foi utilizado o mesmo código abrangendo várias invocações



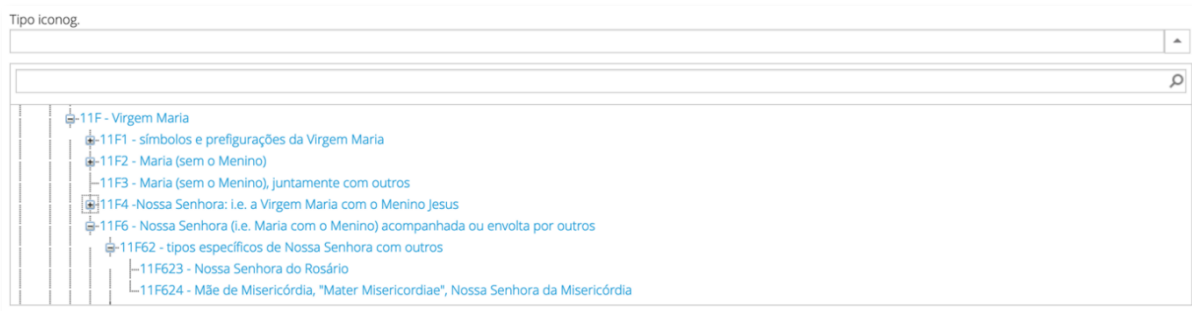


Fig. 6 e 7 – Visão da hierarquia do *Iconclass* no *Az Infinitum* (acesso do investigador)

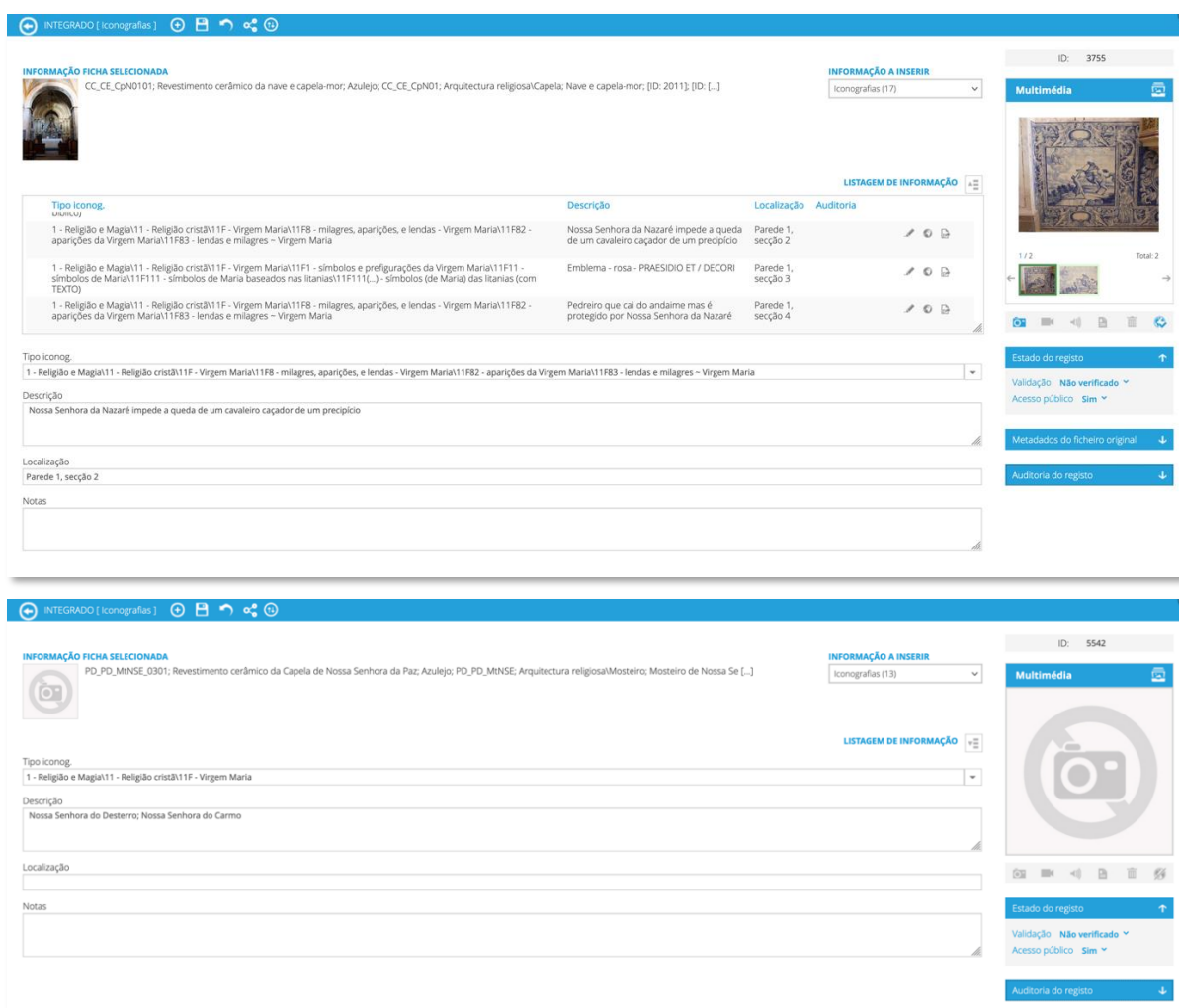


Fig. 8 e 9 – *Az Infinitum*, fichas de revestimento, grupo de informação Iconografia (acesso do investigador), com classificação de uma narrativa referente a um milagre de Nossa Senhora (Nossa Senhora da Nazaré) e de duas invocações (Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora do Carmo)

Regressando à questão do programa iconográfico, a leitura atenta das obras de Santos Simões fez-nos compreender, desde logo, que o autor classificou tanto o programa, como os episódios específicos que o compõem, e nem sempre foi coerente, o que significa que umas vezes apenas indicou o tipo de programa (ex.: cenas marianas) sem especificar cada uma das representações

individuais, outras descreveu com minúcia cada composição, e em outros casos ainda misturou as duas abordagens. Todavia, nos casos em que é mais completo, nem sempre se fica com a certeza de que o elenco temático seja o total. Esta questão implicou o que consideramos ter sido a primeira opção de grande impacto no trabalho, e cujo conceito explicámos anteriormente – distinguir entre a classificação de secções, que não é sistemática, e a classificação do programa.

Deste modo, o nosso trabalho foi sistemático na classificação do programa, como as leituras subsequentes irão demonstrar, mas refletiu a incoerência dos dados originais na classificação por secção. Apesar dos revestimentos já catalogados com detalhe existentes no *Az Infinitum*, esta diferença mantém-se e tem consequências significativas, pois implica sempre duas velocidades – é possível ter uma ideia do volume de programas referentes à vida de Cristo e da Virgem, por exemplo, mas não é possível saber quantas *Anunciações* foram pintadas em Portugal no século XVIII e que ainda eram identificáveis na década de 1960 e no início do século XXI.

A classificação dos programas implicou, ainda, alguma redução ou simplificação na atribuição dos códigos do *Iconclass*, de modo a agrupar representações distintas. Recorrendo ao exemplo anterior, no *Iconclass* a vida da Virgem e de Cristo apresenta a seguinte divisão:

#### *Iconclass*

---

73A - (cenas da vida de) São João Baptista e Maria

---

73A3 - nascimento e juventude de Maria

---

73A4 - Maria e José

---

73A5 - anúncio do nascimento de Cristo (Lucas 1:26-38)

---

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

---

73B - nascimento e juventude de Jesus

---

73C - vida pública de Jesus: do seu Baptismo até à Paixão

---

73D - Paixão de Cristo

---

73E - acontecimentos desde a Ressurreição ao Pentecostes (Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 20-21, Actos 1: 3-11), morte de Maria e José

---

Tabela 4 – *Iconclass* – códigos relativos aos temas da vida da Virgem e de Cristo

Muito embora a tabela 4 não contenha todos os códigos, mas represente apenas uma parte da hierarquia, é fácil perceber que um programa contendo o *casamento da Virgem* (73A4), a

*Visitação* (73A6), a *Anunciação* (73A52) e a *Adoração dos Magos* (73B57), dificilmente pode ser reduzido a um único código. Na verdade, o único comum a todos é o 73, ou seja, 7 – *Bíblia\73 - Novo Testamento*, e foi este mesmo o utilizado. A excessiva generalização que o código 73 - *Novo Testamento* comporta foi compensada pela inclusão na categoria *Descrição*, em texto livre (mas sempre copiado da mesma fonte para evitar erros de escrita), da seguinte frase: “*cenar da vida da Virgem e de Cristo*”. Quando Santos Simões se refere apenas a uma das figuras, sem discriminar as representações, a opção foi seguir essa indicação, substituindo a frase por “*cenar da vida da Virgem*” ou “*cenar da vida de Cristo*”, conforme os casos. A única exceção diz respeito aos programas relacionados com a Paixão de Cristo, habitualmente coerentes e “unidos” pela classificação *73D - Paixão de Cristo*.

Para esta decisão muito contribuiu a leitura complementar da obra *Iconografia del arte cristiano*, de Louis Réau (1996), pois o autor segue um esquema de “arrumação” semelhante ao *Iconclass*, separando as figuras (Cristo e a Virgem) dos episódios narrativos presentes no *Novo Testamento*, que por sua vez divide em cinco subcapítulos, todos eles integrados no que designou *cenar narrativas dos Evangelhos*:

1. A vida da Virgem, na qual inclui a *Anunciação* e a *Visitação*;
2. A *Infância de Cristo*, que começa com a *Natividade* e termina com o episódio de *Jesus entre os Doutores*;
3. A *vida pública de Cristo*;
4. A *Paixão de Cristo*;
5. A *Glorificação de Cristo e da Virgem*.

De uma forma geral, os programas iconográficos católicos não levantam problemas significativos, pois são facilmente agrupáveis em conjuntos maiores. Ainda assim, registamos um de vários exemplos em que a decisão do “catalogador” é mais difícil. Trata-se da Igreja da Misericórdia de Évora, obra datada de 1716 e atribuída a António de Oliveira Bernardes, com sete secções de grandes dimensões representando cenar da vida de Cristo, mas alusivas às obras de misericórdia espirituais (fig. 10). Esta ficha já se encontrava preenchida no sistema, com cada uma das secções catalogada de acordo com a obra de misericórdia em causa, mas identificando no campo *Descrição* o episódio bíblico representado e transcrevendo, ainda, o texto da filactéria alusivo à obra de misericórdia. Neste caso, a classificação já efetuada privilegiou as obras de misericórdia, mas sem ignorar as restantes leituras, o que significa que, de alguma forma, a opção já estava feita – o programa deveria privilegiar também as obras de

misericórdia. Ao investigar as razões desta escolha prévia percebemos que a indicação expressa através das filactérias ia neste sentido, guiando o observador de modo direto, independentemente de outros significados que pudessem ser revelados. Ainda assim, a hierarquia do *Iconclass* apresenta diversas possibilidades para as obras de misericórdia:

*1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11V - (sete) Obras de Misericórdia*

*11V8 - (sete) Obras de Misericórdia espirituais*

*11VV8 - (sete) Obras de Misericórdia espirituais - VV - Cristo presente*

Ou seja, as obras espirituais estão contidas no código 11V, mas, ao contrário das corporais, têm um código de conjunto, o 11V8, que por sua vez ainda isola composições como as de Évora em que se usam cenas da vida de Cristo para ilustrar a prática das obras. Todavia, e considerando outras representações no contexto do mesmo programa (os emblemas inferiores), a par das dificuldades de pesquisa que podem advir de uma catalogação de programa demasiado específica, optou-se por atribuir a este programa o código *1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11V - (sete) Obras de Misericórdia*, isto é, o mais subido da hierarquia, por se considerar ser aquele que melhor representava a realidade favorecendo os resultados de pesquisa que se pretendiam alcançar.



Fig. 10 – Évora, Igreja da Misericórdia, António de Oliveira Bernardes (atr.), 1716 (fotografia: Az *Infinitem*)  
*11VV82 - Ensinar os simples - uma das (sete) Obras de Misericórdia espirituais - VV - Cristo presente*

No que diz respeito aos santos, os problemas encontrados não foram mais fáceis de resolver, até porque as notas descritivas de Santos Simões podem referir tanto a representação de vários santos sem elencar cada um, como apenas os nomes, ficando a dúvida se se trata de um episódio narrativo ou não. Do mesmo modo, quando por vezes enumera o programa narrativo, não há certezas sobre a sistematização desse elenco. Por outro lado, e tal como vimos no que respeita às invocações de Nossa Senhora, também para os santos o *Iconclass* é omissivo em múltiplos casos.

Assim, determinou-se utilizar o código *11H* – *santos* quando os programas incluíssem santos e santas, distinguindo os mesmos com os respetivos códigos, sempre que possível – *11H(...)* - *santos masculinos* e *11HH(...)* - *santas femininas*. Mais uma vez, a invocação, sempre que conhecida, foi indicada em texto livre na *Descrição*. Obviamente que, caso o santo esteja descrito no *Iconclass*, se usou o código adequado. No entanto, para a classificação do programa, optou-se sempre pelo primeiro nível da hierarquia. Por exemplo, para um programa dedicado a Santo António a classificação é *11H(ANTONY OF PADUA)* - *o Monge Franciscano António de Pádua, possíveis atributos: burro, livro, crucifixo, cruz de flores, coração em chamas, Jesus (sobre um livro), lírio*; enquanto para Santa Teresa é *11HH(THERESA)* - *fundadora das carmelitas reformadas (descalças), Teresa de Ávila, possíveis atributos: anjo, flecha, pomba, coração (flamejante ou trespassado por uma flecha)*. Ainda em matéria de exceções, esta regra foi importante para resolver o problema levantado com São João Baptista, cujos episódios são descritos a partir da hierarquia 73A mas desdobram-se para outros códigos, optando-se então por usar no programa a classificação *11H(JOHN THE BAPTIST)* - *João Baptista, possíveis atributos: livro, cruz de junco, concha do baptismo, favo de mel, cordeiro, báculo (cajado)*.

As maiores dificuldades em fazer corresponder as classificações iconográficas de Santos Simões e o *Iconclass* ocorreram, no entanto, ao nível dos programas e representações não religiosas. Por um lado, a utilização de expressões como “cenas frívolas”, “cenas galantes”, cujos significados são muito latos e sujeitos a interpretações diversas, torna a tarefa mais complexa mas, por outro, a aparente falta de unidade dos programas é verdadeiramente dramática. Observemos o exemplo do Salão Nobre da Casa dos Biscainhos, em Braga (fig. 11), ficha que também já se encontrava preenchida no *Az Infinitum*, o que permite confrontar o texto de Santos Simões com a catalogação efetuada por Rosário Salema de Carvalho e as imagens associadas (fig. 12 e 13). No livro editado em 1979, a expressão usada para definir o programa é “enorme silhar em cujos centros há cenas de jardins com figuras de damas toucadas «em

pena»” (Simões 1979, 97). O texto acrescentado na edição de 2010 refere “(...) cenas de temática cortesã e caçadas de âmbito recreativo (...)”. A seguir descreve algumas das secções: “(...) fonte monumental com pares de damas e cavalheiros, os músicos (...) cenas de caçadas, cenas fluviais, campestres, de pesca.” (Simões 2010, 110).

A ficha do *Az Infinitum* contabiliza dez entradas referentes a igual número de secções figurativas, a que foram atribuídos os códigos visíveis na figura 11. Como se percebe facilmente, cada secção deveria ter sido catalogada com mais do que um código, porque é quase impossível resumir os acontecimentos representados a uma única classificação (fig. 12). Analisando os códigos atribuídos, a maior parte tem origem na raiz 4, mas há dois com origem na raiz 2. Assim, o que une paisagens campestres e marítimas, cenas de caça e jardins (onde se observam diversas ações não classificadas como tal)? Para exemplos deste género, que são uma larga maioria, opção foi sempre, e necessariamente, uma classificação genérica, subindo na hierarquia quase até aos 10 temas base, como se verifica, por exemplo, no código atribuído a este conjunto: 43 - *recreativo, divertimento*.



Fig. 11 – Braga, Casa dos Biscainhos, sala. Fotografia: *Az Infinitum*



Fig. 12 – Braga, Casa dos Biscainhos, sala, detalhe de uma das secções. Fotografia: *Az Infinitum*


































INFORMAÇÃO FICHA SELECIONADA		INFORMAÇÃO A INSERIR	
BR_S_CBis0101; Revestimento cerâmico da sala; Azulejo; BR_S_CBis01; Arquitectura civilSolar; Sala; [ID: 1926]; [ID: 3156]		Iconografias (11)	
LISTAGEM DE INFORMAÇÃO			
Tipo Iconog.	Localização	Auditoria	
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento	Programa	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição	Parede 1, secção 1	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
2 - Natureza\25 - terra, mundo como corpo celeste\25H - paisagem\25H1 - paisagens na zona temperada\25H17 - campo, pastagem	Parede 1, secção 2	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
2 - Natureza\25 - terra, mundo como corpo celeste\25H - paisagem\25H2 - paisagem com águas, paisagem marítima, paisagem marinha (na zona temperada)	Parede 2, secção 1	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11124 - caça - animais com patas\43C111243 - caça ao javali	Parede 2, secção 2	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C111 - jogo, animais caçados\43C1112 - caça - mamíferos\43C11128 - caça - outros mamíferos	Parede 2, secção 3	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais	Parede 2, secção 4	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C12 - pesca (desporto)\43C121 - pesca à linha	Parede 3, secção 1	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\41 - aspectos materiais da vida diária\41A - alojamento\41A6 - jardim\41A63 - desenho de um jardim\41A636 - jardim francês; jardim formal, à italiana	Parede 3, secção 2	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\43 - recreativo, divertimento\43C - desportos, jogos e demonstrações físicas\43C1 - desportos, jogos - animais\43C11 - caçada, perseguição\43C114 - caçador	Parede 4, secção 1	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\41 - aspectos materiais da vida diária\41A - alojamento\41A6 - jardim\41A63 - desenho de um jardim\41A636 - jardim francês; jardim formal, à italiana	Parede 4, secção 2	Rosário Salema de Carvalho (2021-11-05)	  

Fig. 13 – Visão da ficha *revestimento cerâmico da sala*, BR\_S\_CBis0101, da Casa dos Biscainhos, em Braga, no *Az Infinitum* (acesso do investigador)

Outro dos critérios adotado, quando os revestimentos que englobam várias temáticas, foi a preponderância de determinados temas. Por exemplo, se em sete secções, cinco são de caça e outras duas de assuntos distintos, prevalece o código *43C11 - caçada, perseguição*.

Paralelamente, fomos realizando um conjunto bastante alargado de leituras, de modo a contextualizar o objeto de estudo. Por um lado, estas leituras incluíram monografias e artigos relativos à história do azulejo, de forma a compreender a sua evolução até à atualidade; textos referentes aos pintores de azulejo da época em estudo, assim como aos revestimentos azulejares, destacando especialmente abordagens iconográficas, que nos permitiram compreender os

diferentes pontos de vista de cada investigador sobre essa matéria. Esta pesquisa bibliográfica foi essencial para discutir as classificações iconográficas, conduzindo a opções mais informadas e sustentadas. Referimos, de forma muito particular, a tese de doutoramento de Maria Alexandra Gago da Câmara (2005), intitulada *A arte de bem viver: a encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa da segunda metade de setecentos*, que analisa o azulejo como espelho da sociedade propondo algumas tipologias de classificação das representações que não só contribuíram para clarificar as expressões usadas por Santos Simões, como também para agrupar e criar correspondências com o *Iconclass*.

### **3.2 Fase 2 – Excel**

Uma vez determinados os principais códigos e correspondências iconográficas, foi necessário ter em atenção um outro conjunto de dados mais vasto. Nesta segunda fase, o principal objetivo era preencher um conjunto de fichas *Excel*, organizadas por distritos, de forma a recolher a informação necessária à criação de fichas de imóvel e revestimento no *Az Infinitum*. Cada ficheiro reflete a estrutura de dados do sistema, pelo que a informação a registar nas diversas colunas incidiu sobre os seguintes grupos de informação:

#### **\_ Imóveis**

- \_ Designação
- \_ Número de inventário (atribuído posteriormente)
- \_ Distrito
- \_ Concelho
- \_ Freguesia
- \_ Espaços com revestimento azulejar (desdobrados em linhas)
- \_ Número SIPA
- \_ URL SIPA
- \_ Proteção legal

#### **\_ Revestimentos**

- \_ Autoria
- \_ Justificação
- \_ Datação
- \_ Justificação
- \_ Iconografia (código *Iconclass* simplificado)
- \_ Comentário
- \_ Notas

Importa destacar que, para além das categorias referentes à localização e classificação, foi ainda conferida especial atenção às “outras numerações”, ou seja, à identificação de outros inventários

onde o mesmo imóvel se encontre descrito. Seguindo o manual do *Az Infinitum*, inseriram-se os números de identificação de cada imóvel do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)<sup>5</sup>, assim como o URL da ficha respetiva, e a proteção legal (quando existe) do mesmo, esta última recolhida no SIPA, mas sempre confirmada através da página oficial da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), que permite consultar todo o património cultural imóvel classificado ou em vias de classificação<sup>6</sup>. Ambas as fontes foram essenciais na definição dos dados relativos à localização, embora, sempre que necessário, a pesquisa tenha sido complementada com a consulta das páginas oficiais das paróquias, por exemplo, também para perceber se as designações adotadas estão atualizadas. Convém não esquecer que, apesar da obra dedicada ao século XVIII ter sido revista e atualizada em 2010, o livro dedicado aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, de 1963, não sofreu qualquer revisão desde a sua publicação.

A tabela 5 e o gráfico 2, relativos aos imóveis e espaços com revestimentos azulejares, ilustram o trabalho realizado nesta fase, revelando terem sido preenchidas um total de 2632 entradas nos ficheiros *Excel*. Ao mesmo tempo, e apesar das transformações posteriores a que seriam sujeitas, estas mostravam um primeiro modelo de distribuição geográfica dos revestimentos, com um volume muito destacado de exemplos no distrito de Lisboa, seguido de Coimbra.

<b>Distritos</b>	<b>(Simões 1979)</b>
<b>Açores</b>	119
<b>Aveiro</b>	23
<b>Beja</b>	41
<b>Braga</b>	95
<b>Bragança</b>	1
<b>Castelo Branco</b>	18
<b>Coimbra</b>	234
<b>Évora</b>	175
<b>Faro</b>	52
<b>Guarda</b>	8

<sup>5</sup> Trata-se de um sistema de informação e documentação sobre o património arquitetónico, urbanístico e paisagístico português de origem ou matriz portuguesa gerido pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). URL: <http://www.monumentos.gov.pt>.

<sup>6</sup> Remete-se o assunto para <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>.

<b>Leiria</b>	104
<b>Lisboa</b>	1132
<b>Madeira</b>	34
<b>Portalegre</b>	102
<b>Porto</b>	42
<b>Santarém</b>	101
<b>Setúbal</b>	206
<b>Viana do Castelo</b>	53
<b>Vila Real</b>	17
<b>Viseu</b>	75
<b>TOTAL</b>	<b>2632</b>

Tabela 5 – Linhas inseridas por distritos nos ficheiros *Excel*

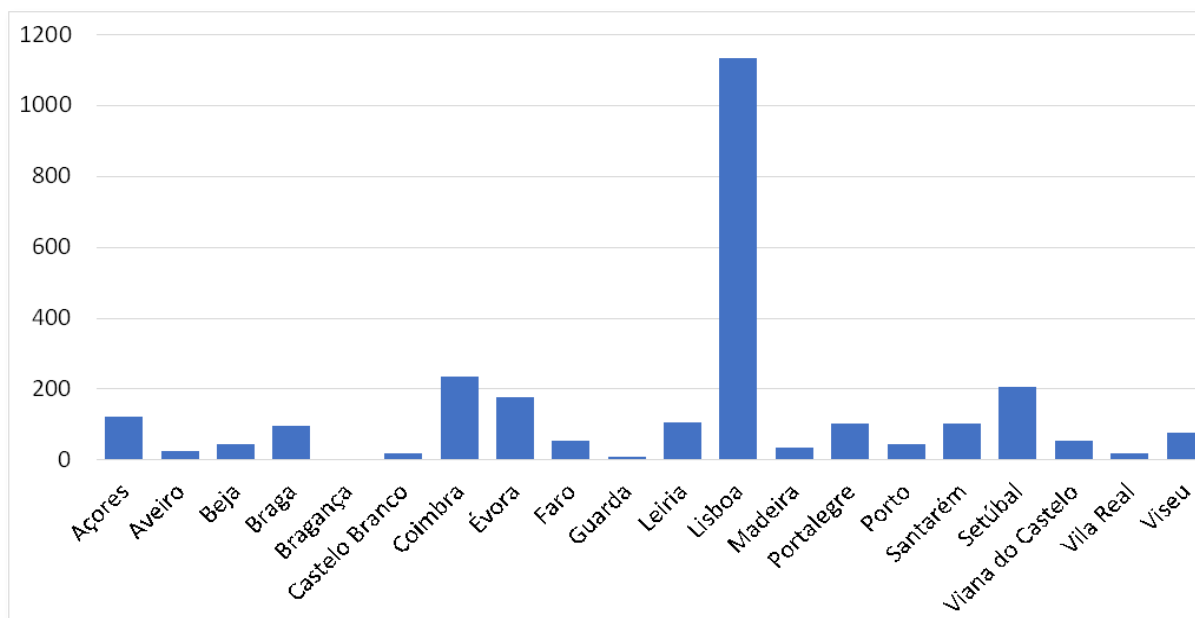


Gráfico 2 – Linhas inseridas por distritos nos ficheiros *Excel*

Antes de avançar importa destacar um outro aspeto essencial para a correta compreensão do trabalho efetuado e posteriores interpretações. Como vimos, o *Az Infinitum* estrutura a sua lógica de inventário / catalogação numa hierarquia com três componentes:

1. Imóvel
  2. Espaços dentro do imóvel com revestimentos azulejares
    3. Revestimentos cerâmicos (de cada espaço)

Por uma questão de exequibilidade do trabalho, o plano original previa abrir uma ficha por imóvel, a que corresponderia apenas uma ficha de revestimento, que incluísse os conjuntos azulejares dos diferentes espaços. Assim, para um palácio com três salas azulejadas, apenas seriam abertas uma ficha de imóvel e outra de revestimento, no que se considera um procedimento simplificado de inventário, como vimos atrás, e que foi devidamente sinalizado em todas as fichas, no campo *Descrição*, com a indicação: [catalogação base a partir de SIMÕES, João Miguel dos Santos; CÂMARA, Maria Alexandra Gago da - *Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010*].

No entanto, nos ficheiros *Excel* contabilizaram-se os espaços individualmente (por linhas), aumentando significativamente o volume de dados. É esta diferença, entre contabilizar e catalogar os imóveis ou os espaços, que explica as diferenças entre as tabelas 1 e 5 (mesmo que esta última incluía as ilhas dos Açores e da Madeira). Na verdade, só os dados inseridos para o distrito de Lisboa ultrapassam o valor total dos 18 distritos indicados na tabela 1!

Apesar da preparação iconográfica da fase 1, os vinte ficheiros *Excel* resultantes desta fase 2 (tabela 5), que continham a informação extraída das obras de Santos Simões, implicaram um primeiro trabalho de limpeza de dados muito significativo, que decorreu em simultâneo com a inserção de dados no *Az Infinitum*, ou seja, a fase 3, como veremos de seguida.

### **3.3 Fase 3 - *Az Infinitum***

No início da fase 3 – *Az Infinitum*, o primeiro procedimento que efetuámos foi verificar as fichas já existentes, confrontando-as com os dados dos ficheiros *Excel*. As fichas relativas aos distritos do Porto, Viana do Castelo e Vila Real já se encontravam inseridas, devido a três estágios extracurriculares decorridos em 2018<sup>7</sup>, enquanto outras foram integradas no âmbito do projeto *Inventário Azulejar do Património Continental* (IAPC) ou, na sua designação original, *Inventário do Património em Azulejo do século XVIII em Território Continental, Constituição de reportórios iconográficos* (Câmara, Monteiro e Pires 2014). Neste último caso inscrevem-se os distritos de Braga, Beja, Portalegre e Lisboa, apenas parcialmente tratados, e Évora, que se encontrava completo. Por fim, outros trabalhos, como a inserção de dados da tese de doutoramento da investigadora Rosário Salema de Carvalho (2012), também contribuíram para

---

<sup>7</sup> Cf. nota 4 do capítulo 2, p. 26.

o enriquecimento deste conjunto de fichas cuja janela cronológica se situa entre o último quartel do século XVII e toda a centúria seguinte.

Antes de avançar importa recordar que o *Az Infinitum* é uma base de dados relacional, assente num conjunto de módulos. Para o nosso trabalho interessam os intitulados “Imóveis”, que contempla as fichas de imóveis e espaços, e “Integrado”, referente aos revestimentos.

Começando pelo primeiro – *Imóveis* –, a tabela 6 e o gráfico 3 permitem observar o número de fichas existentes atualmente no *Az Infinitum* (imóveis e espaços), e as fichas inseridas por nós, tornando mais evidente a avaliação do volume de trabalho efetuado, quer ao nível da inserção de novas fichas, quer ao nível da atualização de conteúdos. Contabiliza-se, no módulo *Imóveis*, um total de 1731 fichas, das quais 981 correspondem a imóveis e 750 a espaços. No contexto do presente trabalho, o universo de imóveis é 981, mas o total de espaços é em número muito superior, contando-se 1519. Esta diferença justifica-se por não terem sido criadas fichas separadas de espaços, como já foi previamente discutido, optando-se por um modelo simplificado que reúne na mesma ficha vários espaços. O número de espaços por imóvel é necessariamente muito variável, tendo sido contabilizado um valor máximo de 17. Por fim, destaca-se que, no âmbito deste trabalho de projeto, foram inseridas 617 fichas de imóveis.

Resta ainda chamar a atenção para o facto de 168 imóveis registados nos ficheiros *Excel* não terem sido inseridos no *Az Infinitum*, o que se explica por diversas razões, como não ter sido possível confirmar a localização dos mesmos, ou corresponderem a património móvel, isto é, painéis isolados em contexto museológico e não arquitetónico, o que não se adequava ao objetivo de catalogar o programa (anexo B).

#### Imóveis

<b>Total de fichas de imóveis e espaços atualmente no <i>Az Infinitum</i></b>	1731
<b>Total de fichas de imóveis</b>	981
<b>Total de fichas de espaços</b>	750
<b>Total de imóveis</b>	981
<b>Total de espaços</b>	1519
<b>Total de fichas inseridas no trabalho de projeto de MA</b>	617

Tabela 6 – Análise do número de fichas de imóveis e espaços existente no *Az Infinitum* para o intervalo cronológico >1670 e <1800

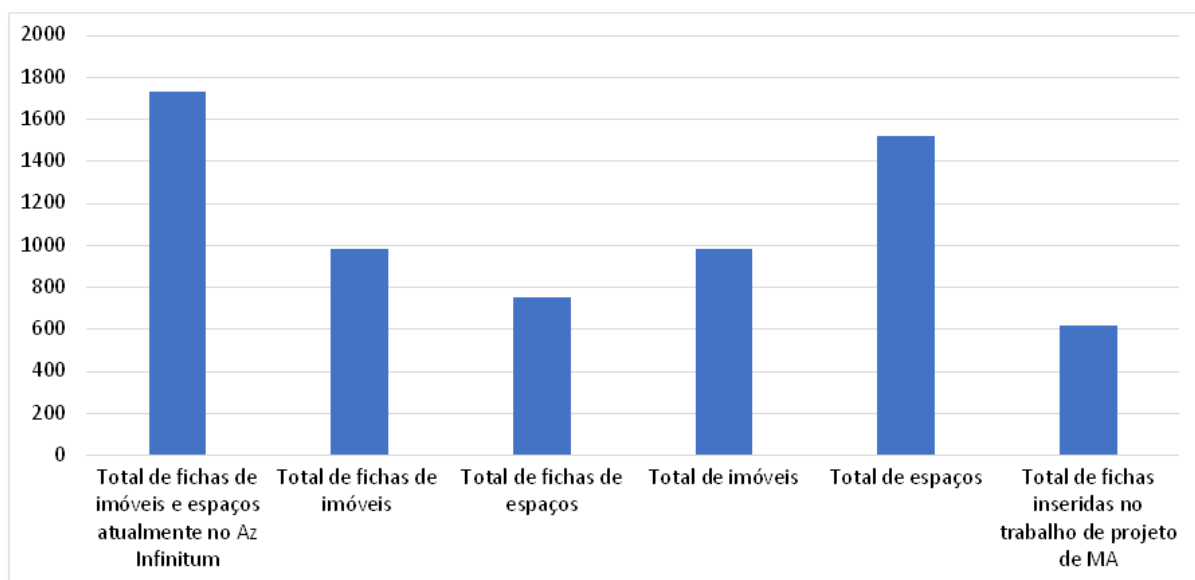


Gráfico 3 – Análise do número de fichas de imóveis e espaços existente no *Az Infinitum* para o intervalo cronológico >1670 e <1800

No caso das fichas existentes, as nossas tarefas centraram-se em confirmar a informação básica dos grupos de informação já preenchidos, a saber, “numerações”, com a atualização do número IPA, uma vez que este mudou e só o URL tinha sido objeto de uma atualização automática; e “disposições legais”, pois houve imóveis que, entretanto, foram classificados. O grupo mais importante foi, todavia, o da “localização”, uma vez que, na *reorganização administrativa do território das freguesias* de 2013 se registaram múltiplas situações de agregação de freguesias ou alteração dos limites territoriais. Por exemplo, na cidade de Almada (distrito de Setúbal), as freguesias do Feijó e do Laranjeiro uniram-se, passando a freguesia a designar-se União de Freguesias Laranjeiro e Feijó. Este trabalho, realizado por nós na fase 2 – *Excel*, foi depois confirmado pela coordenadora do *Az Infinitum*, confrontando os nossos dados com o ficheiro das Finanças usado para desambiguar os números de inventário no sistema.

No que diz respeito à inserção de novas fichas de imóveis, este trabalho foi realizado pela coordenação do projeto, de forma a evitar a duplicação de fichas ou uma indexação incorreta ao nível da atribuição do número de inventário e respetivos códigos. A atribuição de número de inventário obedece à seguinte lógica: concelho\_freguesia\_designação abreviada. Assim, o código ALM\_ACPC\_IgST deve ler-se do seguinte modo:

ALM = Almada (concelho)

ACPC = União das freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas (em que as letras correspondem às iniciais da freguesia)

Ig = abreviatura de igreja

ST = São Tiago, ou seja, a invocação do templo

Ao inserir as fichas no sistema, a informação de localização já compilada foi complementada pela indicação das coordenadas GPS, obtida através da aplicação em funcionamento no *Az Infinitum* e ligada ao *Google maps* (fig. 14). São estes campos da latitude e longitude que permitirão, como veremos mais à frente, reutilizar os dados e visualizá-los em aplicações como a *Palladio*.

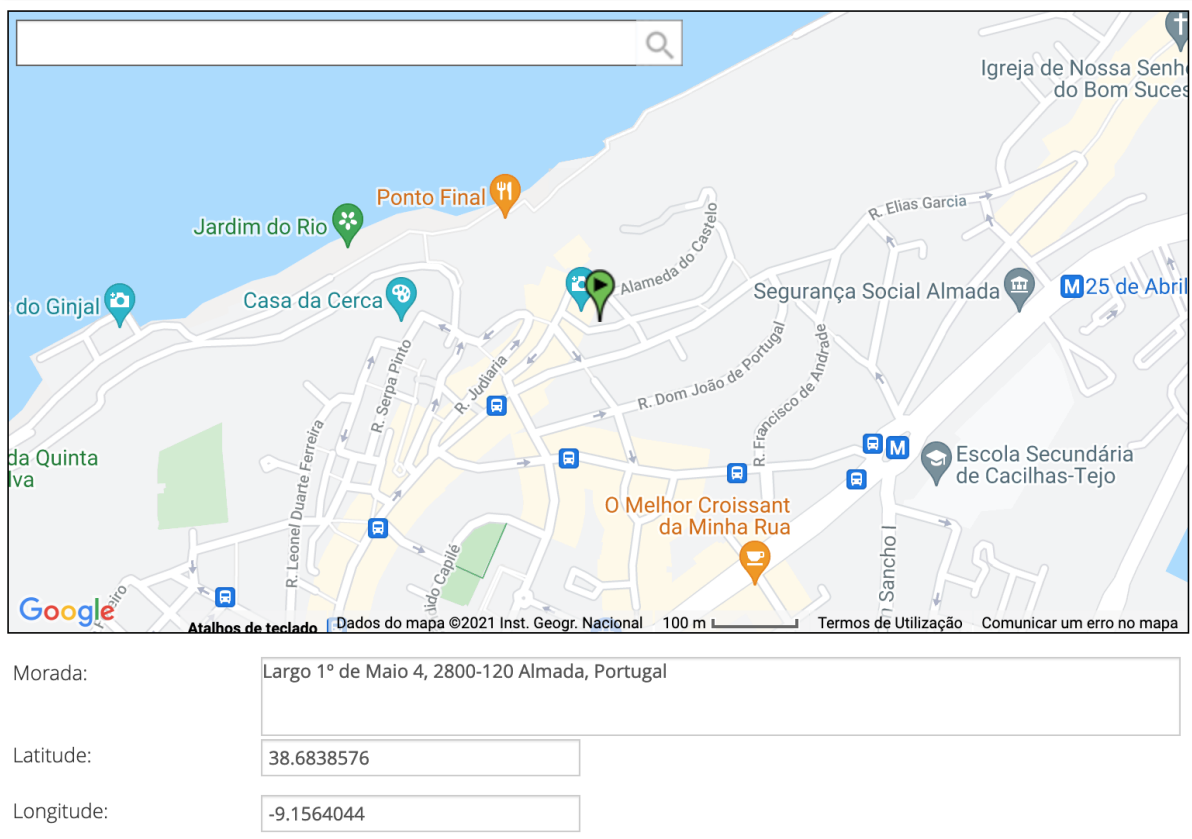


Fig. 14 – Interface do mapeamento dos imóveis no *Az Infinitum* (acesso do investigador)

Em relação aos restantes grupos e categorias de informação, preencheu-se a “Designação”, procurando privilegiar sempre as designações atuais e registando as restantes em “Outras designações”; o “Tipo de imóvel”, que permitirá distinguir os imóveis por tipologia segundo a hierarquia respetiva (arquitetura religiosa; arquitetura civil, etc.); identificou-se o tipo de ficha sumária na “descrição”; as “Disposições legais” com a classificação; as “Numerações” com o número IPA e o URL do SIPA; e o “Inventariantes” com a descrição do nosso trabalho sintetizado na seguinte frase: *Catálogo base [localização e cruzamento de informação com*

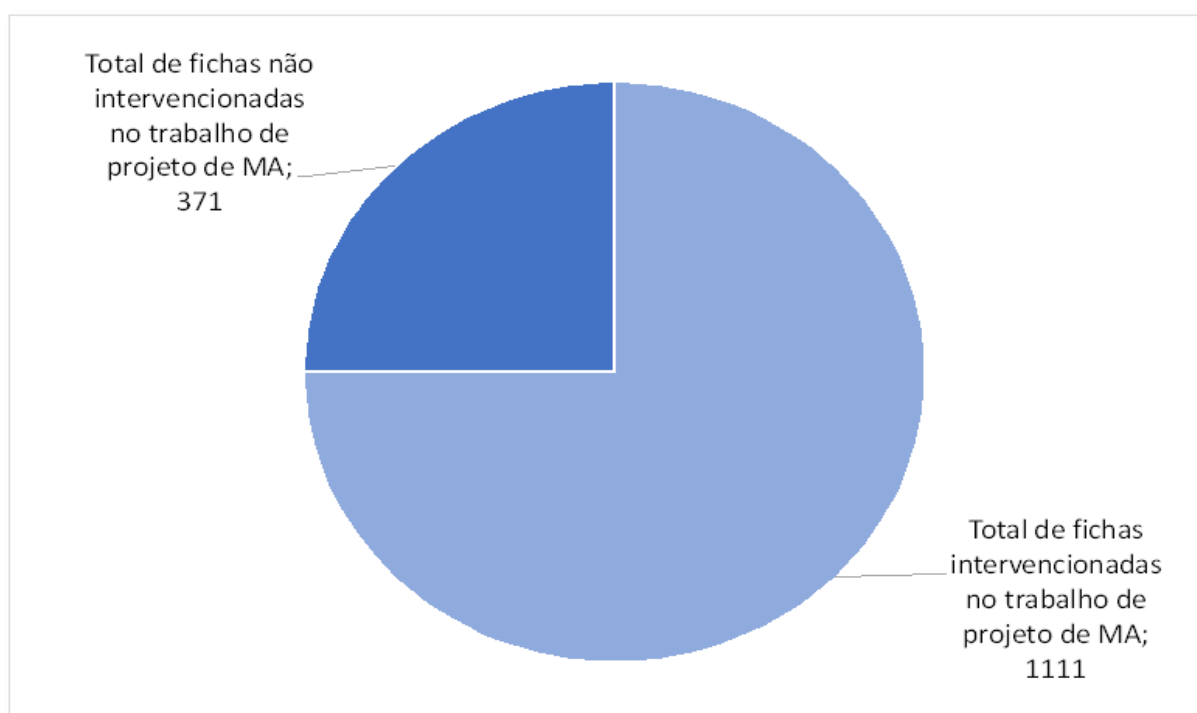
SIPA] – trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica” (2019-2021).

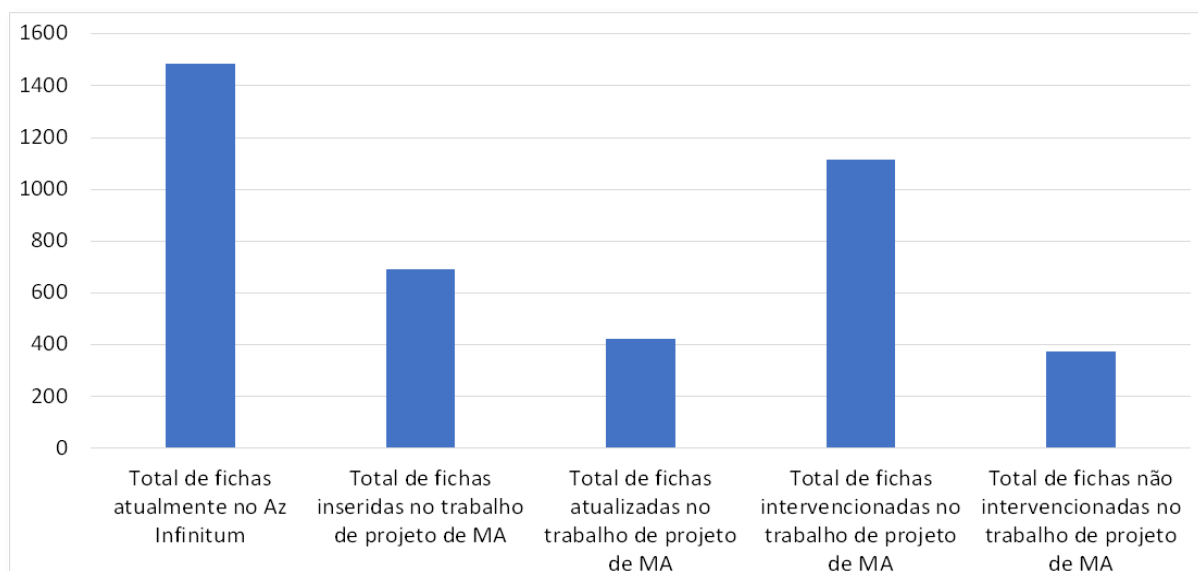
Passando agora a observar o trabalho efetuado no módulo “**Integrado**”, a tabela 7 e os gráficos 4 e 5 oferecem uma visão geral do mesmo. Assim, para o intervalo cronológico em que trabalhámos (>1670 e <1800), contabiliza-se um total de 1482 fichas, das quais 1111 foram intervencionadas no atual trabalho de projeto. Deste universo, 690 correspondem a novas fichas inseridas no âmbito deste trabalho, e 421 a atualizações de fichas pré-existentes. Restam 371 fichas não intervencionadas, por se tratar de revestimentos de padrão, ornamentais ou outros, que não se incluíam no âmbito do nosso plano de trabalhos.

#### Integrado

<b>Total de fichas de revestimentos cerâmicos atualmente no <i>Az Infinitum</i></b>	1482
<b>Total de fichas inseridas no trabalho de projeto de MA</b>	690
<b>Total de fichas atualizadas no trabalho de projeto de MA</b>	421
<b>Total de fichas intervencionadas no trabalho de projeto de MA</b>	1111
<b>Total de fichas não intervencionadas no trabalho de projeto de MA</b>	371

Tabela 7 – Análise do número de fichas de revestimentos existente no *Az Infinitum* para o intervalo cronológico >1670 e <1800





Gráficos 4 e 5 – Análise do número de fichas de revestimentos existente no *Az Infinitum* para o intervalo cronológico >1670 e <1800

Como já referimos, o foco deste trabalho foram os revestimentos figurativos e a classificação dos programas iconográficos. Observando agora estes dados, das 1067 fichas relativas a revestimentos cerâmicos figurativos, foram intervencionadas 987, das quais 894 receberam uma classificação de programa iconográfico. Apenas 100 não foram alteradas por se tratarem de frontais de altar isolados, reaplicações, montagens sem sentido, secções inscritas em revestimentos de padrão ou ornamentais, outros já desaparecidos, ou seja, sem programa. As restantes quatro fichas correspondem a programas de revestimento de figura avulsa (tabela 8).

#### Iconografia | catalogação do programa iconográfico

<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figurativo</b>	1067
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figurativo intervencionadas por MA</b>	987
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figurativo não intervencionadas por MA</b>	100
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figurativo com programa catalogado</b>	894
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figura avulsa catalogado</b>	4
<b>Total de programas iconográficos catalogados</b>	1257

Tabela 8 – Análise do número de fichas de programas iconográficos catalogados no *Az Infinitum* para o intervalo cronológico >1670 e <1800

O preenchimento dos grupos e categorias de informação foi agora bem mais detalhado, mesmo no caso das fichas já existentes. Em todas aquelas que dizem respeito a revestimentos figurativos registou-se a classificação iconográfica referente ao programa no grupo de

informação “Iconografia” (tabela 8). A indicação de que se trata do programa foi registada na “localização”, escrevendo *Programa*, seguido da referência ao espaço entre parêntesis retos – [capela-mor] por exemplo. Sempre que Santos Simões apontou, com clareza, quais os episódios representados, estes foram também registados, escrevendo-se no campo “localização” apenas o espaço em que se encontra (segundo o exemplo anterior, escrevemos *Capela-mor*).

Uma vez que intervimos numa ficha já preenchida, importa identificar o que foi feito, quando e a que propósito. Assim, no grupo de informação “inventariantes” associou-se o nosso nome, a data e, nas “notas”, a descrição do trabalho com a frase: *Actualização da iconografia [programa] – trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica” (2019-2021)*.

No que diz respeito às novas fichas criadas no contexto deste trabalho de projeto, procedemos ao preenchimento de várias categorias de informação:

**AUTORIAS** – apenas quando Santos Simões refere que a identificação da autoria resulta de uma assinatura ou de um documento. Quando se trata de atribuições do autor, estas não são registadas.

**CLASSIFICAÇÃO** – seguido o vocabulário controlado específico, classificam-se os revestimentos cerâmicos como: figurativo, de padrão, ornamental, de repetição e/ou figura avulsa. Sempre que cada classificação corresponda a um espaço distinto, este é referido em “Notas”. Quando há necessidade de clarificar o tipo de revestimento usa-se o campo “Justificação”. Por exemplo, o termo albarradas, é escrito na justificação, depois de escolher anteriormente revestimento de repetição.

**CORES** – discriminam-se as cores sempre que possível.

**CRONOLOGIA** – registam-se as datas atribuídas por Santos Simões, usando os campos de “data inicial” e “data final” para definir os intervalos cronológicos em causa e a “data textual” para reproduzir a informação daquele investigador. No campo “Justificação” indica-se a precisão da datação em causa. Se é datada refere-se onde e transcreve-se o que está escrito nos azulejos; se é atribuída escreve-se, *Atribuído – [2010] SIMÕES – Azulejaria em Portugal no século XVIII, p..* Procurando criar uma classificação cronológica, usa-se ainda, com base na

descrição de Santos Simões ou no intervalo cronológico, a tabela “Época”. Por fim, a “Parte descrita” identifica qual o revestimento a que nos referimos, no caso da ficha conter mais do que um.

ICONOGRAFIA – Sempre que Santos Simões apresentou a descrição específica dos temas, estes foram classificados um a um, indicando-se ainda a localização, ou seja, no caso de uma ficha ter mais do que um espaço, importava perceber onde se situava a secção classificada. No caso do programa, seguiu-se a mesma lógica já descrita para as fichas preexistentes.

LOCALIZAÇÕES – indica-se a localização, interior ou exterior, do revestimento, correspondendo a data à confirmação da existência do revestimento no local, pelo que se assumiu que seria o ano de 2010 referente à reedição da obra de Santos Simões.

MATERIAIS – seguiu-se o manual de procedimentos, indicando que se trata de azulejo.

TÉCNICAS – seguiu-se igualmente o manual de procedimentos para indicar a técnica.

FICHAS RELACIONADAS – campo usado sobretudo para associar as referências bibliográficas que serviram ao preenchimento da ficha e que no nosso caso se resumem maioritariamente às obras de Santos Simões (1963; 1979; 2010).

INVENTARIANTES – associou-se o nosso nome, a data e, nas “notas” a frase *Catálogo base [autor, data, iconografia] – trabalho realizado no âmbito do Trabalho de Projecto de Mestrado “A azulejaria portuguesa do século XVIII: uma abordagem iconográfica” (2019-2021)*. Registou-se ainda o trabalho de coordenação de Rosário Salema de Carvalho.

Por fim, resta referir que, na “Descrição” geral, para identificar o nível sumário destas fichas em relação à catalogação das restantes, se inseriu a seguinte frase: *[catalogação base a partir de SIMÕES, João Miguel dos Santos, Câmara, Maria Alexandra Gago da – Azulejaria em Portugal no século XVIII. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010]*.



73E77 - a assunção de Maria  
("assumptio corporis"): ela é elevada por anjos  
até ao céu

Nazaré, Santuário de Nossa Senhora da Nazaré,  
corredor de acesso à sacristia, 1714  
Fotografia: Az Infinitum, 2012

## 4. Um perfil iconográfico da azulejaria setecentista: processamento e visualização de dados

Após a inserção dos dados no *Az Infinitum*, realizámos várias pesquisas no sistema com objetivos distintos – por um lado, obter dados estatísticos e, por outro, obter resposta a diversas perguntas de investigação. Os resultados foram depois novamente exportados em ficheiros *Excel*, facilitando quer a verificação da coerência dos dados, quer a sua contabilização e ainda permitindo usar diferentes ferramentas e aplicações para a sua mais eficaz visualização, que assumiu diversas formas – tabelas, gráficos de barras, gráficos de setor (pizza) e gráficos de rede. São estes resultados que se apresentam a seguir, analisados e comentados caso a caso, uma vez que os números por si só podem ser enganadores, precisando, por isso, de um contexto. Todavia, importa fazer notar que as combinações e possibilidades de leituras são múltiplas, e que no presente capítulo destacámos apenas as mais relevantes, começando por apresentar perspectivas globais organizadas por área e terminando num estudo de caso relativamente à iconografia, que é o tema principal do presente trabalho de projeto.

### 4.1 Revestimentos azulejares | leituras globais

#### 4.1.1 Distribuição geográfica e tipologia de imóvel

No que diz respeito à distribuição geográfica dos revestimentos azulejares, isto é, os 981 imóveis existentes no país, incluindo as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, que conservam azulejos do século XVIII ainda *in situ* (ou pelo menos à data dos inventários de Santos Simões), verifica-se que a percentagem mais elevada se encontra em Lisboa (364 = 37%) e a mais reduzida em Bragança, com apenas um imóvel e com uma percentagem de 0,1%, ou na Guarda e em Vila real, com cinco e seis imóveis respetivamente (0,5% e 0,6%) (tabela 9 e gráfico 6).

#### Distritos

Açores	45
Aveiro	9
Beja	31
Braga	35
Bragança	1
Castelo Branco	9
Coimbra	51

<b>Évora</b>	91
<b>Faro</b>	30
<b>Guarda</b>	5
<b>Leiria</b>	34
<b>Lisboa</b>	364
<b>Madeira</b>	17
<b>Portalegre</b>	55
<b>Porto</b>	29
<b>Santarém</b>	45
<b>Setúbal</b>	73
<b>Viana do Castelo</b>	23
<b>Vila Real</b>	6
<b>Viseu</b>	28

Tabela 9 – Análise geográfica de imóveis, organizados por distrito, para o intervalo cronológico >1670 e <1800

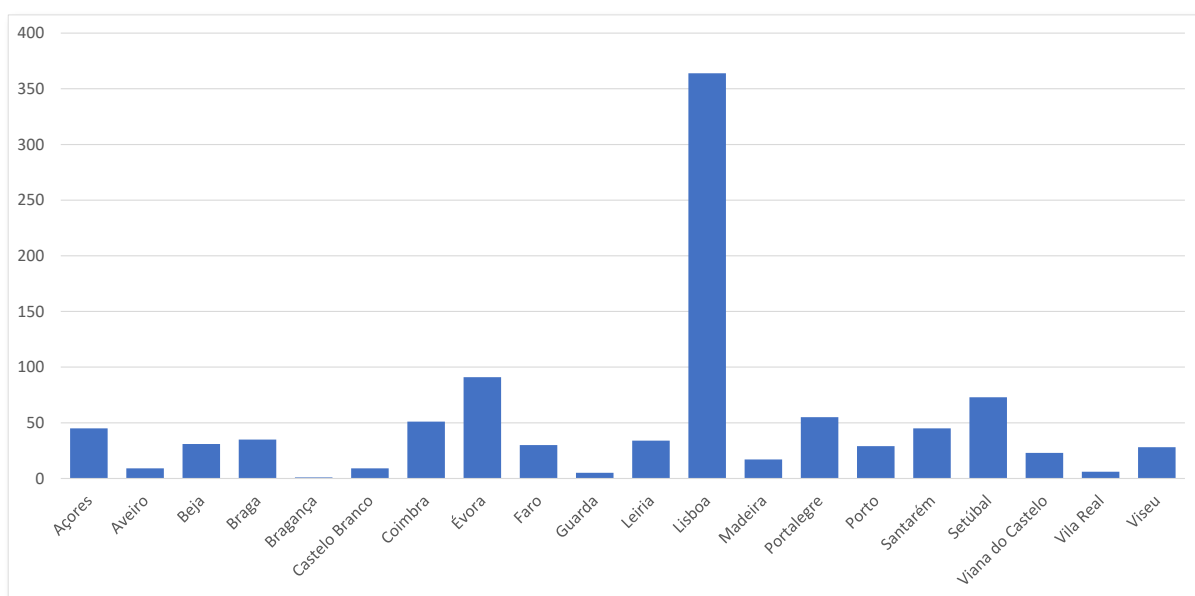


Gráfico 6 – Análise geográfica de imóveis, organizados por distrito, para o intervalo cronológico >1670 e <1800

Por sua vez, a tipologia de imóvel, apenas agrupada em grandes áreas – civil, militar, religiosa e espaços verdes – mostra uma predominância evidente da arquitetura religiosa (632 = 64%) e civil (342 = 34%) (tabela 10 e gráfico 7).

### Tipo de imóvel

Arquitetura civil	342
Arquitetura militar	4
Arquitetura religiosa	632
Espaço verde	3

Tabela 10 – Análise ao tipo de imóvel para o intervalo cronológico >1670 e <1800

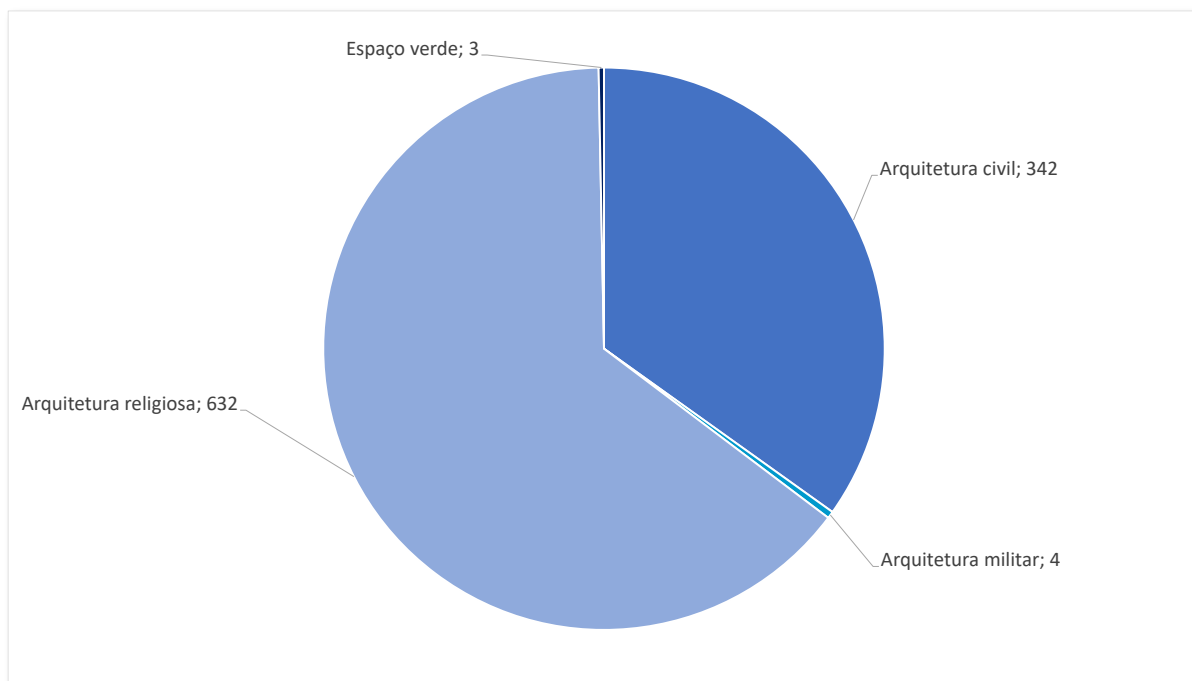


Gráfico 7 – Análise ao tipo de imóvel para o intervalo cronológico >1670 e <1800

No seguimento de Santos Simões, e observando a divisão do país em cinco regiões – Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve –, a que acrescem as duas autónomas da Madeira e Açores, aquela que apresenta mais imóveis com revestimentos azulejares é claramente Lisboa e Vale do Tejo, seguida do Alentejo e Centro. Por outro lado, se analisarmos os dados em função de um eixo vertical, que separa o litoral do interior, a preponderância de imóveis encontra-se, naturalmente, no litoral, onde se situa Lisboa.

Em síntese, e do ponto de vista geográfico, Lisboa ocupa um lugar destacado, o que se compreende pelo facto de, no século XVIII, ter sido o principal centro produtor de azulejo, logo seguido por Coimbra. Muito embora Coimbra, ou a região Centro, tenham uma expressão

inferior a outras regiões, quando a análise se detém sobre o número de revestimentos (e não apenas de imóveis), são estas duas cidades que passam a liderar a tabela (tabela 5 e gráfico 2).

Neste contexto, e para compreender a importância da produção, vários foram os autores consultados, entre os quais destacamos o próprio Santos Simões que, no capítulo intitulado *Elenco*, apresenta informações sobre a produção azulejar lisboeta e coimbrã (Simões 1979; 2010), e José Meco (1989), que aborda igualmente os azulejos produzidos em ambas as cidades. Mais recentemente, Diana Gonçalves dos Santos dedicou a sua tese de doutoramento ao estudo da produção azulejar setecentista de Coimbra (2013), que teve reflexos na exposição *O encanto na hora da descoberta. A azulejaria de Coimbra do século XVIII*, organizada pelo Museu Nacional do Azulejo em 2017, e que tanto contribuiu para reabilitar e oferecer um olhar renovado sobre os revestimentos de Coimbra. Iniciada, de acordo com os autores, a partir do final do século XVII, e estendendo-se à região envolvente e à Beira Interior<sup>8</sup> (Meco 1989, 228; Pais, Pacheco e Coroadó 2007), a azulejaria desenvolveu-se no século XVIII na cidade do Mondego também por apresentar “(...) um ciclo de continuidade produtiva bem consolidado (...) [devido ao] ambiente socioeconómico estável e próspero” (Santos 2013, 665).

No que diz respeito a Lisboa, importa mencionar a investigação de Rosário Salema de Carvalho (2012) e, no seguimento de importantes estudos anteriores que remontam à década de 1990, Celso Mangucci volta a centrar a sua atenção neste tópico, na tese de doutoramento intitulada *História da Azulejaria Portuguesa: Iconografia e Retórica* (Mangucci 2020). A penetração das olarias da capital estende-se a todo o país, exportando ainda azulejos para o território ultramarino, como é o caso do Brasil, enquanto Coimbra se limita, ao que tudo indica, a uma área de influência maioritariamente regional (Santos 2013, 181).

Apesar de Lisboa e Coimbra terem sido, indiscutivelmente, os centros mais relevantes, progressivamente, outras áreas do país foram-se abrindo à produção de azulejos. Para além do Porto e Vila Nova de Gaia, cuja produção seiscentista permanece por esclarecer (Carvalho 2016), em 1763 foi iniciada a Fábrica de Massarelos que produzia essencialmente louça doméstica, “azulejos para revestimentos de fachadas e algumas peças ornamentais (...)” (Barbosa 2012, 1) e, mais abaixo, a Fábrica do Juncal terá começado a laborar em 1770 (Martins 1997).

---

<sup>8</sup> A Beira Interior engloba os distritos de Castelo Branco, parcialmente os da Guarda e Viseu e ainda o concelho de Mação do distrito de Santarém.

### 4.1.2 Tipologias de revestimentos cerâmicos

Relativamente aos revestimentos cerâmicos, contamos um total de 1482 fichas, divididas nas tipologias características do século XVIII (tabela 11 e gráfico 8). Na leitura de ambos, convém destacar que a soma de todas as tipologias é necessariamente superior ao número de fichas de revestimentos, uma vez que, no mesmo espaço, podem coexistir várias tipologias. Estes dados, que nos oferecem uma visão genérica do gosto do período em estudo, mostrando uma preferência óbvia pela figuração, revelam também que, apesar deste trabalho de projeto estar direcionado para a azulejaria figurativa portuguesa do século XVIII, os restantes tipos de revestimento cerâmico não foram descurados, aproveitando-se a oportunidade para catalogar igualmente os conjuntos ornamentais, de padrão, de figura avulsa, as composições de repetição (como as albarradas) e os painéis isolados.

#### Revestimentos cerâmicos

<b>Total de fichas de Revestimentos cerâmicos</b>	1482
<b>Total de fichas de Revestimentos cerâmicos\figurativo</b>	1067
<b>Total de fichas de Paineis\figurativo</b>	121
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\ornamental</b>	171
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\de padrão</b>	263
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\figura avulsa</b>	186
<b>Total de fichas de Revestimento cerâmico\composição de repetição &gt; Albarradas</b>	162

Tabela 11 – Análise aos revestimentos para o intervalo cronológico >1670 e <1800

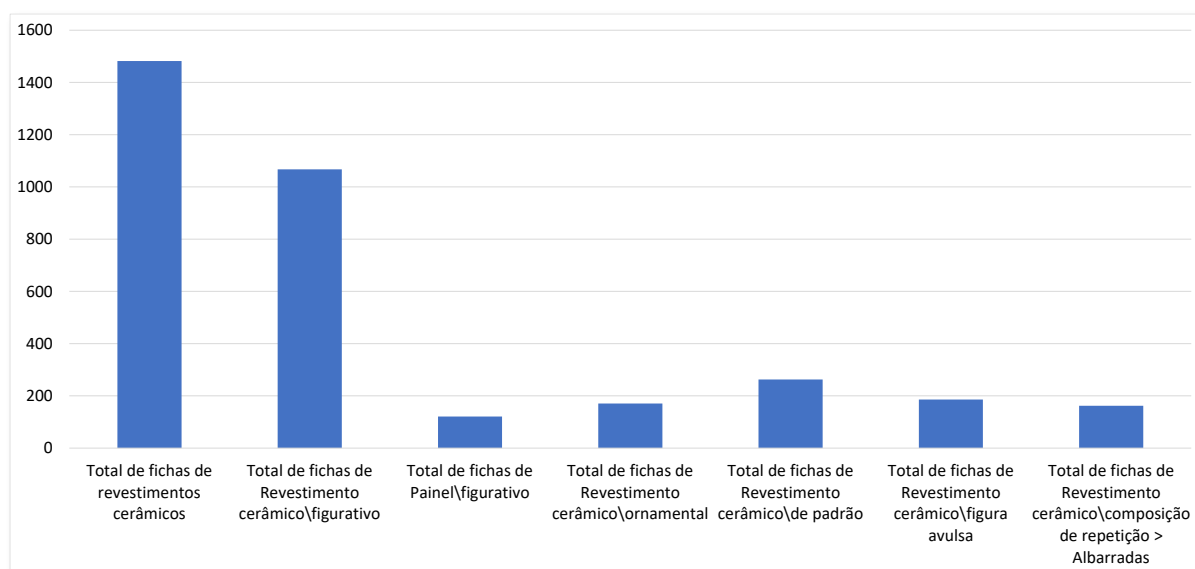


Gráfico 8 – Análise dos revestimentos para o intervalo cronológico >1670 e <1800

### 4.1.3 Revestimentos assinados e documentados

Outros aspetos registados ao longo do trabalho diz respeito às autorias. A partir do final do século XVII e durante o *Ciclo dos Mestres*, alguns pintores assinaram as suas obras, opção seguida pelo ladrilhador Bartolomeu Antunes, que também associou o seu nome a um conjunto de revestimentos. Em outros casos, o conhecimento da autoria deve-se a documentação associada. A tabela 12 e o gráfico 9 sintetizam os dados atualmente disponibilizados no *Az Infinitum*. Mais uma vez, importa chamar a atenção para a não coincidência dos totais das diversas linhas da tabela 12 referentes aos “revestimentos documentados” devido a circunstâncias como, por exemplo, um mesmo revestimento ter sido classificado como “documentado”, mas ter associado mais do que um tipo de autoria documentada. Por outro lado, os números referem-se a fichas e, como já vimos, por vezes uma ficha pode corresponder a vários revestimentos e, ao contrário, uma igreja pode ser subdividida em vários espaços.

Para tentar analisar melhor estes dados e, ao mesmo tempo, confirmar a correção da inserção dos mesmos no *Az Infinitum*, usámos o único artigo disponível especificamente dedicado a este tópico, ou seja, o estudo desenvolvido por Rosário Salema de Carvalho e Francisco Queiroz que, em 2018, publicaram os resultados da sua observação das assinaturas encontradas nos azulejos portugueses, desde o princípio do século XVI até à segunda metade do século XVIII (Carvalho e Queiroz 2018, 93-105).

#### Revestimentos cerâmicos

<b>Total de fichas de revestimentos assinados</b>	58
<b>Total de fichas de revestimentos documentados</b>	53
<b>Total de fichas de revestimentos assinados por pintor</b>	54
<b>Total de fichas de revestimentos assinados por ladrilhador</b>	3
<b>Total de fichas de revestimentos documentados por pintor</b>	15
<b>Total de fichas de revestimentos documentados por ladrilhador</b>	43
<b>Total de fichas de revestimentos documentados por oleiro</b>	3

Tabela 12 – Análise de revestimentos assinados e documentados para o intervalo cronológico >1670 e >1800

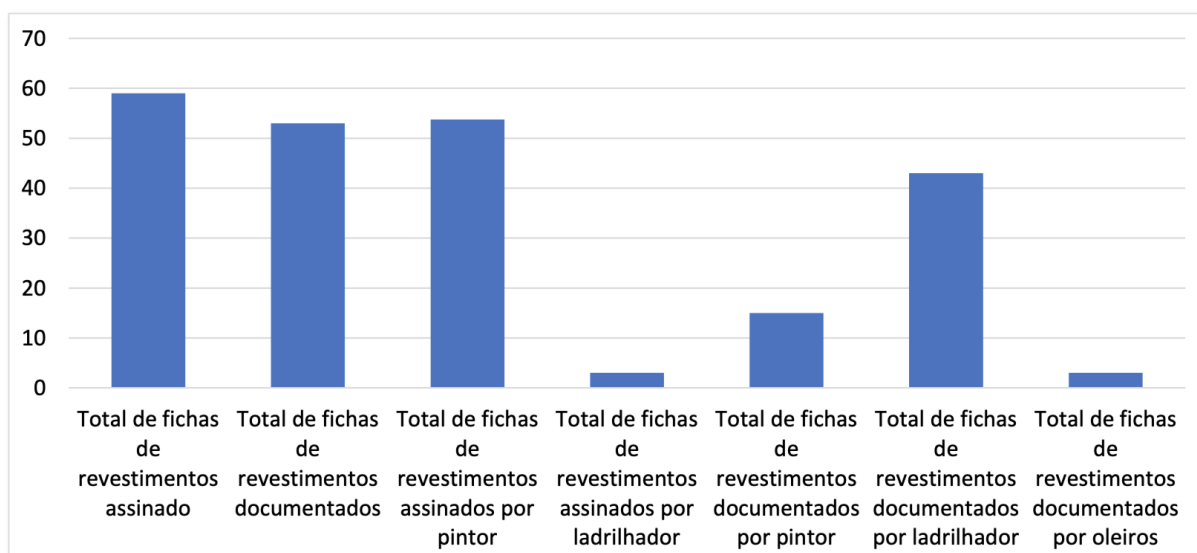


Gráfico 9 – Análise de revestimentos assinados/documentados para o intervalo cronológico >1670 e <1800

No contexto desse estudo, os autores criaram uma tabela cuja leitura permite contabilizar, para o final do século XVII e primeira metade do século XVIII, 58 assinaturas, das quais cinco são de um ladrilhador e duas de pintores estrangeiros. As restantes 51 correspondem a pintores nacionais ou a trabalhar em território nacional. Na segunda metade da centúria o número é bastante mais reduzido, contando-se apenas três assinaturas de pintores portugueses (Carvalho e Queiroz 2018, 105). Nas tabelas comparativas que de seguida apresentamos são visíveis algumas diferenças entre a coluna relativa aos dados publicados em 2018 e aos disponibilizados no *Az Infinitum* (tabelas 13 e 14).

Nome	Especialização	Obras assinadas (Carvalho e Queiroz 2018)	<i>Az Infinitum</i>
Jan van Oort	Pintor	1	1
Willem van der Kloet	Pintor	1	---
<b>Gabriel del Barco (1648-1701?)</b>	Pintor	17	22
<b>Garcia Ramires</b>	Pintor	1	---
<b>Raimundo do Couto</b>	Pintor	1	1
<b>António Pereira</b>	Pintor	3	1
<b>António de Oliveira Bernardes (1692-1732)</b>	Pintor	8	8
<b>Mestre P.M.P.</b>	Pintor	3	5
<b>Manuel dos Santos</b>	Pintor	3	2
<b>S. Pedro [?]</b>	Pintor	1	---

<b>Policarpo de Oliveira Bernardes (1695-1778)</b>	Pintor	8	8
<b>Teotónio dos Santos (1688-?)</b>	Pintor	2	2
<b>Nicolau de Freitas (1703-1765)</b>	Pintor	3	3
<b>Bartolomeu Antunes (1668-1753)</b>	Ladrilhador	5	4
<b>Joaquim José Monteiro de Faria</b>		1	---
<b>TOTAL</b>		58	57

Tabela 13 – Síntese dos dados apresentados em (Carvalho e Queiroz 2018) para o final do século XVII e primeira metade do século XVIII

<b>Nome</b>	<b>Especialização</b>	<b>Obras assinadas (Carvalho e Queiroz 2018)</b>	<b><i>Az Infinitum</i></b>
<b>Salvador de Sousa Carvalho</b>	Pintor	2	---
<b>José Rodrigues da Silva e Sousa</b>	Pintor	1	1
<b>TOTAL</b>		3	1

Tabela 14 – Síntese dos dados apresentados em (Carvalho e Queiroz 2018) para a segunda metade do século XVIII

Mais do que os totais, que podem ser ilusórios, o que interessa perceber são as diferenças entre valores. No caso de Gabriel del Barco é fácil perceber que, no *Az Infinitum*, a Igreja de São Victor apresenta seis fichas distintas, cada uma relativa a igual número de espaços dentro da igreja, enquanto os investigadores em análise consideraram apenas um único revestimento. Situação semelhante acontece relativamente ao Mestre P.M.P. e à Quinta de Santo José do Marco, na Castanheira do Ribatejo, e a Bartolomeu Antunes nas duas capelas do Convento de Vilar de Frades. Outras diferenças relacionam-se com o facto dos revestimentos se localizarem no estrangeiro, não tendo sido contabilizados no *Az Infinitum*. Encontram-se nessa situação António Pereira e Manuel dos Santos, com obras no Brasil e em Espanha, respetivamente. Por fim, a inexistência de registos no *Az Infinitum* em relação aos restantes intervenientes justifica-se por as obras em causa se encontrarem em contexto museológico ou não se ter localizado o imóvel, como se explicou no capítulo anterior, não tendo por isso sido registadas (anexo B).

Idealmente, a informação das obras de Santos Simões teria sido complementada com outras fontes, de modo a alcançar um volume de informação maior e mais preciso. Todavia, como tivemos oportunidade de ler no capítulo 3, este foi um processo longo e complexo, que implicou escolhas, e uma delas foi precisamente cingir-nos aos dados recolhidos por Santos Simões. Mas o sistema ficou preparado para que no futuro, outros investigadores o possam fazer, incluindo

uma perspetiva de âmbito internacional. Em todo o caso, beneficiámos das fichas já inseridas no contexto da tese de doutoramento de Rosário Salema de Carvalho, por exemplo, o que permitiu aproximar muito os dados do *Az Infinitum* em relação ao artigo mencionado. A comparação, agora com as fichas biográficas apresentadas por Santos Simões em 1979 e revistas em 2010, mostram que houve avanços significativos na descoberta de novas assinaturas durante as últimas décadas (Carvalho e Queiroz 2018).

Por sua vez, a sistematização de dados relativamente aos revestimentos cuja autoria é conhecida através de documentação associada mostra uma clara preponderância na identificação dos ladrilhadores, o que se explica face ao papel de mediador que estes profissionais desempenhavam no período em análise (Carvalho 2011; Carvalho e Mangucci 2018).

#### **4.1.4 Revestimentos datados**

Como já chamámos a atenção anteriormente, a leitura das cronologias é a mais complexa e a que garante resultados menos confiáveis. Mais uma vez, o maior problema reside no facto do sistema ter “duas velocidades”: uma em que todos os espaços foram registados de forma independente, e outra em que os diversos revestimentos estão registados numa única ficha. Por exemplo, podemos ter seis cronologias idênticas para a Igreja de São Victor, em Braga, porque é esse o número de divisões de espaços/revestimentos efetuadas aquando da inserção da ficha deste templo. Mas podemos ter uma outra igreja com três revestimentos distintos, todos com a mesma cronologia e, como tal, o que daí resulta é apenas um registo de cronologia. Por todos estes motivos, as leituras que a seguir apresentamos são meramente indicativas, devendo ser consideradas apenas hipóteses de trabalho e não um espelho da real dimensão dos revestimentos do século XVIII *in situ*.

Procurando atenuar esta questão, ultrapassando também os limites temporais excessivamente rígidos, optámos por cruzar os campos referentes às datas de início e fim com as designações habitualmente usadas para caracterizar os grandes ciclos de produção azulejar em Portugal (e cuja tabela equivale a uma lista controlada no *Az Infinitum*), apresentando apenas os dados relativos a este último parâmetro (tabela 15 e gráficos 10, 11, 12 e 13). Deste modo, obtemos uma distribuição cronológica que indica uma eventual preponderância da *Grande Produção Joanina* que, como o nome indica, deverá ter correspondido a um aumento exponencial do número de encomendas. Todavia, a diferença para o *Ciclo dos Mestres* não é tão significativa como a leitura da bibliografia deixaria adivinhar (Meco 1989, 228-229).

## Revestimentos cerâmicos

Cerâmica\Século XVII\Segunda metade	55
Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	100
<b>TOTAL</b>	<b>155</b>
Cerâmica\Século XVIII	138
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade	196
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestres	250
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina	291
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Rococó	12
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Azulejaria holandesa	5
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>746</b>
Cerâmica\Século XVIII\Meados	156
Cerâmica\Século XVIII\Meados\Rococó	100
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>256</b>
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade	143
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Rococó	136
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria neoclássica	22
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão pombalino	68
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Padrão D. Maria	1
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>370</b>

Tabela 15 – Análise da cronologia dos revestimentos entre >1670 e <1800

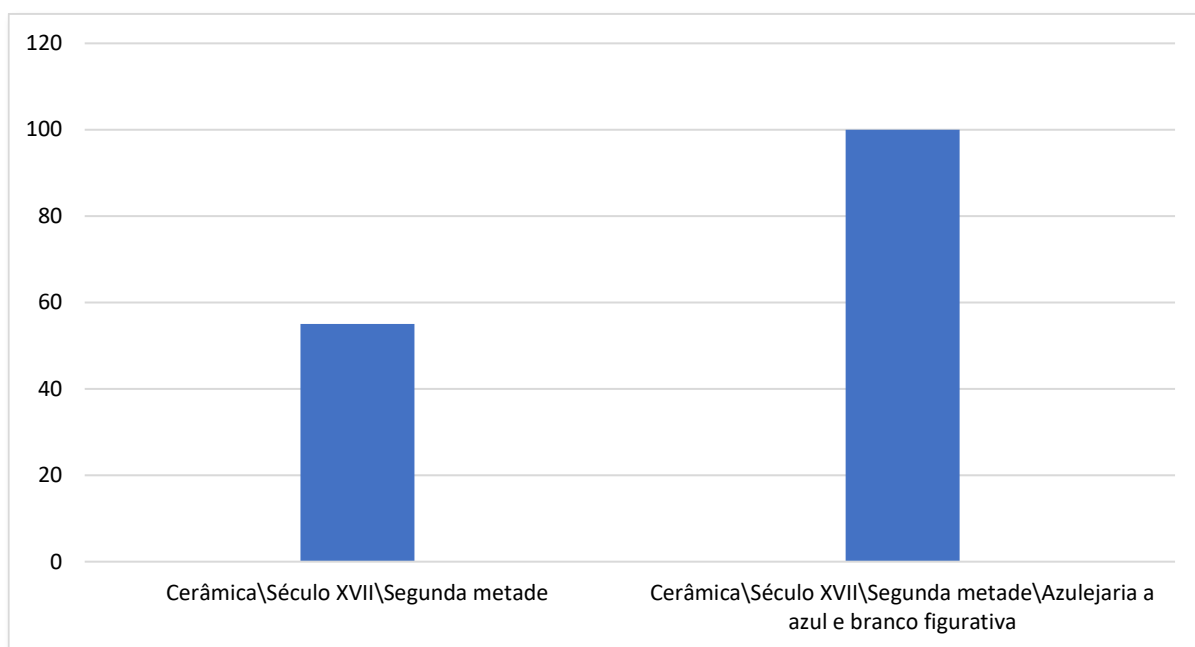


Gráfico 10 – Análise de revestimentos assinados por cronologia (séc. XVII)

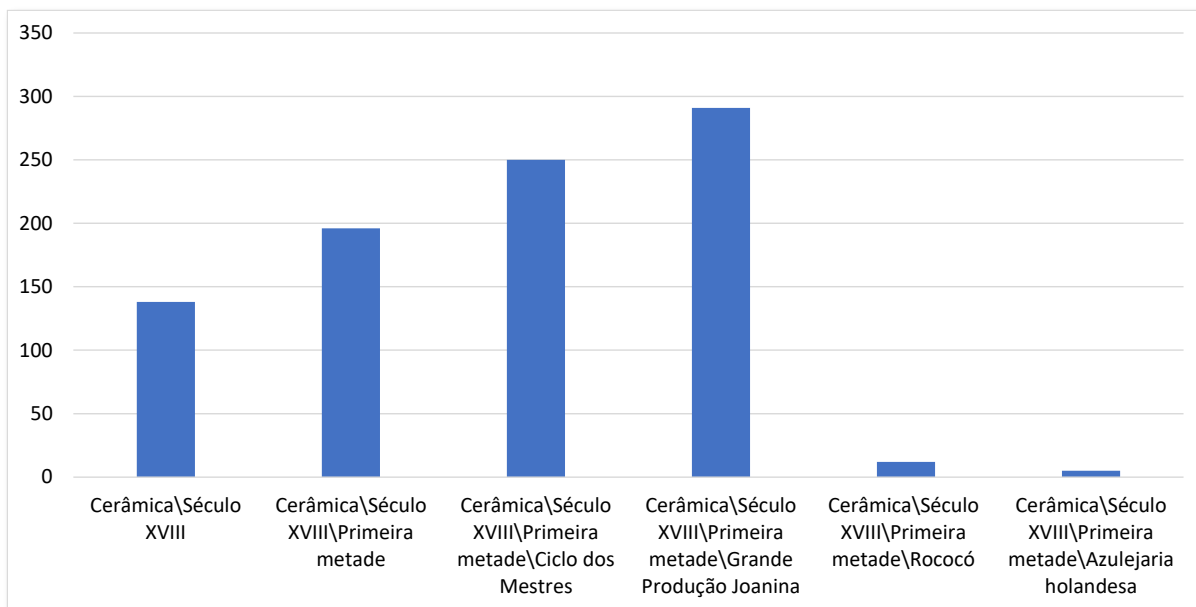


Gráfico 11 – Análise de revestimentos assinados por cronologia (primeira metade do séc. XVIII)

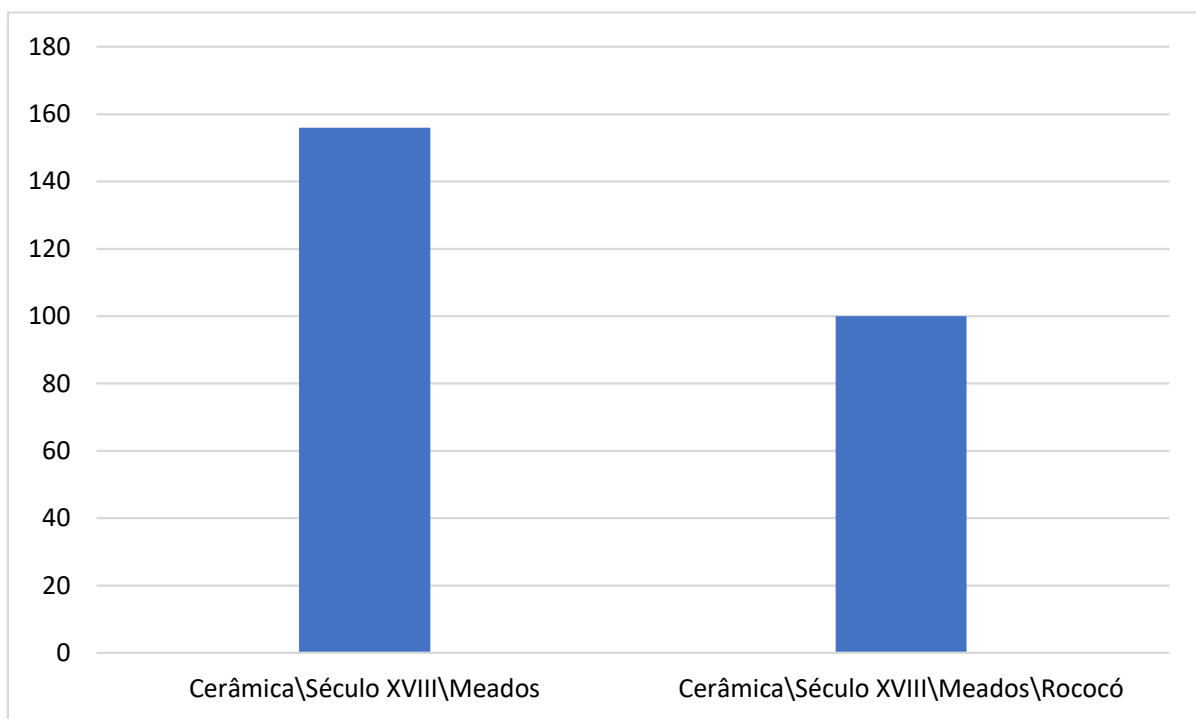


Gráfico 12 – Análise de revestimentos assinados por cronologia (meados do séc. XVIII)

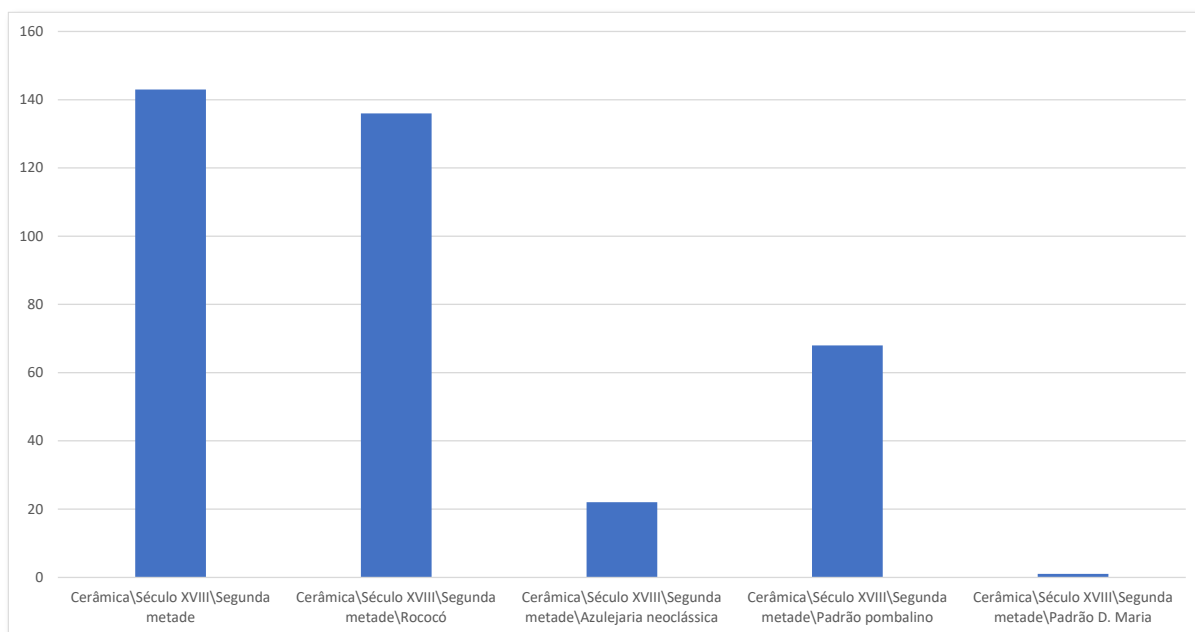


Gráfico 13 – Análise de revestimentos assinados por cronologia (segunda metade do séc. XVIII)

Observando agora os azulejos datados, percebemos que o reconhecimento da importância das datações precisas não é novo, já que “(...) desde o último quartel do século XIX, vários historiadores procuraram fazer “listas” de azulejos datados ou assinados e, mais tarde, inventários do azulejo à escala nacional” (Carvalho 2018, 90). Estes investigadores estavam preocupados em reunir listas de azulejos datados e/ou assinados, lançando assim as bases para a construção de uma história da história da azulejaria portuguesa mais concreta. Neste contexto, Vergílio Correia ocupou um lugar de destaque, ao publicar alguns artigos a este respeito, depois reunidos e editados postumamente no livro intitulado precisamente *Azulejos Datados* (1915; 1922). As obras consultadas permitiram contabilizar oito imóveis com revestimentos azulejares que comportam a nossa cronologia (>1670 e <1800). Alguns destes imóveis foram inseridos no contexto da tese de doutoramento de Rosário Salema de Carvalho (2012), como é o caso dos azulejos da Igreja do antigo convento dos Loios em Arroios, que Vergílio Correia designa como “Azulejo de «Os Loios» de Arraiolos” e a Capela da Peninha, em Sintra. Os restantes foram inseridos por nós no âmbito do presente trabalho de projeto<sup>9</sup>. Privilegiando as datações e assinaturas (Xavier 2020, 37), os textos apresentam descrições sucintas sobre as representações e só em exemplos muito particulares Vergílio Correia alude ao programa iconográfico, como é

<sup>9</sup> A Igreja de São João Baptista, que Vergílio Correia designa como a matriz de Alcochete (Correia 1922, 66-75); a Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Cacilhas (Correia 1922, 76-77); o Convento de São Salvador de Vilar de Frades, designado como Igreja de Vilar de Frades (Correia 1922, 78-81); o Padrão do Senhor Roubado, que o autor designa apenas como Senhor Roubado (Correia 1922, 82-87); o Convento da Penha de França que Vergílio Correia designa como Registo comemorativo do Terramoto (Correia 1922, 88).

o caso da Capela da Peninha, descrito como tendo os “passos da vida do Menino Jesus e da Senhora sua mãe” (Correia 1922, 63).

Por sua vez, Santos Simões procurou registrar sempre as datações existentes nos próprios azulejos, avançando com atribuições na grande maioria dos casos para os quais não existia uma cronologia exata. No presente trabalho de projeto apenas foram registadas as datas concretas e não as atribuições. Os exemplos em que as fichas apresentam cronologias atribuídas resultam de outros estudos. Assim, e em síntese, encontram-se datações em 127 fichas de revestimentos, mas se quisermos determinar o número de revestimentos teremos que acrescentar mais oito, uma vez que estes correspondem a cronologias diferentes dentro de uma determinada ficha. Assim, contabilizam-se 135 revestimentos datados, um dos quais corresponde a um restauro de época<sup>10</sup> (tabela 16 e gráfico 14).

#### Revestimentos cerâmicos datados

Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	28
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestre	46
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina	34
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Rococó	1
Cerâmica\Século XVIII\Meados\Rococó	3
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade	12
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Rococó	9
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Azulejaria neoclássica	1
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

Tabela 16 – Análise das fichas de revestimentos datados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

<sup>10</sup> O que explica a soma final da tabela 15 ser 134 e não 135 revestimentos.

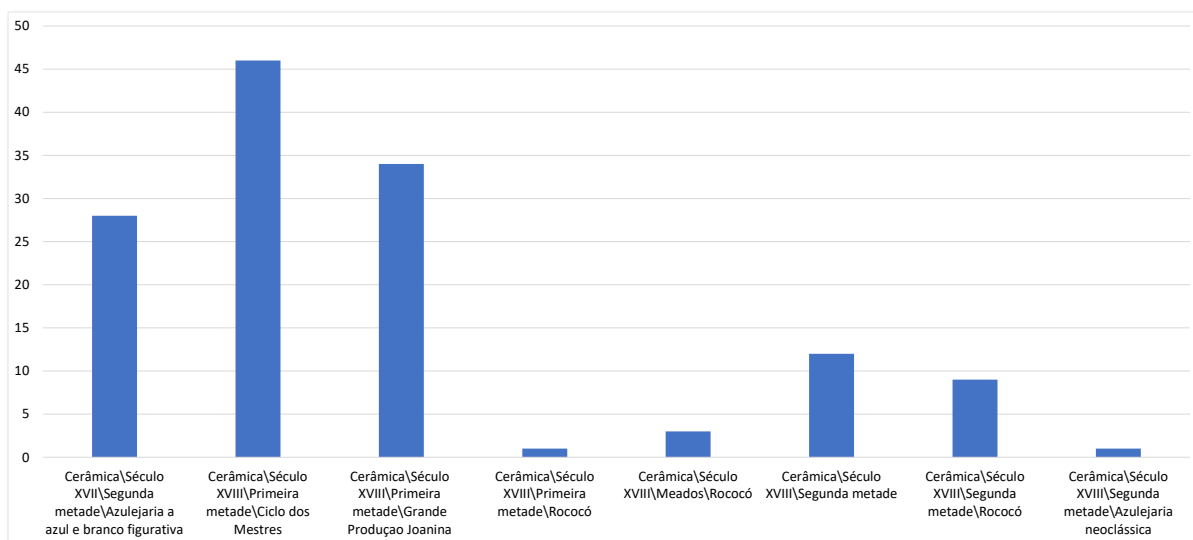


Gráfico 14 – Análise dos revestimentos datados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

O período com maior número de revestimentos datados é o *Ciclo dos Mestres*, com um total de 46. Cruzando esta informação com as autorias (tabela 17 e gráfico 15), conclui-se que 28 fichas apresentam revestimentos datados e assinados. Destas, 15 inscrevem-se no período da azulejaria azul e branco figurativa do final do século XVII, e são todas de Gabriel del Barco; sete correspondem ao *Ciclo dos Mestres* (duas assinadas por António de Oliveira Bernardes, quatro por Mestre P.M.P. e uma por Policarpo Oliveira Bernardes); e as restantes seis pertencem à *Grande Produção Joanina* (duas são de Policarpo Oliveira Bernardes, duas de Nicolau de Freitas e três de Bartolomeu Antunes).<sup>11</sup>

#### Fichas de revestimentos cerâmicos datados e assinados

Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	15
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestres	7
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina	6

Tabela 17 – Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

<sup>11</sup> Há um revestimento que assinam os dois – Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas -, mas como estamos a contabilizar fichas e não assinaturas, só foram colocadas seis fichas de revestimentos e não sete.

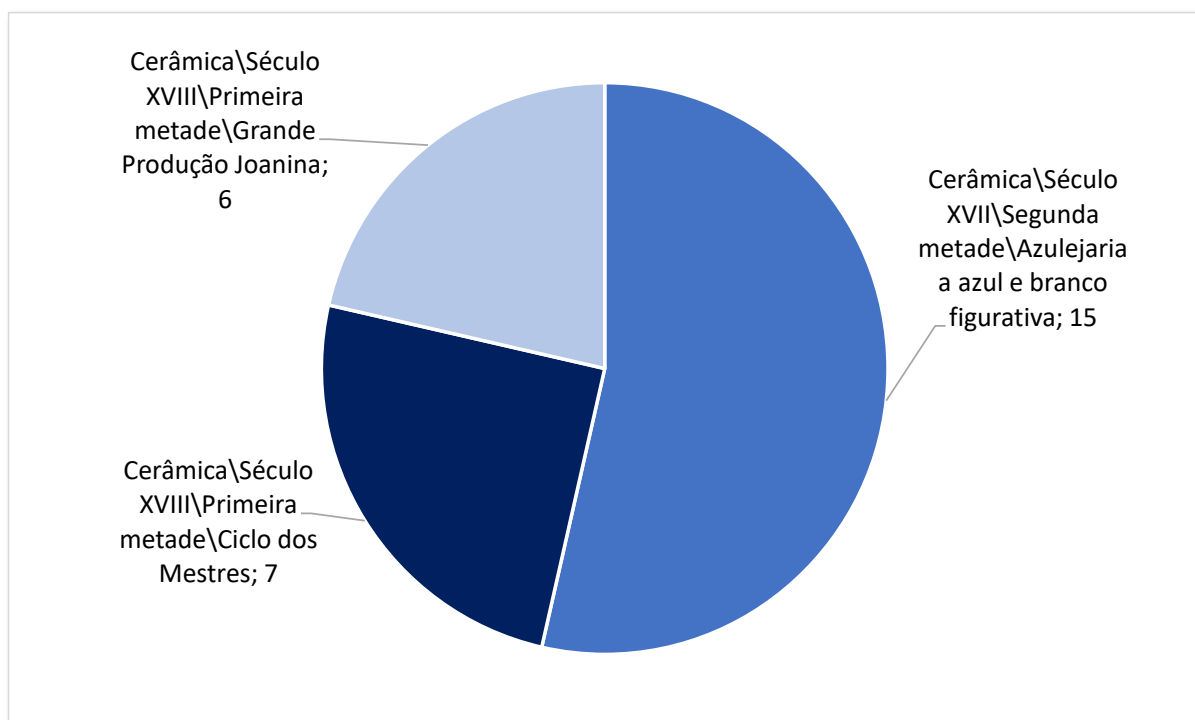


Gráfico 15 – Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e >1800

Para melhor ilustrarmos o cuidado que é necessário na leitura dos dados e na compreensão do que efetivamente estamos a “ler”, apresentamos de seguida a mesma contabilização, mas considerando os revestimentos e não as fichas (tabela 18), o que altera significativamente os resultados – por exemplo, a *Grande Produção Joanina* assume um papel de maior relevância que, em todo o caso deve ser contextualizado, pois na Capela do Nascimento, da Igreja do Convento de Vilar de Frades, há duas assinaturas, uma do pintor Nicolau de Freitas e outra do ladrilhador Bartolomeu Antunes.

#### Revestimentos cerâmicos datados e assinados

<b>Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa</b>	<b>12</b>
<b>Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestres</b>	<b>5</b>
<b>Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina</b>	<b>9</b>

Tabela 18 – Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

Seguindo o mesmo modelo de análise que utilizámos para os revestimentos datados, mas aplicado agora aos revestimentos documentados, contabilizamos 71 fichas, às quais acrescem

16 revestimentos que se repetem no contexto das mesmas fichas, o que totaliza 87 revestimentos (tabela 19 e gráfico 16). Organizámos também os dados por períodos cronológicos, o que revela a existência de maior número de documentação no *Ciclo dos Mestres*, com 26 fichas, seguido pela *Grande Produção Joanina* com 19 fichas, e pelo *Período de Transição*, com 17. Em que medida estes dados espelham o interesse da historiografia pela produção do final do século XVII e início da centúria de Setecentos é uma pergunta a que não conseguimos responder, mas pode vir a revelar-se importante numa futura análise historiográfica.

#### Fichas de revestimentos cerâmicos documentados

Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria a azul e branco figurativa	17
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade	1
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestre	26
Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina	19
Cerâmica\Século XVIII\Meados\Rococó	1
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade	1
Cerâmica\Século XVIII\Segunda metade\Rococó	6
<b>TOTAL</b>	<b>71</b>

Tabela 19 – Análise das fichas de revestimentos documentados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

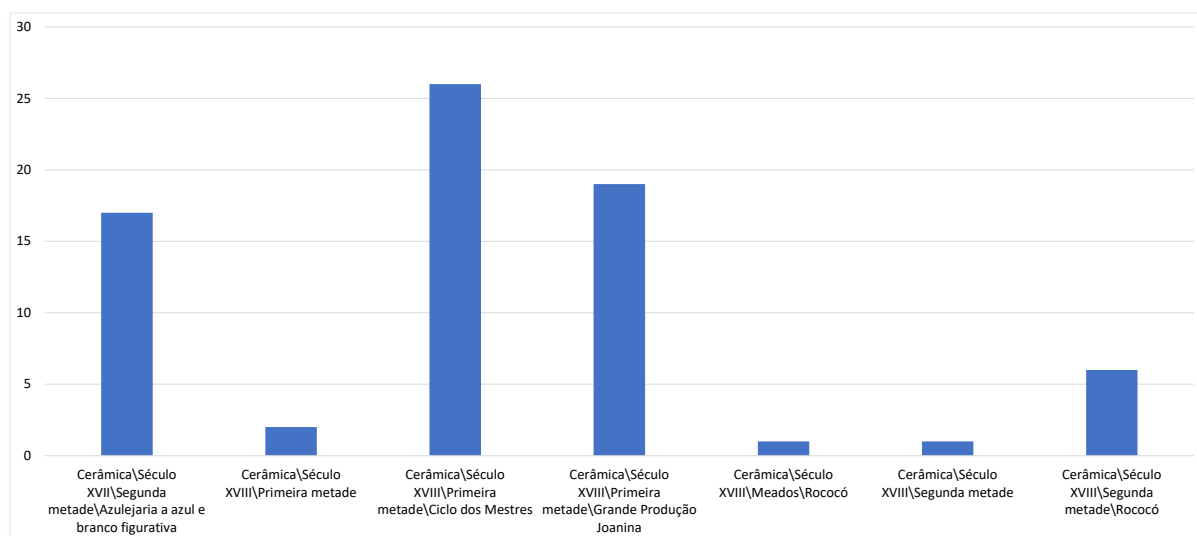


Gráfico 16 – Análise das fichas de revestimentos documentados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800

## 4.2 Iconografia

### 4.2.1 Uma leitura geral dos temas iconográficos

No que diz respeito à iconografia, que constitui o cerne do nosso trabalho, foram inseridas 1067 fichas de revestimentos figurativos, das quais 894 apresentam um programa iconográfico que foi devidamente catalogado (tabela 8). Todavia, e uma vez mais, importa chamar a atenção para o facto de uma ficha poder conter mais do que um programa, pelo que se contabilizarmos exclusivamente programas o total é de 1257. É sobre este número que os dados seguintes incidem.

Em termos de resultados, e observando a tabela 20 e o gráfico 17, que sintetizam os programas iconográficos usando as divisões base do *Iconclass*, torna-se muito evidente a preponderância de três grandes temas: *Religião Cristã* com 449 programas, *Bíblia* com 338 e *Sociedade, Civilização, Cultura* com 259. Considerando naturalmente a Bíblia como parte da religião cristã, os valores tornam-se bem mais elevados (787), não deixando margem para dúvidas sobre a preferência temática da centúria, que corresponde a 62% das representações.

#### Revestimentos figurativos com programa iconográfico | códigos base do *Iconclass*

11 – Religião cristã\	449
2 – Natureza\	116
3 – Ser Humano, Humanidade\	6
4 – Sociedade, Civilização, Cultura\	269
5 – Ideias e Conceitos Abstractos\	3
61 – eventos históricos e situações; pessoas históricas\	24
7 – Bíblia\	338
8 – Literatura\	4
9 - Mitologia Clássica e História Antiga\	48

Tabela 20 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800

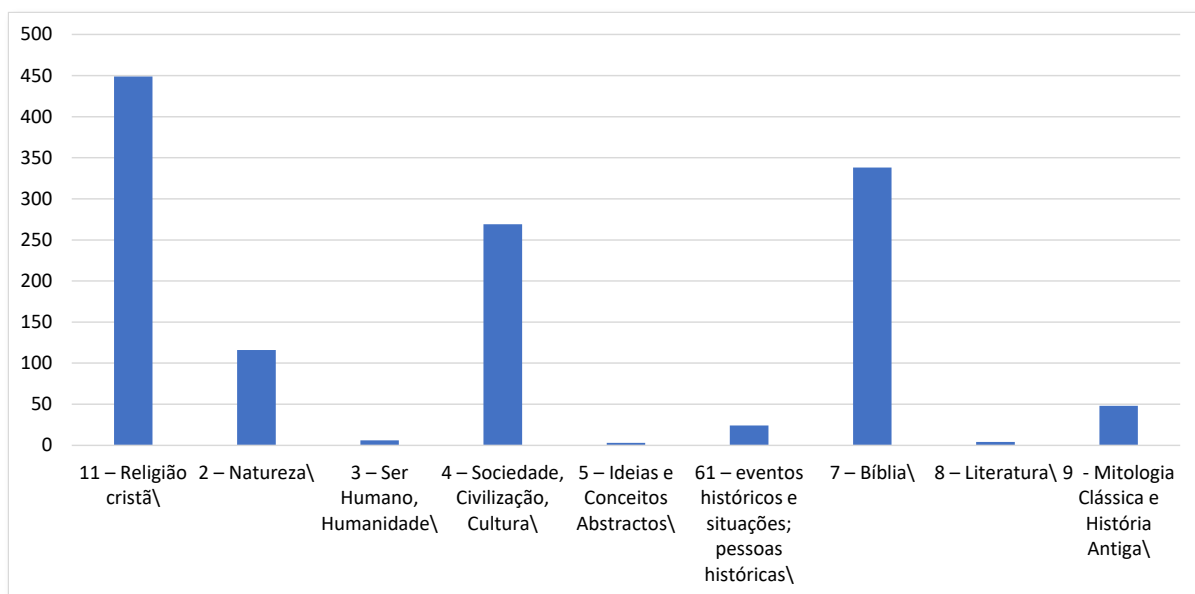


Gráfico 17 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e >1800

A partir destes nove códigos, podemos analisar com maior detalhe os programas e o número de vezes que os mesmos se repetem. A tabela 21 mostra uma síntese um pouco mais alargada do que a anterior, permitindo destacar, por exemplo, o volume de representações de santos e santas (282) e a preponderância dos santos masculinos, entre os quais se destacam, ainda, Santo António, São Francisco e São João Baptista.

Códigos do Iconclass	No.
4 - Sociedade, Civilização, Cultura\	269
73 - Novo Testamento\	267
1H(...) - santos masculinos\	208
11H(ANTONY OF PADUA) - o Monge Franciscano António de Pádua, possíveis atributos: burro, livro, crucifixo, cruz de flores, coração em chamas, Jesus (sobre um livro), lírio	37
11H(FRANCIS) - fundador da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), Francisco de Assis, atributos possíveis: livro, crucifixo, lírio, caveira, estigmas	29
11H(JOHN THE BAPTIST) - João Baptista, possíveis atributos: livro, cruz de junco, concha do baptismo, favo de mel, cordeiro, báculo (cajado)	18
2 - Natureza\	116
71 - Antigo Testamento\	60
1F - Virgem Maria\	54
1 - Religião cristã\	52
9 - Mitologia Clássica e História Antiga\	48
1H - santos\	44
1HH(...) - santas femininas\	30

1Q331 - anacoreta, eremita\	26
61 - eventos históricos e situações; pessoas históricas\	24
1V - (sete) Obras de Misericórdia\	16
1Q7324 - a Eucaristia - o quarto dos sete sacramentos\	12
7 - Bíblia\	11
3 - Ser Humano, Humanidade\	6
1G - anjos\	4
8 - Literatura\	4
5 - Ideias e Conceitos Abstractos\	3
1D - Cristo\	2
1Q75121 - os (quinze) Mistérios do Rosário	1

Tabela 21 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado segundo o número de ocorrências

Não há muitos estudos genéricos sobre as representações iconográficas na sua totalidade, pelo que o artigo de Rosário Salema de Carvalho (2021) assume particular relevância neste contexto. Segundo esta autora, o volume mais significativo de representações de programas relacionados com cenas da vida de um determinado santo (havendo também registos de outros que misturam vários santos – 44) explica-se pela relação direta que as decorações cerâmicas estabelecem com as invocações das igrejas e capelas, num país em que a reafirmação do culto dos santos ecoou de forma exemplar (Carvalho 2021).

Para além das igrejas e capelas paroquiais dedicadas a um santo específico, os templos inseridos em complexos conventuais contribuíram para esta representação hagiológica ao privilegiar os santos pertencentes ao universo devocional das várias congregações e a análise desta relação merecia um maior aprofundamento. Ao fazer uma pesquisa no sistema por programa e tipologia de edifício conseguimos compreender que as representações dos santos apresentam posicionamentos distintos, encontrando-se também em fachadas, jardins, fontes, corredores, entre outros. Contudo, os temas da religião cristã do código 1 estão sempre em espaços religiosos, mesmo em contexto civil, como é o caso da capela privativa de uma quinta, por exemplo.

Por outro lado, não é surpresa perceber que Santo António representa 37 dos 208 episódios, seguido de São Francisco de Assis com 29 e São João Baptista com 18, o que corrobora as

conclusões de Rosário Salema de Carvalho ao mencionar “Unsurprisingly, the list of narrative cycles is headed by Portuguese-born Saint Antony (12%) and Saint Francis (11%), followed by Saint John the Baptist (8%), Saint Peter (5%), Saint James (5%), and Saint Sebastian (5%)” (Carvalho 2021). Contudo, e como veremos na próxima tabela, em que se listam todos os temas representados de acordo com a hierarquia do *Iconclass*, a lista de santos e santas é bastante significativa, atestando a diversidade dos cultos (tabela 22).

<b>Códigos do Iconclass</b>	<b>No.</b>
11 – Religião cristã	11
11 - Religião cristã\Pia Desideria	2
11D1 - símbolos e prefigurações de Cristo	1
11D411 - lenda da Vera Cruz	1
11F - Virgem Maria	7
11F1 - símbolos e prefigurações da Virgem Maria	1
11F11 - símbolos de Maria	33
11F111 - símbolos de Maria baseados nas litanias	6
11F623 - Nossa Senhora do Rosário	1
11Q75121 - os (quinze) Mistérios do Rosário	1
11F8 - milagres, aparições, e lendas - Virgem Maria	6
11G – anjos	1
11G183 - o Arcanjo Miguel (frequentemente com armadura e com espada ou lança)	3
11H – santos	44
11H(...) - santos masculinos	31
11H(ANDREW) - o apóstolo André; possíveis atributos: livro, cruz em X (aspa), peixe, rede de pesca, corda, rolo	1
11H(ANTONY OF PADUA) - o Monge Franciscano António de Pádua, possíveis atributos: burro, livro, crucifixo, cruz de flores, coração em chamas, Jesus (sobre um livro), lírio	37
11H(AUGUSTINE) - Agostinho, bispo de Hipona, possíveis atributos: flechas trespassando o seu peito, livro, criança com concha, coração flamejante, coração (trespassado por flechas), pena	11
11H(BENEDICT) - Bento de Núrsia, abade de Monte Cassino e fundador da Ordem beneditina; possíveis atributos: hissopo, livro, copo (por vezes partido), corvo com pão no bico, peneira (ou bandeja)	9
11H(BERNARD) - Bernardo de Claraval, monge e abade cisterciense, possíveis atributos: colmeia, dragão acorrentado, crucifixo, cruz com instrumentos da Paixão, (três) mitra a seus pés, cão branco	7
11H(BERNARDINO) - Bernardino de Siena, frade Franciscano, possíveis atributos: livro, disco solar com o monograma IHS, três mitras a seus pés	1
11H(DOMINIC) - Domingos Gusmão de Caleruega, fundador da Ordem dos Pregadores (ou Ordem dos Dominicanos), possíveis atributos: livro, cão com tocha flamejante, lírio, pão, rosário, estrela	4
11H(FRANCIS XAVIER) - o missionário Jesuíta Francisco Xavier; possíveis atributos: cruz, crucifixo, coração flamejante, um indiano, lírio, tocha	4
11H(FRANCIS) - fundador da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), Francisco de Assis, atributos possíveis: livro, crucifixo, lírio, caveira, estigmas	29

11H(GEORGE) - o mártir guerreiro Jorge (Georgius); possíveis atributos: estandarte (cruz vermelha sobre fundo branco), cruz (vermelha), dragão, cavalo (branco), lança quebrada, escudo (com cruz), espada	1
11H(IGNATIUS) - fundador da Ordem dos Jesuítas, Inácio de Loyola, possíveis atributos: livro (com "ad majorem Dei gloriam"), demónio, dragão sobre os pés, chamas, coração flamejante, globo, monograma IHS, crânio (com coroa), lágrimas nos olhos, tocha	2
11H(JAMES THE GREAT) - o apóstolo São Tiago Maior, possíveis atributos: livro, capa de peregrino, chapéu, concha, bastão e saco, rol, espada	9
11H(JEROME) - o monge e eremita Jerónimo (Hieronymus), possíveis atributos - livro, chapéu de cardeal, crucifixo, ampulheta, leão, caveira, pedra	2
11H(JOHN OF GOD) - João de Deus de Granada, fundador da ordem dos Irmãos Hospitalários, possíveis atributos: pedintes, criança, caixa de esmolas, coroa de espinhos, crucifixo, romã (com cruz), pessoas doentes	1
11H(JOHN THE BAPTIST) - João Baptista, possíveis atributos: livro, cruz de junco, concha do baptismo, favo de mel, cordeiro, báculo (cajado)	18
11H(JOHN) - o apóstolo João Evangelista, possíveis atributos - livro, caldeirão, cálice com serpente, águia, palma, voluta	1
11H(JOSEPH)1 aspectos específicos - São José	3
11H(LAURENCE) - o mártir e diácono Lourenço de Roma; possíveis atributos: livro, turíbulo, cruz, dalmática, grelha, palma, bolsa (ou copo com moedas de ouro)	4
11H(NICHOLAS OF TOLENTINO) - o eremita agostinho Nicolau de Tolentino; possíveis atributos: livro, crucifixo (entrelaçado com lírios), lírio, (cesto com) pães, duas pombas (num prato ou a voar), estrela (no peito)	2
11H(PAUL THE HERMIT) - Paulo de Tebas, o primeiro eremita, possíveis atributos: corvo, dois leões	2
11H(PAUL) - o apóstolo Paulo de Tarso, possíveis atributos: livro, rol, espada	3
11H(PETER OF ALCANTARA) - o Monge Franciscano Pedro de Alcântara, possíveis atributos: livro, crucifixo, disciplinas, pomba, pena e tinta, caveira	1
11H(PETER) - o apóstolo Pedro, primeiro bispo de Roma, possíveis atributos: livro, galo, cruz (invertida), báculo (triplo), peixe, chave, pergaminho, barco, tiara	8
11H(PHILIP) - o apóstolo Filipe; possíveis atributos: livro, cruz, prato com serpente, lança, rolo, pedra, espada	1
11H(ROCH) - o confessor e peregrino Roque (Roccus, Rocco, Rock) de Montpellier; possíveis atributos: anjo (com caixa de unguentos ou colher), cão (por vezes com pão), (mostrando) bubão pestífero da coxa, concha de peregrino, vara, chapéu e bolsa	1
11H(SEBASTIAN) - o mártir Sebastião; possíveis atributos: flecha(s), arco, tronco de árvore	9
11H(VICTOR) - o mártir Vítor de Marselha; possíveis atributos: mó	3
11H(VINCENT) - o diácono e mártir Vicente de Saragoça (ou Valência); possíveis atributos: livro, cacho de uvas, dalmática, grelha (com picos), mó, corvo, embarcação	3
11HH(...) - santas femininas	14
11HH(ANNA) - Ana, mãe da Virgem Maria; possíveis atributos: livro, Menino Jesus, lírio, Virgem Maria	2
11HH(APOLLONIA) - a virgem mártir Apolónia de Alexandria; possíveis atributos: livro, coroa, palma, tenaz com dente	1
11HH(BARBARA) - a virgem mártir Bárbara, possíveis atributos: livro, canhão (bala), coroa, cruz, cálice com hóstia, Dióscoro (seu pai), pena de pavão, espada, tochas, ferramentas de pedreiro, torre	1
11HH(CLARE) - virgem e fundadora da Ordem das Clarissas Menores ou Pobres, Clara de Assis, possíveis atributos: livro, cruz, chifre ardente, lírio, ostensório, palma, báculo pastoral, rosário	1
11HH(ELISABETH OF PORTUGAL) - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho	2
11HH(MARTHA) - Padroeira das donas de casa, Marta da Betânia, atributos possíveis: aspersório, vassoura, molho de chaves, dragão, concha	1
11HH(MONICA) - a mãe de Agostinho, Mónica de Tagaste (ou Óstia); possíveis atributos: vestido preto com véu branco ou touca, livro, crucifixo, rosário	1

11HH(THERESA) - fundadora das carmelitas reformadas (descalças), Teresa de Ávila, possíveis atributos: anjo, flecha, pomba, coração (flamejante ou trespassado por uma flecha)	7
11I - profetas, sibilas, evangelistas, Doutores da Igreja; personagens - a Bíblia (em contexto não bíblico)	1
11I4 - evangelistas, normalmente com livros ou rolos (em contexto não bíblico)	9
11I6 - personagens do Antigo Testamento (em contexto não bíblico, que não ocorrem em aditamentos lendários ou históricos incluídos na secção 71)	2
11L54 - teologia; "Theologia" (Ripa), Teologia sagrada	1
11M - "Sapientia" e as Sete Virtudes, i. e., as três virtudes teológicas e as quatro virtudes cardeais	5
11M3 - as três virtudes teológicas	2
11P1 - representações alegóricas e simbólicas - a Igreja e a Religião	2
11P315(AUGUSTINIANS) - ordens monásticas, vida monástica: Agostinhos	5
11P315(CARMELITES) - ordens monásticas, vida monástica: Carmelitas	4
11P315(DOMINICANS) - ordens monásticas, vida monástica: Dominicanos	2
11P315(FRANCISCANS) - ordens monásticas, vida monástica: Franciscanos	3
11P31521 - monge(s), frade(s)	1
11Q331 - anacoreta, eremita	26
11Q7324 - a Eucaristia - o quarto dos sete sacramentos	3
11Q73243 - glorificação, triunfo da Eucaristia	9
11T6 - purgatório, almas rezando ou pedindo intersecção	2
11V - (sete) Obras de Misericórdia	16
21 - os quatro elementos, e éter, o quinto elemento	9
23D - estações do ano (personificações em particular), "Stagione", "Le quattro stagione dell'anno" (Ripa)	17
23N - os doze meses do ano representados por outros conceitos como personificações, actividades humanas, paisagens, naturezas mortas de flores e/ou frutos	1
23O - zodíaco, os doze signos do zodíaco juntos	3
25B - continentes representados alegoricamente	9
25F – animais	2
25H – paisagem	62
25H17 - campo, pastagem	3
25H2 - paisagem com águas, paisagem marítima, paisagem marinha (na zona temperada)	8
25I5 - paisagem com torre ou castelo	1
29A1 - "mundus inversus", o mundo invertido, o mundo às avessas, "le monde bestourné"	1
31A3 - os (cinco) sentidos	3
31D - vida humana e suas idades (jovem, adulto, idoso, etc.)	1
32B3311 – Chinês	2
4 - Sociedade, Civilização, Cultura	31

41A6 – jardim	6
41A651 - fonte de jardim	3
41C - nutrição, alimentação	5
41C4 - (família) refeição	1
43 - recreativo, divertimento	55
43C11 - caçada, perseguição	101
43C7 - diversões e jogos para crianças	3
43C9 – dança	1
44A1 - brasão, escudo de armas (como símbolo do estado, etc.),	1
45 - vida militar, assuntos militares	12
45H - batalha, lutas em geral	8
45H31(+3) - bombardeamento (+ força naval)	2
45L - ocupação – guerra	1
46A12 - nobreza, fidalguia	5
46A124 – cavaleiro	2
47I - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.	3
47I221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.	10
47I42 - viticultura, vitícola; vindima	1
480 - representações simbólicas, alegorias e emblemas ~ arte; "Arte" (Ripa)	6
48C7 – música	5
48C9 - literatura – artes	1
48C90 - "litterae", representações simbólicas, alegorias e emblemas - literatura, "Lettere" (Ripa)	1
49 - educação, ciência e aprendizagem	1
49C111 - "Grammatica" (~ trivium); "Grammatica" (Ripa)	1
49C2 - filosofia, História da filosofia	1
49C211 - metafísica, "Metaphysica"; "Metafísica" (Ripa)	1
49E21 – física	1
52A5 - conhecimento; "Cognitione", "Cognitione delle cose" (Ripa)	1
57A - bom e mau comportamento, qualidades morais	2
61 - eventos históricos e situações; pessoas históricas	10
61A - eventos históricos	10
61B - pessoas históricas (retratos e cenas do quotidiano)	4
7 – Bíblia	11
71 - Antigo Testamento	18

71A - Genesis da criação à expulsão do paraíso, e os últimos dias de Adão e Eva	1
71C1 - história de Abraão	1
71C3 - história de Jacob	1
71D - Génesis: a história de José	6
71E1 - O Livro do Êxodo: história de Moisés e Aarão	7
71E1254 - de manhã o maná cai sobre a terra ~ Êxodo	1
71E126 - Moisés faz brotar água do rochedo (Êxodo 17:1-7, Números 20:2-13)	1
71H - a história de David	2
71M - história de Elias	1
71O - profetas (antes e durante o Cativo na Babilónia)	1
71T - o livro de Tobias	3
71X - os livros líricos: Salmos e o Cântico dos Cânticos	2
71X2 - Cântico de Salomão, Cântico dos Cânticos	15
73 - Novo Testamento	1
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida da Virgem</b> ]	27
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida da Virgem e de Cristo</b> ]	142
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida de Cristo</b> ]	10
73A2 - antepassados e parentes de Cristo	1
73A2352 - (Imaculada) Conceição de Maria representada simbolicamente	1
73A4 - Maria e José [ <b>Cenas da vida de São José</b> ]	1
73B6 - o massacre dos inocentes e a fuga para o Egipto (Mateus 2:13-23)	3
73B64 - a fuga para o Egipto e os milagres durante a viagem	1
73B65 - descanso durante a fuga para o Egipto	1
73C121 - baptismo de Cristo no rio Jordão: João Baptista derramando água sobre a cabeça de Cristo: o Espírito Santo desce	4
73C7 - Cristo como professor (parte I): explicando a sua doutrina, ensinando - parábolas e provérbios	1
73C864 - a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32)	5
73D - Paixão de Cristo	52
73D4 - desde o palácio de Pilatos até ao Gólgota: o caminho para o calvário (Mateus 27:31-33, Marcos 15:20-22, Lucas 23:26-33, João 19:17)	7
73D43 - estações da cruz	3
73D82 - instrumentos simples da Paixão	4
73E37 - aparição de Cristo no Lago de Genesaré (Mar da Galileia, Mar de Tiberíade): pesca milagrosa (depois da Ressurreição)	1
73F21 - vida e actos de Pedro	2
8 – Literatura	3

85 – fábulas	1
9 - Mitologia Clássica e História Antiga	33
92 - deuses - mitologia clássica	3
92C3 - (história de) Diana (Artemis)	5
97 - metamorfoses - mitologia clássica	3
98 - história clássica	1
98B(+5) - personagens masculinas da história clássica (+ cabeça, busto, etc.)	3

Tabela 22 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado de acordo com a hierarquia do *Iconclass*

A visualização de dados sob diversos pontos de vista é essencial para a sua correta leitura, pelo que, apesar de extensa, optamos por apresentar a mesma tabela, mas agora com uma organização distinta, ou seja, privilegiando os episódios com maior número de ocorrências, independentemente da sua hierarquia no *Iconclass* (tabela 23).

Códigos do <i>Iconclass</i>	No.
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida da Virgem e de Cristo</b> ]	142
43C11 - caçada, perseguição	101
25H – paisagem	62
43 - recreativo, divertimento	55
73D - Paixão de Cristo	52
11H – santos	44
11H(ANTONY OF PADUA) - o Monge Franciscano António de Pádua, possíveis atributos: burro, livro, crucifixo, cruz de flores, coração em chamas, Jesus (sobre um livro), lírio	37
11F11 - símbolos de Maria	33
9 - Mitologia Clássica e História Antiga	33
11H(...) - santos masculinos	31
4 - Sociedade, Civilização, Cultura	31
11H(FRANCIS) - fundador da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), Francisco de Assis, atributos possíveis: livro, crucifixo, lírio, caveira, estigmas	29
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida da Virgem</b> ]	27
11Q331 - ancoreta, eremita	26
11H(JOHN THE BAPTIST) - João Baptista, possíveis atributos: livro, cruz de junco, concha do baptismo, favo de mel, cordeiro, báculo (cajado)	18
71 - Antigo Testamento	18
23D - estações do ano (personificações em particular), "Stagione", "Le quattro stagione dell'anno" (Ripa)	17

11V - (sete) Obras de Misericórdia	16
71X2 - Cântico de Salomão, Cântico dos Cânticos	15
11HH(...) - santas femininas	14
45 - vida militar, assuntos militares	12
11 – Religião cristã	11
11H(AUGUSTINE) - Agostinho, bispo de Hipona, possíveis atributos: flechas trespassando o seu peito, livro, criança com concha, coração flamejante, coração (trespassado por flechas), pena	11
7 – Bíblia	11
47I221 - pastoreio, vaqueiro, vaqueira, pastor, pastora, etc.	10
61 - eventos históricos e situações; pessoas históricas	10
61A - eventos históricos	10
73 - Novo Testamento [ <b>Cenas da vida de Cristo</b> ]	10
11H(BENEDICT) - Bento de Núrsia, abade de Monte Cassino e fundador da Ordem beneditina; possíveis atributos: hissopo, livro, copo (por vezes partido), corvo com pão no bico, peneira (ou bandeja)	9
11H(JAMES THE GREAT) - o apóstolo São Tiago Maior, possíveis atributos: livro, capa de peregrino, chapéu, concha, bastão e saco, rol, espada	9
11H(SEBASTIAN) - o mártir Sebastião; possíveis atributos: flecha(s), arco, tronco de árvore	9
11I4 - evangelistas, normalmente com livros ou rolos (em contexto não bíblico)	9
11Q73243 - glorificação, triunfo da Eucaristia	9
21 - os quatro elementos, e éter, o quinto elemento	9
25B - continentes representados alegoricamente	9
11H(PETER) - o apóstolo Pedro, primeiro bispo de Roma, possíveis atributos: livro, galo, cruz (invertida), báculo (triplo), peixe, chave, pergaminho, barco, tiara	8
25H2 - paisagem com águas, paisagem marítima, paisagem marinha (na zona temperada)	8
45H - batalha, lutas em geral	8
11F - Virgem Maria	7
11H(BERNARD) - Bernardo de Claraval, monge e abade cisterciense, possíveis atributos: colmeia, dragão acorrentado, crucifixo, cruz com instrumentos da Paixão, (três) mitra a seus pés, cão branco	7
11HH(THERESA) - fundadora das carmelitas reformadas (descalças), Teresa de Ávila, possíveis atributos: anjo, flecha, pomba, coração (flamejante ou trespassado por uma flecha)	7
71E1 - O Livro do Êxodo: história de Moisés e Aarão	7
73D4 - desde o palácio de Pilatos até ao Gólgota: o caminho para o calvário (Mateus 27:31-33, Marcos 15:20-22, Lucas 23:26-33, João 19:17)	7
11F111 - símbolos de Maria baseados nas litanias	6
11F8 - milagres, aparições, e lendas - Virgem Maria	6
41A6 – jardim	6
480 - representações simbólicas, alegorias e emblemas ~ arte; "Arte" (Ripa)	6
71D - Génesis: a história de José	6
11M - "Sapientia" e as Sete Virtudes, i. e., as três virtudes teológicas e as quatro virtudes cardeais	5

11P315(AUGUSTINIANS) - ordens monásticas, vida monástica: Agostinhos	5
41C - nutrição, alimentação	5
46A12 - nobreza, fidalguia	5
48C7 – música	5
73C864 - a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32)	5
92C3 - (história de) Diana (Artemis)	5
11H(DOMINIC) - Domingos Gusmão de Caleruega, fundador da Ordem dos Pregadores (ou Ordem dos Dominicanos), possíveis atributos: livro, cão com tocha flamejante, lírio, pão, rosário, estrela	4
11H(FRANCIS XAVIER) - o missionário Jesuíta Francisco Xavier; possíveis atributos: cruz, crucifixo, coração flamejante, um indiano, lírio, tocha	4
11H(LAURENCE) - o mártir e diácono Lourenço de Roma; possíveis atributos: livro, turíbulo, cruz, dalmática, grelha, palma, bolsa (ou copo com moedas de ouro)	4
11P315(CARMELITES) - ordens monásticas, vida monástica: Carmelitas	4
61B - pessoas históricas (retratos e cenas do quotidiano)	4
73C121 - baptismo de Cristo no rio Jordão: João Baptista derramando água sobre a cabeça de Cristo: o Espírito Santo desce	4
73D82 - instrumentos simples da Paixão	4
11G183 - o Arcanjo Miguel (frequentemente com armadura e com espada ou lança)	3
11H(JOSEPH)1 aspectos específicos - São José	3
11H(PAUL) - o apóstolo Paulo de Tarso, possíveis atributos: livro, rol, espada	3
11H(VICTOR) - o mártir Vítor de Marselha; possíveis atributos: mó	3
11H(VINCENT) - o diácono e mártir Vicente de Saragoça (ou Valência); possíveis atributos: livro, cacho de uvas, dalmática, grelha (com picos), mó, corvo, embarcação	3
11P315(FRANCISCANS) - ordens monásticas, vida monástica: Franciscanos	3
11Q7324 - a Eucaristia - o quarto dos sete sacramentos	3
23O - zodíaco, os doze signos do zodíaco juntos	3
25H17 - campo, pastagem	3
31A3 - os (cinco) sentidos	3
41A651 - fonte de jardim	3
43C7 - diversões e jogos para crianças	3
47I - agricultura, criação de gado, horticultura, floricultura, etc.	3
71T - o livro de Tobias	3
73B6 - o massacre dos inocentes e a fuga para o Egipto (Mateus 2:13-23)	3
73D43 - estações da cruz	3
8 – Literatura	3
92 - deuses - mitologia clássica	3
97 - metamorfoses - mitologia clássica	3
98B(+5) - personagens masculinas da história clássica (+ cabeça, busto, etc.)	3

11 - Religião cristã\Pia Desideria	2
11H(IGNATIUS) - fundador da Ordem dos Jesuítas, Inácio de Loyola, possíveis atributos: livro (com "ad majorem Dei gloriam"), demónio, dragão sobre os pés, chamas, coração flamejante, globo, monograma IHS, crânio (com coroa), lágrimas nos olhos, tocha	2
11H(JEROME) - o monge e eremita Jerónimo (Hieronymus), possíveis atributos - livro, chapéu de cardeal, crucifixo, ampulheta, leão, caveira, pedra	2
11H(NICHOLAS OF TOLENTINO) - o eremita agostinho Nicolau de Tolentino; possíveis atributos: livro, crucifixo (entrelaçado com lírios), lírio, (cesto com) pães, duas pombas (num prato ou a voar), estrela (no peito)	2
11H(PAUL THE HERMIT) - Paulo de Tebas, o primeiro eremita, possíveis atributos: corvo, dois leões	2
11HH(ANNA) - Ana, mãe da Virgem Maria; possíveis atributos: livro, Menino Jesus, lírio, Virgem Maria	2
11HH(ELISABETH OF PORTUGAL) - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho	2
11I6 - personagens do Antigo Testamento (em contexto não bíblico, que não ocorrem em aditamentos lendários ou históricos incluídos na secção 71)	2
11M3 - as três virtudes teológicas	2
11P1 - representações alegóricas e simbólicas - a Igreja e a Religião	2
11P315(DOMINICANS) - ordens monásticas, vida monástica: Dominicanos	2
11T6 - purgatório, almas rezando ou pedindo intersecção	2
25F – animais	2
32B3311 – Chinês	2
45H31(+3) - bombardeamento (+ força naval)	2
46A124 – cavaleiro	2
57A - bom e mau comportamento, qualidades morais	2
71H - a história de David	2
71X - os livros líricos: Salmos e o Cântico dos Cânticos	2
73F21 - vida e actos de Pedro	2
11D1 - símbolos e prefigurações de Cristo	1
11D411 - lenda da Vera Cruz	1
11F1 - símbolos e prefigurações da Virgem Maria	1
11F623 - Nossa Senhora do Rosário	1
11Q75121 - os (quinze) Mistérios do Rosário	1
11G – anjos	1
11H(ANDREW) - o apóstolo André; possíveis atributos: livro, cruz em X (aspa), peixe, rede de pesca, corda, rolo	1
11H(BERNARDINO) - Bernardino de Siena, frade Franciscano, possíveis atributos: livro, disco solar com o monograma IHS, três mitras a seus pés	1
11H(GEORGE) - o mártir guerreiro Jorge (Georgius); possíveis atributos: estandarte (cruz vermelha sobre fundo branco), cruz (vermelha), dragão, cavalo (branco), lança quebrada, escudo (com cruz), espada	1
11H(JOHN OF GOD) - João de Deus de Granada, fundador da ordem dos Irmãos Hospitalários, possíveis atributos: pedintes, criança, caixa de esmolas, coroa de espinhos, crucifixo, romã (com cruz), pessoas doentes	1

11H(JOHN) - o apóstolo João Evangelista, possíveis atributos - livro, caldeirão, cálice com serpente, águia, palma, voluta	1
11H(PETER OF ALCANTARA) - o Monge Franciscano Pedro de Alcântara, possíveis atributos: livro, crucifixo, disciplinas, pomba, pena e tinta, caveira	1
11H(PHILIP) - o apóstolo Filipe; possíveis atributos: livro, cruz, prato com serpente, lança, rolo, pedra, espada	1
11H(ROCH) - o confessor e peregrino Roque (Roccus, Rocco, Rock) de Montpellier; possíveis atributos: anjo (com caixa de unguentos ou colher), cão (por vezes com pão), (mostrando) bubão pestífero da coxa, concha de peregrino, vara, chapéu e bolsa	1
11HH(APOLLONIA) - a virgem mártir Apolónia de Alexandria; possíveis atributos: livro, coroa, palma, tenaz com dente	1
11HH(BARBARA) - a virgem mártir Bárbara, possíveis atributos: livro, canhão (bala), coroa, cruz, cálice com hóstia, Dióscoro (seu pai), pena de pavão, espada, tochas, ferramentas de pedreiro, torre	1
11HH(CLARE) - virgem e fundadora da Ordem das Clarissas Menores ou Pobres, Clara de Assis, possíveis atributos: livro, cruz, chifre ardente, lírio, ostensório, palma, báculo pastoral, rosário	1
11HH(MARTHA) - Padroeira das donas de casa, Marta da Betânia, atributos possíveis: aspersório, vassoura, molho de chaves, dragão, concha	1
11HH(MONICA) - a mãe de Agostinho, Mónica de Tagaste (ou Óstia); possíveis atributos: vestido preto com véu branco ou touca, livro, crucifixo, rosário	1
11I - profetas, sibilas, evangelistas, Doutores da Igreja; personagens - a Bíblia (em contexto não bíblico)	1
11L54 - teologia; "Theologia" (Ripa), Teologia sagrada	1
11P31521 - monge(s), frade(s)	1
23N - os doze meses do ano representados por outros conceitos como personificações, actividades humanas, paisagens, naturezas mortas de flores e/ou frutos	1
25I5 - paisagem com torre ou castelo	1
29A1 - "mundus inversus", o mundo invertido, o mundo às avessas, "le monde bestourné"	1
31D - vida humana e suas idades (jovem, adulto, idoso, etc.)	1
41C4 - (família) refeição	1
43C9 – dança	1
44A1 - brasão, escudo de armas (como símbolo do estado, etc.),	1
45L - ocupação – guerra	1
47I42 - viticultura, vitícola; vindima	1
48C9 - literatura – artes	1
48C90 - "litterae", representações simbólicas, alegorias e emblemas - literatura, "Lettere" (Ripa)	1
49 - educação, ciência e aprendizagem	1
49C111 - "Grammatica" (~ trivium); "Grammatica" (Ripa)	1
49C2 - filosofia, História da filosofia	1
49C211 - metafísica, "Metaphysica"; "Metafísica" (Ripa)	1
49E21 – física	1
52A5 - conhecimento; "Cognitione", "Cognitione delle cose" (Ripa)	1
71A - Genesis da criação à expulsão do paraíso, e os últimos dias de Adão e Eva	1
71C1 - história de Abraão	1

71C3 - história de Jacob	1
71E1254 - de manhã o maná cai sobre a terra ~ Êxodo	1
71E126 - Moisés faz brotar água do rochedo (Êxodo 17:1-7, Números 20:2-13)	1
71M - história de Elias	1
71O - profetas (antes e durante o Cativo na Babilónia)	1
73 - Novo Testamento	1
73A2 - antepassados e parentes de Cristo	1
73A2352 - (Imaculada) Conceição de Maria representada simbolicamente	1
73A4 - Maria e José [ <b>Cenas da vida de São José</b> ]	1
73B64 - a fuga para o Egípto e os milagres durante a viagem	1
73B65 - descanso durante a fuga para o Egípto	1
73C7 - Cristo como professor (parte I): explicando a sua doutrina, ensinando - parábolas e provérbios	1
73E37 - aparição de Cristo no Lago de Genesaré (Mar da Galileia, Mar de Tiberíade): pesca milagrosa (depois da Ressurreição)	1
85 – fábulas	1
98 - história clássica	1

Tabela 23 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado por número de representações (coluna 2)

As representações iconográficas que lideram esta tabela correspondem às cenas da vida da Virgem e de Cristo, que serão analisadas mais à frente como um estudo de caso. Segue-se um tópico muito comum em contexto civil, as cenas de caça, e outros dois também localizados nos mesmos ambientes – paisagens e cenas recreativas. No contexto das cenas religiosas, a Paixão de Cristo ganha uma fortíssima expressão, surgindo em quinto lugar na tabela, com 52 representações que, pela sua especificidade, foram isoladas do ciclo mais abrangente, relativo à vida de Cristo. A tabela continua com temáticas de santos a par de episódios da mitologia, de outros relativos à sociedade, civilização e cultura, de acontecimentos do Antigo Testamento, com autonomia, pela expressividade, para o *Cântico dos Cânticos*, por exemplo (15), ou com temas particulares como é o caso das *Obras de Misericórdia* (16).

Não deixa de ser interessante perceber que os temas com maior representatividade apresentam um equilíbrio relativo entre assuntos religiosos e do quotidiano. Todavia, importa recordar que, como explicámos anteriormente, se a classificação dos programas religiosos foi simples, a catalogação de cenas descritas por Santos Simões como galantes, do quotidiano, cortesãs, etc., revelou-se bem mais complexa pela falta de expressões/códigos, que unificassem os temas e

permitissem definir um programa. Como tal, optou-se por classificar muitos destes conjuntos com códigos genéricos, o que talvez explique a subida dos mesmos nesta tabela, por oposição a uma maior subdivisão das temáticas religiosas. Observemos, a título de exemplo, as paisagens, que Santos Simões por vezes classifica como paisagens pastoris, campestres, marinhas, etc., mas em muitos outros casos apenas refere como paisagem. Não sendo possível comprovar localmente as representações, optámos por subir na árvore do *Iconclass* utilizando o código 25H, para as várias paisagens, e só especificando os exemplos que seguramente foram identificados pelo autor. Esta iconografia, apesar de se localizar maioritariamente em contexto civil – quintas e palácios e espaços verdes, como jardins –, também surge no contexto de espaços religiosos.

Não nos vamos deter com pormenor na análise de todos estes temas, por tal não ser possível neste trabalho de projeto, mas centrar a atenção em dois tópicos que podem ser comparados com dissertações e artigos, o que também contribui para validar os dados e contextualizá-los – programas relacionados com as *Obras de Misericórdia* e São Tiago Maior.

Começando pelos programas referentes às *Obras de Misericórdia*, procurámos averiguar se todos foram catalogados como tal por comparação com a dissertação de mestrado de Rosário Salema de Carvalho (2007). Como podemos observar pelas tabelas anteriores, encontram-se classificados no *Az Infinitum* 16 revestimentos, número coincidente com o apresentado na dissertação em análise (tabela 24).

#### Programa azulejares com representação de *Obras de Misericórdia* (Carvalho 2007)

##### Antiga igreja da Misericórdia de Estremoz

Subcoro

Nave

Painéis retirados da Igreja

##### Igreja da Misericórdia de Évora

Nave

Outras representações azulejares – subcoro

##### Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo

Nave

##### Antiga igreja da Misericórdia de Grândola

Nave

**Igreja da Misericórdia de Olivença**

---

Subcoro e nave

---

Capela-mor

---

**Igreja da Misericórdia de Mangualde**

---

Capela-mor

---

Nave

---

**Igreja da Misericórdia do Redondo**

---

Capela-mor

---

**Sala do Definitório da Misericórdia de Abrantes**

---

Sala do Definitório

---

**Igreja da Misericórdia de Arraiolos**

---

Nave

---

**Igreja da Misericórdia de Évoramonte**

---

Nave

---

**Igreja da Misericórdia de Tavira**

---

Nave

---

**Igreja da Misericórdia de Vila Franca de Xira**

---

Nave

---

**Sala do Definitório da Misericórdia de Estremoz**

---

Sala do Definitório

---

**Igreja da Misericórdia de Alhos Vedros**

---

Nave

---

Capela-mor

---

Coro

---

**Capela do Poço do Cardido**

---

Nave

---

**Sala do Definitório da Misericórdia de Santarém**

---

Sala do Definitório

---

Tabela 24 – Elenco dos programas azulejares com representação de obras de misericórdia (Carvalho 2007, apêndice 1).

Ao comparar os programas azulejares que Rosário Salema de Carvalho estudou com os que foram inseridos no nosso trabalho de projeto, compreendemos que, apesar dos valores finais serem idênticos – 16 revestimentos –, há algumas diferenças. Não foi inserido no *Az Infinitum*

o revestimento da Igreja da Misericórdia de Olivença, uma vez que este pertence ao concelho de Badajoz em Espanha, não fazendo parte do território nacional; nem o revestimento da antiga igreja da Misericórdia de Estremoz, pois o mesmo já não se encontra *in situ*. Mas foram inseridos dois conjuntos que não constavam da lista acima – a sacristia da capela de Nossa Senhora dos Navegantes, em Lisboa (LX\_E\_CpNSN), e a Igreja da Misericórdia de Chaves (CV\_SMM\_IgM).

Seguindo a mesma lógica comparativa, a tabela 25 sintetiza as identificações de programas referentes a São Tiago Maior, realizada por Rosário Salema de Carvalho e João Pedro Monteiro (2020). Contabilizam-se neste artigo dez programas, mas no *Az Infinitum* apenas se encontram nove. A Igreja de Santiago de Alcácer do Sal foi contabilizada duas vezes porque tem dois programas distintos, um na nave e outro na capela-mor. Mas há dois imóveis que não foram classificados deste modo no *Az Infinitum* – o Santuário de Nossa Senhora do Pilar, em Póvoa do Lanhoso, que não foi classificado uma vez que não foi identificado por Santos Simões na edição de 1979, nem na edição revista de 2010, e a capela de Nossa Senhora do Pilar ou de São Roque, em Vila do Conde. No caso desta última, apenas foi catalogada a representação de Nossa Senhora do Pilar (11F – Virgem Maria), e não a totalidade do programa como sendo referente a São Tiago. A cena que se encontra representada é, precisamente, a “aparição de Nossa Senhora do Pilar a três peregrinos, um dos quais São Tiago” (Carvalho e Monteiro 2020, 232). A impossibilidade de ver o programa presencialmente obrigou, seguindo a metodologia que estávamos a seguir, a classificar apenas a representação da Nossa Senhora do Pilar, não especificando a ligação deste episódio à vida de São Tiago.

#### [Programas azulejares com representações de cenas da vida de São Tiago \(Carvalho e Monteiro 2020\)](#)

---

**Torres Vedras, Igreja de Santiago**

---

**Sardoal, Igreja de São Tiago e São Mateus, matriz do Sardoal**

---

**Estômbar, Igreja de São Tiago**

---

**Samora Correia, Igreja da Senhora da Oliveira**

---

**Alcácer do Sal, Igreja matriz de Santiago**

---

**Castro Verde, Basílica de Nossa Senhora da Conceição, capela-mor**

---

**Almada, Igreja de São Tiago, capela-mor**

---

**Outão, Capela da Fortaleza de Santiago do Outão**

---

**Póvoa de Lanhoso, Santuário de Nossa Senhora do Pilar**

---

**Vila do Conde, Capela de Nossa Senhora do Pilar ou de São Roque**

---

Tabela 25 – Programas azulejares com representações da vida de São Tiago (Carvalho e Monteiro 2020)

## 4.2.2 Estudo de caso: cenas da Vida da Virgem e de Cristo

Como vimos, a tabela 23 é liderada pelo código 73 - *Novo Testamento*, complementados pela descrição específica *Cenas da vida da Virgem e de Cristo*, o que significa que este é o programa mais representado. Recordemos que não existe uma correspondência no *Iconclass* para cenas da vida da Virgem e de Cristo, uma vez que a história de Nossa Senhora surge a partir do código 73A – (*cenas da vida de*) *São João Baptista e Maria*, e a de Cristo desdobra-se em quatro (73B a 73E), razão pela qual se optou por usar o código comum – 73 – complementado por uma frase inserida na categoria *descrição específica*.

Para mostrar as potencialidades de análise dos dados que reunimos e das perguntas de investigação que podem ser feitas, usámos este caso de estudo por ser dos raros ciclos narrativos que Santos Simões quase sempre discriminou (tabela 26). Associando os dados recolhidos com outros já inseridos no *Az Infinitum*, começámos por identificar todos os episódios que se incluíam nestes programas (tabela 27), extraíndo um ficheiro *Excel* do sistema com os dados que nos interessava analisar.

### Programas

<b>Total de programas figurativos catalogados</b>	894
<b>Total de programas classificados como 73 - Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</b>	142
<b>Total de programas com temas discriminados</b>	135
<b>Total de programas sem temas discriminados</b>	7

Tabela 26 – Análise dos programas classificados no *Az Infinitum* como 73 - *Novo Testamento* e *cenas da Vida da Virgem e de Cristo* para o intervalo cronológico >1670 e <1800

### Temas iconográficos (organizados por temas mais recorrentes)

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)	95
73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)	72
73B25 - adoração de Jesus pelos pastores - Maria e José presentes	59
73B57 - adoração dos reis: os sábios oferecem os seus presentes a Jesus (ouro, incenso e mirra)	59
73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote	56
73A34 - dedicação (ou apresentação) de Maria no templo - ela sobe os degraus e é recebida pelo sumo sacerdote	55
73B641 - a fuga para o Egipto: Maria, José e o Menino (e por vezes outros) a caminho Maria normalmente está montada num burro (jumento)	53
73A31 - nascimento de Maria	51

73E77 - a assunção de Maria ("assumptio corporis"): ela é elevada por anjos até ao céu	31
OUTROS (incluí cenas da vida adulta de Cristo, da Paixão, santos)	31
73B3 - circuncisão do Menino Jesus pelo sacerdote no templo (Lucas 2, 21)	29
73B4 - apresentação do Menino Jesus no templo, presença habitual Simeão (e Ana) (Lucas 2:22-39)	29
11F11 - símbolos de Maria	27
73B13 - Maria, José e o recém-nascido Menino Jesus (Natividade)	23
73B93 - disputa de Jesus com os doutores no templo, ele conta os seus argumentos pelos dedos	16
73E74 - a Dormição: Maria no seu leito de morte, os apóstolos reúnem-se em seu redor (João o Evangelista pode ser representando a dormir ou a sonhar)	14
11F232 - "Imaculada", "Purísima"	14
73B65 - descanso durante a fuga para o Egipto	12
73E5 - Pentecostes: o Espírito Santo desce sobre (Maria e) os apóstolos, por vezes estão presentes Paulo e/ou dos representantes das nações (Actos 2: 1-4)	10
73E793 - coroação de Maria por Deus o Pai e Cristo	9
73B6 - o massacre dos inocentes e a fuga para o Egipto (Mateus 2:13-23)	8
73B8 - Sagrada Família, e representações derivadas	8
73A33 - educação de Maria	7
73B69 - a Sagrada Família (por vezes com outros) regressa a Israel	7
73B721 - José com o Menino Jesus (e Maria) na sua oficina de carpinteiro	5
73E8 - morte e coroação de José	5
73B62 - um anjo aparece a José num sonho e ordena-lhe que fuja para o Egipto	4
73C121 - baptismo de Cristo no rio Jordão: João Baptista derramando água sobre a cabeça de Cristo: o Espírito Santo desce	4
73E423 - Cristo envolto por uma nuvem ~ Ascensão	3
11D1 - símbolos e prefigurações de Cristo	2

Tabela 27 – Temas incluídos nos programas classificados como 73 - *Novo Testamento* e descritos como *cenas da Vida da Virgem e de Cristo*

Através desta primeira tabela foi possível perceber que, na constituição destes programas, a preferência recaiu sobre temas da infância e juventude de Maria ou de Jesus Cristo, como já havia sido sinalizado por Rosário Salema de Carvalho (2021), ao estudar a figuração na azulejaria portuguesa durante o período barroco (1675-1750). Seguem-se outros temas ligados à sua morte e *Assunção*, assim como à *Imaculada Conceição*.

A preferência por determinados temas poderia fazer pensar que os programas se estruturaram do mesmo modo, ou seja, que combinaram muitas vezes os mesmos temas. Para comprovar esta ideia, relevante para melhor se perceber a constituição dos programas iconográficos,

criámos uma visualização, a partir do ficheiro *Excel*, que implicou um amplo trabalho de edição manual e acabou por se revelar de muito difícil leitura (fig. 15, 16 e 17). Em todo o caso, mostra a prevalência para os episódios que já tínhamos assinalado, agora organizados por ordem cronológica, quer dos acontecimentos, quer de produção azulejar. A maior incidência de azul do lado esquerdo indica, precisamente, a preponderância dos temas da infância e juventude de Maria ou de Jesus Cristo.







implantação cobre todo o território, incluindo os arquipélagos (fig. 18). A seguir, aplicámos um conjunto de filtros que nos permitiram visualizar os mesmos programas em cronologia (fig. 19 a 23). Note-se que, como a grande maioria das datações são atribuídas, criámos uma média dos intervalos indicados por Santos Simões, pelo que estes são dados meramente indicativos e não absolutamente rigorosos. Já a informação relativa à latitude e longitude de cada imóvel resulta dos dados inseridos na “localização” do módulo “Imóveis” e registados com recurso ao *Google Maps*, como explicado atrás. Apesar das reservas apontadas, é possível perceber um aumento significativo da representação destes temas nas décadas dos meados do século XVIII (fig. 22).

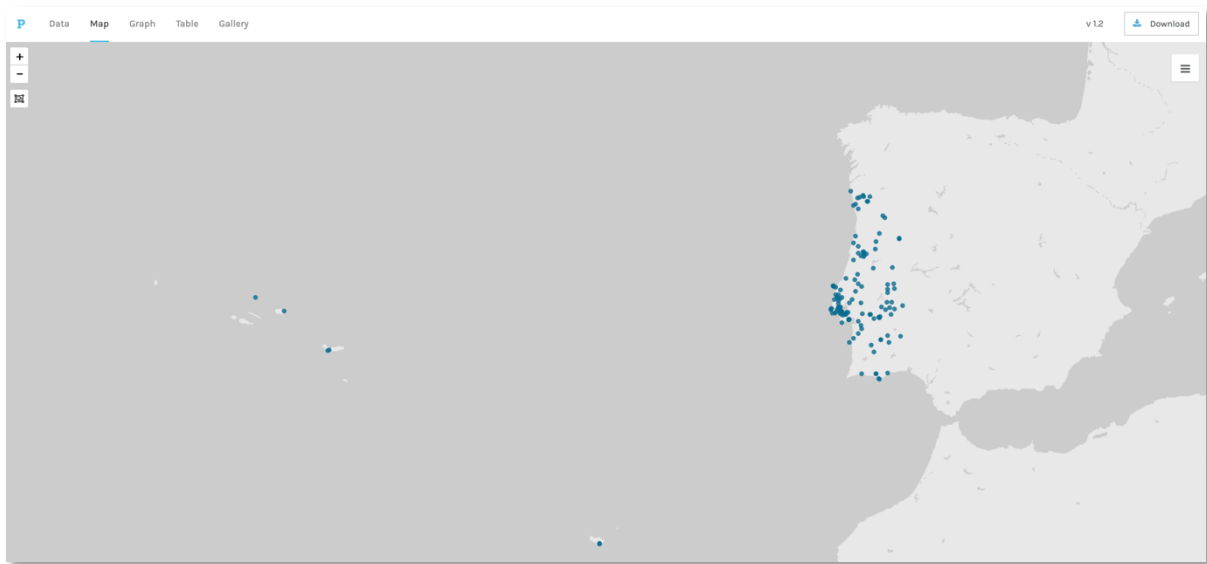


Fig. 18 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenar da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*

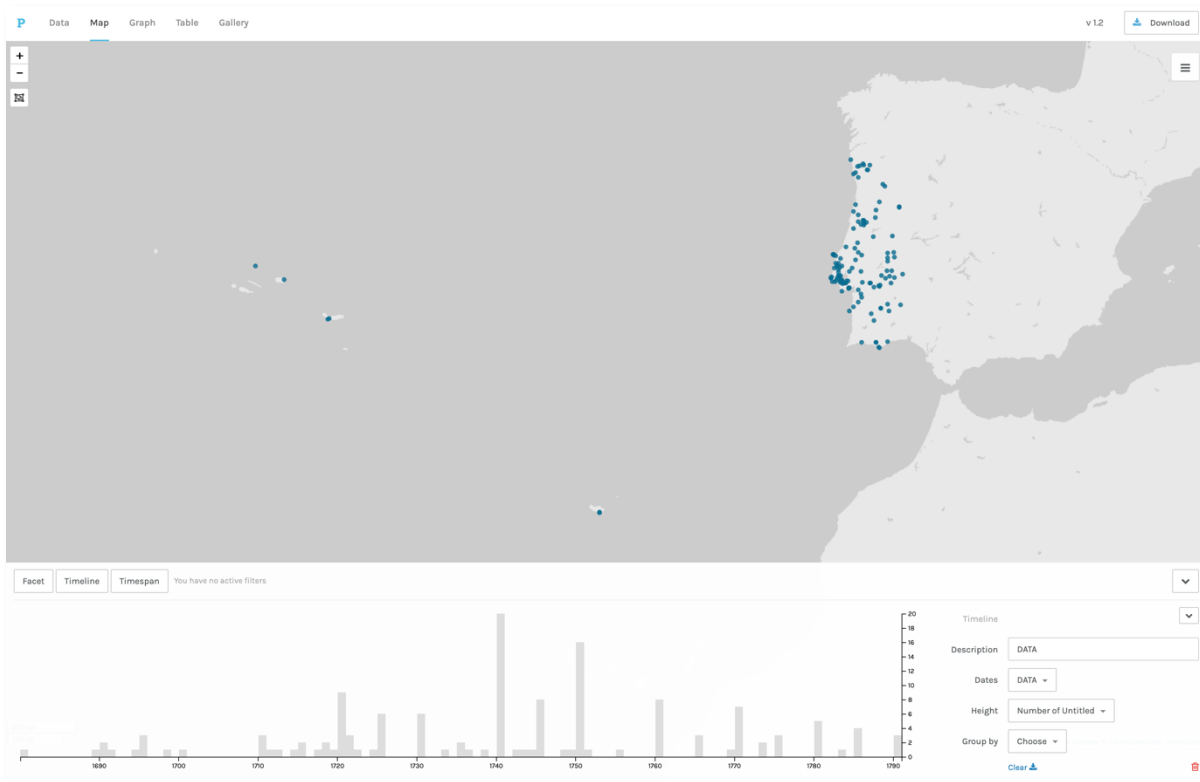


Fig. 19 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenias da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia

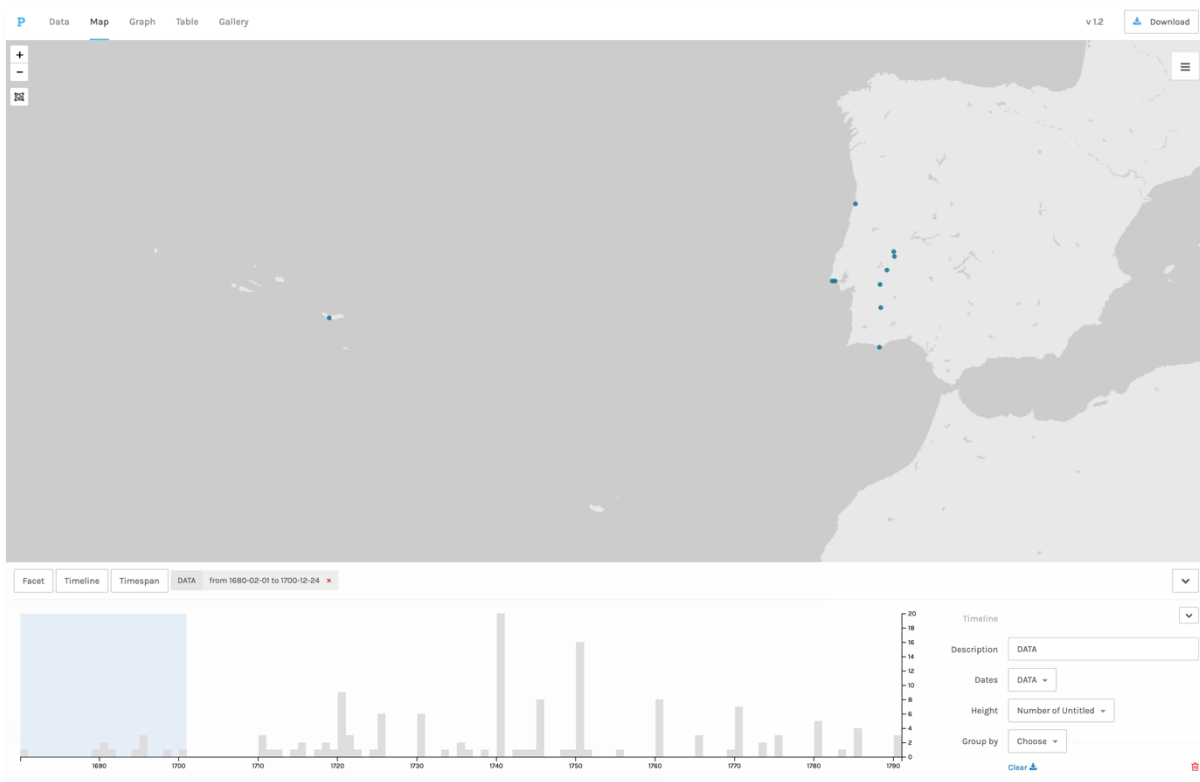


Fig. 20 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenias da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (séc. XVII)

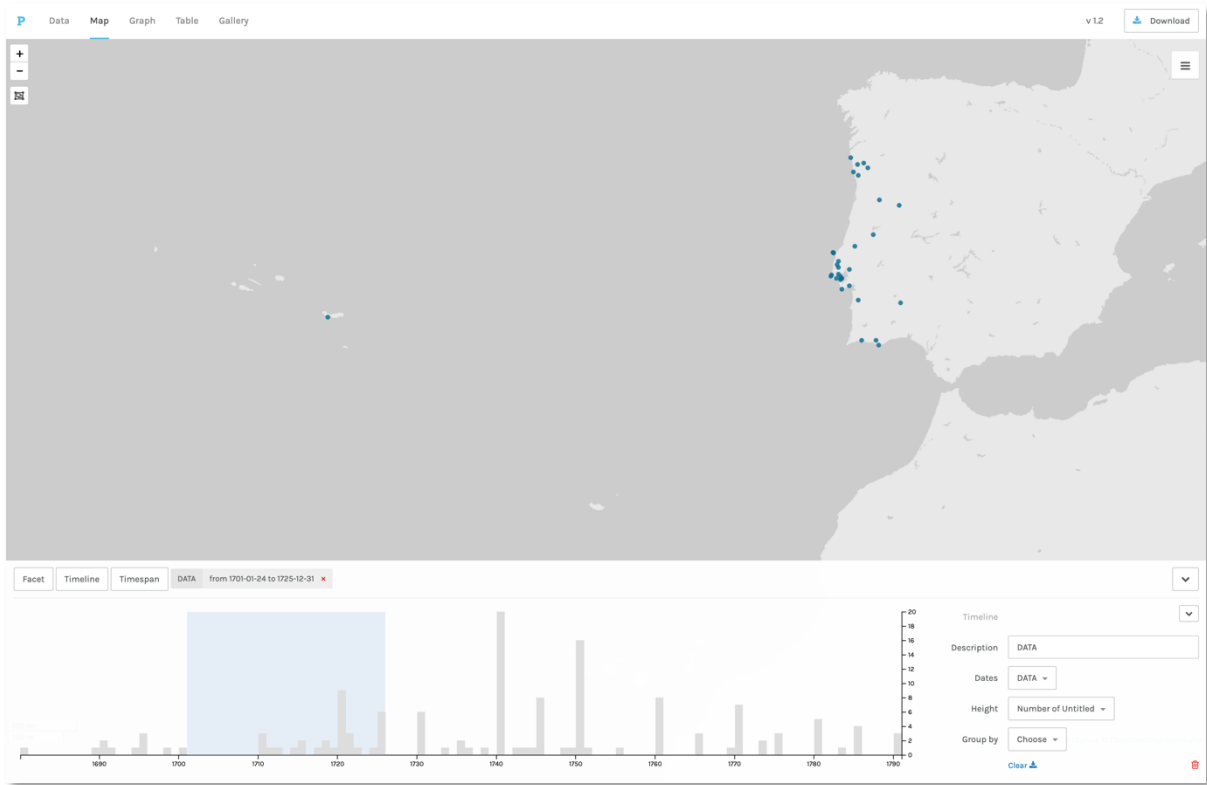


Fig. 21 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenar da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (primeiro quartel do séc. XVIII)

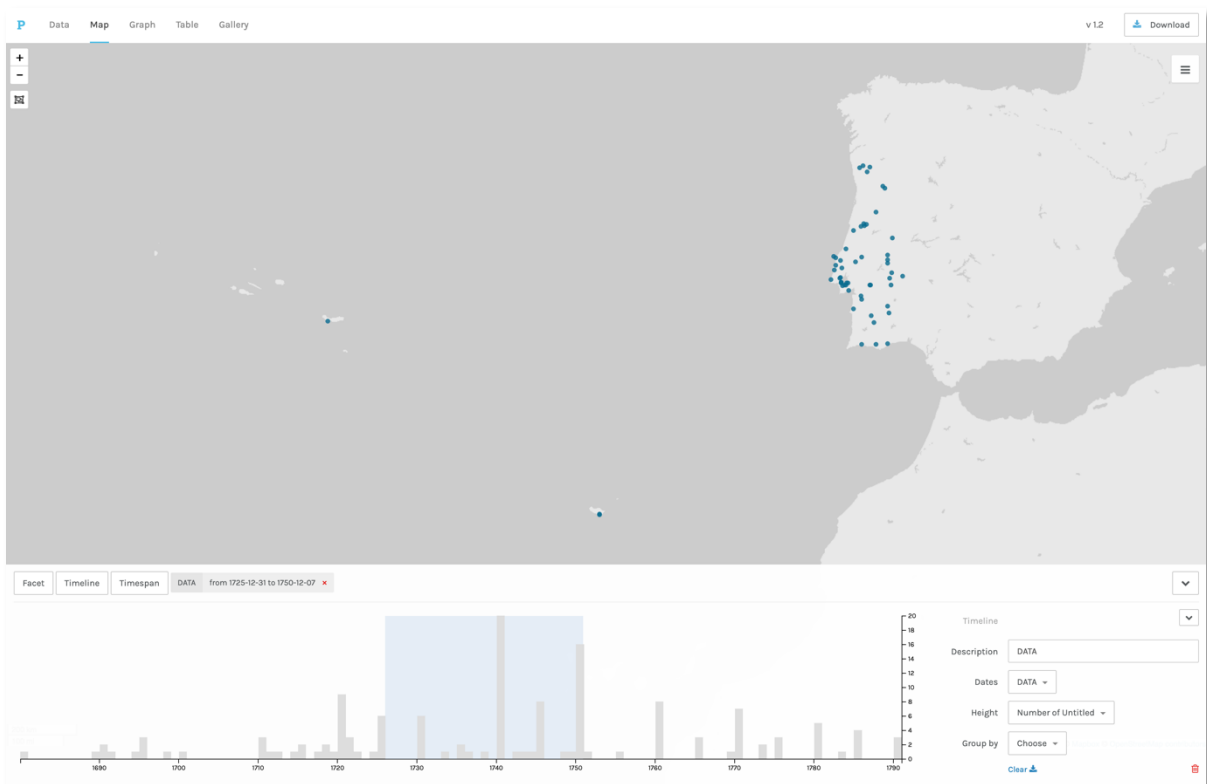


Fig. 22 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenar da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (segundo quartel do séc. XVIII)

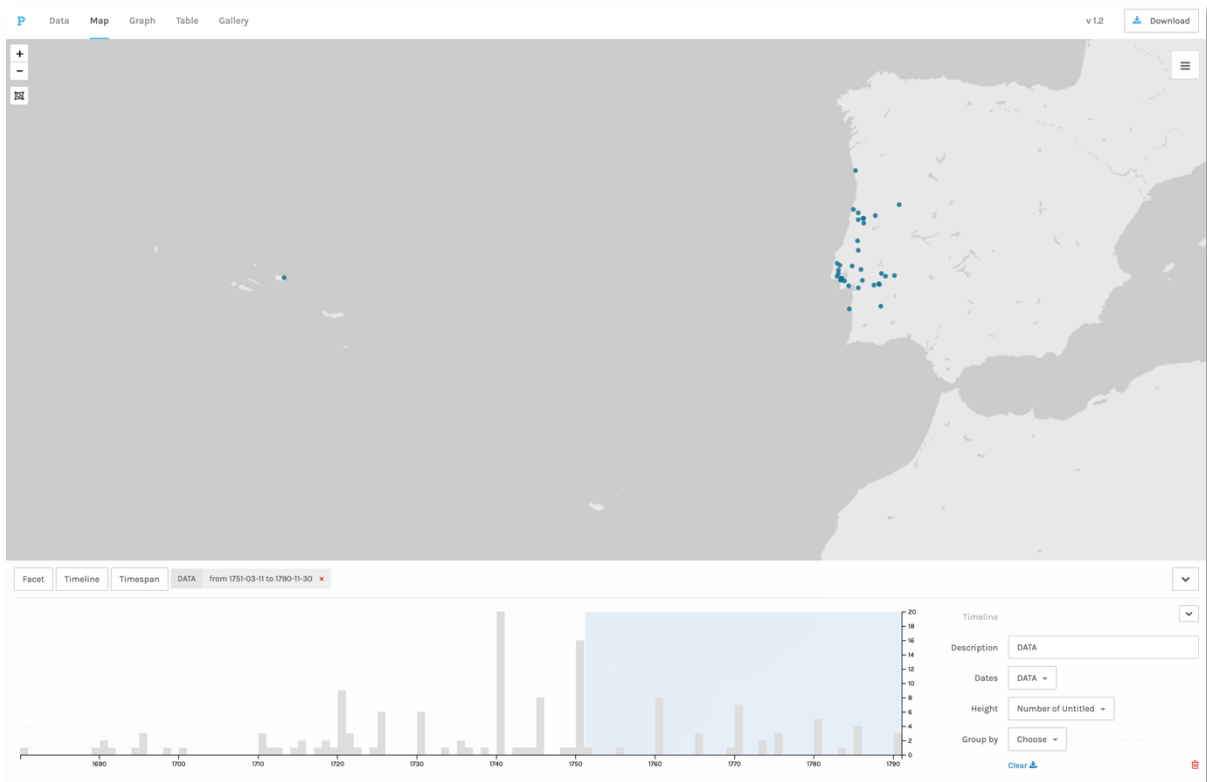


Fig. 23 – Visualização dos locais com programas 73 - *Novo Testamento* e *cenas da Vida da Virgem e de Cristo*, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (segunda metade do séc. XVIII)

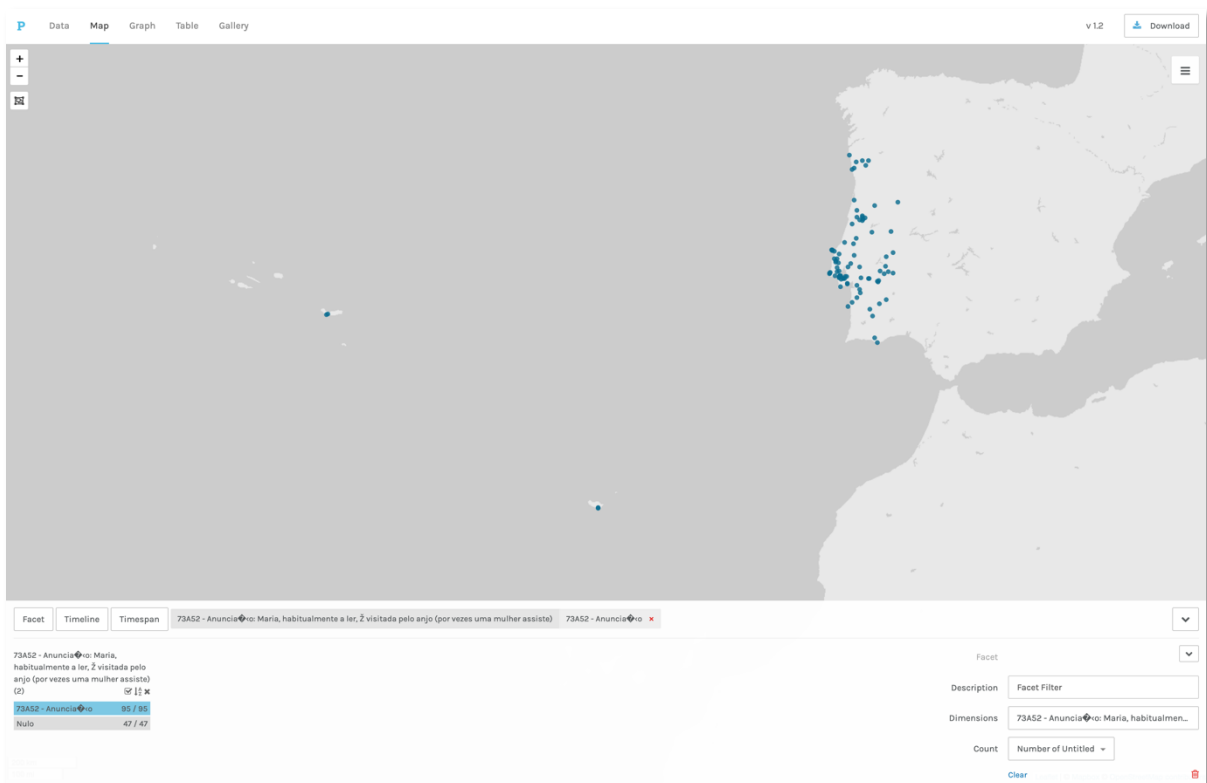


Fig. 24 – Visualização dos locais com representações da Anunciação, na aplicação *Palladio*, usando a cronologia

A mesma aplicação permite usar um conjunto significativo de filtros de análise e perceber, por exemplo, em que locais estão representadas as 93 cenas da *Anunciação* (fig. 24).

Todavia, e como o azulejo é um património integrado, quando analisamos os programas interessa perceber a forma como os mesmos se organizam nos espaços. Assim, uma das perguntas iniciais estava relacionada com a repetição de programas, isto é, destes 142 programas, quantos são idênticos? A resposta é surpreendentemente reduzida – apenas 11! Conseguimos visualizar facilmente estes dados e analisá-los recorrendo, uma vez mais, à aplicação *Palladio*, mas agora usando a ferramenta dos gráficos de redes. Para tal foi necessário preparar os dados, criando um identificador para cada programa diferenciado e atribuindo o mesmo número aos que eram idênticos. A teia de relações criada no *Palladio*, relacionando o número de inventário dos revestimentos e o identificador do programa (fig. 25), permite facilmente concluir que a grande maioria apresenta uma relação de um para um, ou seja, são únicos (fig. 26). Mas uma percentagem muito inferior destaca-se porque o identificador está relacionado com vários programas – 3 e 2 (fig. 26).

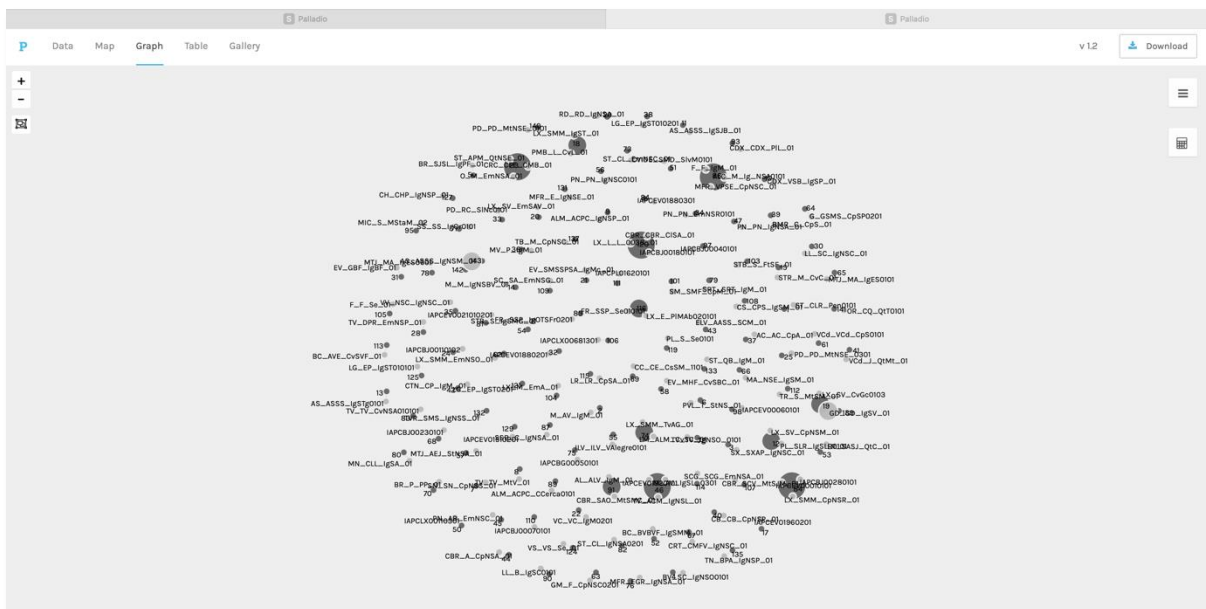


Fig. 25 – Visualização dos programas, na aplicação *Palladio*

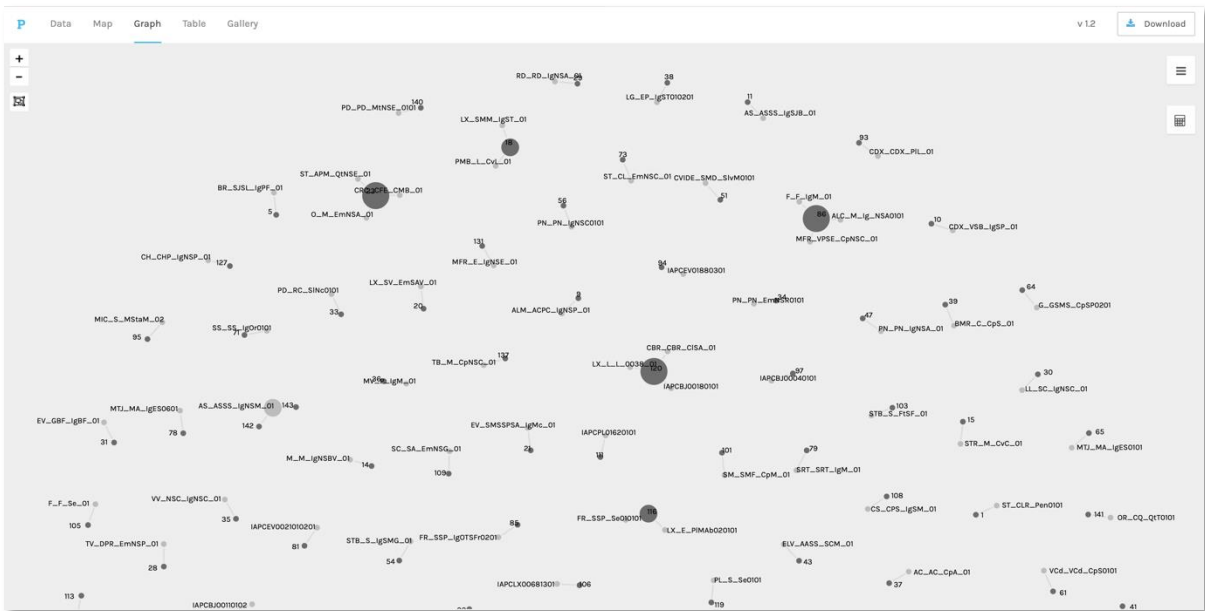


Fig. 26 – Visualização dos programas, na aplicação *Palladio*

O recurso a outros filtros disponíveis permite aprofundar de forma mais eficaz a análise, selecionando todos os programas repetidos (fig. 27), ou mesmo procurando perceber se essas repetições ocorrem no contexto das mesmas cidades (fig. 28).

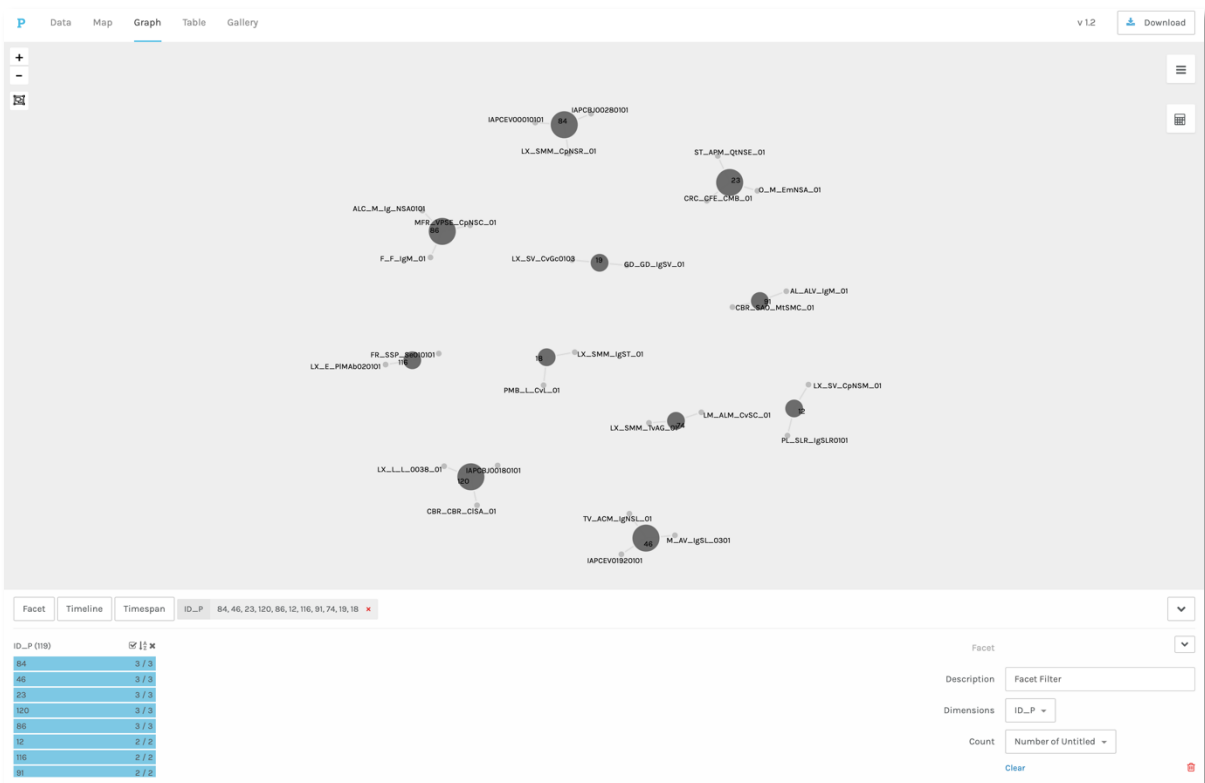


Fig. 27 – Visualização dos programas repetidos, na aplicação *Palladio*



Fig. 28 – Visualização dos programas repetidos, na aplicação *Palladio*, filtrados por cidade (Lisboa)

Para percebermos melhor a composição destes 11 programas que se repetem, a tabela 28 identifica cada um dos conjuntos, que oscilam entre programas compostos por seis e dois temas.

#### Programa 12 (x2) – 6 temas

73A31 - nascimento de Maria

73A34 - dedicação (ou apresentação) de Maria no templo - ela sobe os degraus e é recebida pelo sumo sacerdote

73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

11F232 - "Imaculada", "Purissima"

#### Programa 19 (x2) – 6 temas

73A34 - dedicação (ou apresentação) de Maria no templo - ela sobe os degraus e é recebida pelo sumo sacerdote

73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

73B25 - adoração de Jesus pelos pastores - Maria e José presentes

---

73B57 - adoração dos reis: os sábios oferecem os seus presentes a Jesus (ouro, incenso e mirra)

---

**Programa 18 (x2) – 4 temas**

---

73A34 - dedicação (ou apresentação) de Maria no templo - ela sobe os degraus e é recebida pelo sumo sacerdote

---

73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

---

**Programa 23 (x3) – 4 temas**

---

73A31 - nascimento de Maria

---

73A34 - dedicação (ou apresentação) de Maria no templo - ela sobe os degraus e é recebida pelo sumo sacerdote

---

73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

**Programa 86 (x3) – 4 temas**

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

---

73B25 - adoração de Jesus pelos pastores - Maria e José presentes

---

73B57 - adoração dos reis: os sábios oferecem os seus presentes a Jesus (ouro, incenso e mirra)

---

**Programa 91 (x2) – 3 temas**

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

---

**OUTROS**

---

**Programa 116 (x2) – 3 temas**

---

73B641 - a fuga para o Egito: Maria, José e o Menino (e por vezes outros) a caminho Maria normalmente está montada num burro (jumento)

---

73B69 - a Sagrada Família (por vezes com outros) regressa a Israel

---

11F11 - símbolos de Maria

---

**Programa 74 (x2) – 2 temas**

---

73A42 - casamento de Maria e José, "Sposalizio" - são casados pelo sumo sacerdote

---

73B6 - o massacre dos inocentes e a fuga para o Egito (Mateus 2:13-23)

---

**Programa 46 (x3) – 2 temas**

---

73A31 - nascimento de Maria

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

**Programa 84 (x3) – 2 temas**

---

73A52 - Anunciação: Maria, habitualmente a ler, é visitada pelo anjo (por vezes uma mulher assiste)

---

73A6 - Visitação (possibilidade da presença de José e/ou Zacarias estar presente) (Lucas 1:39-56)

---

---

**Programa 120 (x3) – 2 temas**

---

73B25 - adoração de Jesus pelos pastores - Maria e José presentes

---

73B57 - adoração dos reis: os sábios oferecem os seus presentes a Jesus (ouro, incenso e mirra)

---

Tabela 28 – Temas incluídos nos programas classificados como 73 - *Novo Testamento* e descritos como *cenar da Vida da Virgem e de Cristo*

Em suma, e como vimos, as leituras que podem ser feitas com recurso a este género de visualização são imensas e cheias de possibilidades, potenciando uma visualização dos programas na sua relação com os espaços em que se inserem, aspecto essencial da azulejaria portuguesa.



73B4 - apresentação do Menino Jesus no templo,  
presença habitual Simeão (e Ana) (Lucas 2:22-39)

Cascais, Casa de Santa Maria  
(antiga Capela da Quinta da Ramada),  
António de Oliveira Bernardes, >1686  
Fotografia: Az Infinitum, 2012

## Síntese Final

A partir do que nos foi deixado por João Miguel dos Santos Simões (2010; 1963), em particular o seu estudo sobre a *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (1979 e a edição revista em 2010) e a *Azulejaria nos Açores e na Madeira* (1963), realizámos uma classificação da azulejaria figurativa entre 1670 e 1800, no âmbito do projeto científico designado *Azulejos Figurativos do século XVIII - Iconografia*, promovido pelo Az - Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL), e que se integra no seu projeto âncora, o *Az Infinitum - Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* (<https://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-az>). Do ponto de vista prático, o presente trabalho resultou numa sistematização da informação na plataforma *Az Infinitum* que, todavia, não ficará integralmente disponível *online* por questões legais, mas que pode ser consultada a pedido.

É um trabalho que debruça sobre o azulejo, mas não se centra numa obra ou num período, e sim num século com vários ciclos, por vezes muito diferentes entre si, o que implicou um relatório final estruturado de forma menos convencional e baseado em dados *estatísticos*, mas que reflete a complexidade associada a este longo processo que desenvolvemos durante cerca de um ano e meio. Gostaríamos de ter aprofundado muitos aspetos teóricos, e ter complementado a investigação com verificações nos locais, mas não só um trabalho de projeto para obtenção do grau de mestre dificilmente seria compatível com uma tarefa dessa dimensão, como as dificuldades sentidas em tempos de pandemia (acesso aos locais, encerramento de bibliotecas, entre outros fatores) impediu que avançássemos mais nestas matérias.

O percurso que agora terminamos não veio apenas estruturar, numa base de dados, a informação referente à azulejaria portuguesa do século XVIII. Veio, sobretudo, enriquecer o sistema *Az Infinitum*, continuando um projeto iniciado em 2010 e que tem vindo a receber contributos muito variados da comunidade académica e científica. Para além da inserção de um vasto conjunto de fichas, que a partir de agora podem ser desenvolvidas em profundidade, inaugurámos uma classificação por *programa iconográfico*, baseado no *Iconclass*, capaz de responder de forma eficaz a perguntas de investigação mais alargadas, como ficou expresso no estudo de caso apresentado no capítulo 4.

Apesar das dificuldades e limitações por vezes sentidas, quer nas próprias fontes originais, quer no acesso a dados complementares, terminamos esta etapa com a certeza de que cumprimos o

plano de trabalho a que nos propusemos e que, as leituras finais apresentadas no capítulo final, mesmo não permitindo uma leitura rigorosa em todos os aspetos, possibilitaram que se alcançasse uma visão global muito aproximada. Mais importante, e nunca é demais reforçar esta componente, deixamos um amplo trabalho feito, sobre o qual outros investigadores podem agora alicerçar as suas investigações. É este sentido de renovação constante do conhecimento e de abertura de novas perspetivas que se procura numa produção académica, principalmente quando a mesma resulta de um ambiente colaborativo numa realidade digital. Realizado na interseção dos métodos computacionais e das humanidades, em que os dados já existentes foram sujeitos a um processo de *mediation/remediation*, ou seja, houve a necessidade de transformá-los em formato digital para poderem ser tratados e analisados computacionalmente (Drucker 2021, 1-3), este é um trabalho de História da Arte, que se enquadra no que se designa como História da Arte Digital. Esperamos que, de certo modo, responda a uma das questões formuladas em 2013, na série *Getty Voices: Rethinking Art History*, por Murtha Baca: “In the digital age, is art history still relevant? **How can a field founded on the close study of physical objects make use of digital tools?** What exactly is the emerging fields of “digital art history”, and why does it matter?” (Baca 2013.).

Para finalizar, e em jeito de agenda para o futuro, deixamos algumas perspetivas de trabalho, a que consideramos importante dar continuidade: 1) aprofundar cada uma das fichas de inventário e desdobrar os revestimentos em fichas próprias, recolhendo a informação localmente; 2) sistematizar a informação presente na bibliografia; 3) cruzar esta informação com o arquivo fotográfico de Santos Simões, disponibilizado pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, que iniciámos, mas não conseguimos concluir; 4) usar as ferramentas hoje ao nosso alcance para estudar outros temas, à semelhança do que procurámos fazer para as cenas da vida da Virgem e de Cristo; 5) analisar com mais detalhe os programas seculares relacionados com o quotidiano da nobreza; 6) analisar a coincidência entre os programas e os espaços em que são aplicados<sup>13</sup>; 7) aprofundar a relação entre determinados temas, como Santos Simões já tinha chamado a atenção ao referir-se aos quatro elementos, estações e continentes, por exemplo (Simões 1979, 43); entre tantas, tantas outras de que nos fomos apercebendo. Já sabemos muito sobre a azulejaria setecentista e a sua iconografia, mas há ainda tanto por descobrir!

---

<sup>13</sup> Por exemplo, encontrámos alguns casos em que existe uma relação direta entre os temas e as invocações dos espaços, porém, são poucos os de total concordância, como é o caso dos episódios da Paixão e as capelas do Calvário ou as Vias Sacras, ou o batismo corresponder às capelas batismais.



43C11 - caçada, perseguição

Estremoz, Palácio Tocha  
Fotografia: Az Infinitum, 2012

## Bibliografia

[norma: Chicago Manual of Style – formato autor-data – 17th edition]

- Aguiar, Inês da Silva, e Rosário Salema de Carvalho. 2016. “Az infinitum. Azulejo Indexation and Referencing System”. In *IV Encuentro Internacional de Historia del Arte y Cultura Artística Digital: Digital Art History and Artistic Culture*. IV Internacional Meeting, 47–49. Málaga: University of Málaga Art History Department.
- Almeida, Patrícia Roque de. 2005. “Apontamentos sobre a iconografia dos eremitas na azulejaria setecentista no Entre Douro e Minho”. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património IV*: 261–279. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4946.pdf>.
- Barbosa, Liliana. 2012. “Fábrica de Louça de Massarelos Porto, o Espólio azulejar e as perspectivas para o seu estudo no contexto da intervenção arqueológica”. In *Congresso Internacional Azulejar 2012*, Aveiro: actas publicadas em pen drive.
- Bento, Carina Fabiana Henriques. 2009. “Azulejaria da Coleção Berardo: estudo, criação de um sistema de inventário e gestão da coleção, e proposta de Museu Virtual.” Dissertação de Mestrado, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da, e Maria Teresa Verão. 2011. “Azulejaria de setecentos nas Igrejas conventuais na cidade da Horta: Principais dinâmicas decorativas”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 20: 141–156.
- Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da, Patrícia Alexandra Rodrigues Monteiro, e Isabel Pires. 2014. “O Inventário do património em azulejo do século XVIII. Na continuidade de um modelo de inventário do azulejo em Portugal”. In *A Herança de Santos Simões. Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, ed. de Susana Varela Flor, 105–119. Lisboa: Colibri.
- Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2005. “Arte de bem viver”: *A encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa da segunda metade de setecentos*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian.
- Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2007. *Azulejaria do século XVIII – Espaço lúdico e decoração na arquitectura civil de Lisboa*. Porto: Civilização Editora.

- Carvalho, Rosário Salema de, Alexandre Pais e Ana Paula Figueiredo (coord.). 2018. *Guia de Inventário de Azulejo in situ*. Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, Sistema de Informação para o Património Arquitetónico – SIPA, Direção-Geral do Património Cultural. <http://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pagina,286,286.aspx>.
- Carvalho, Rosário Salema de, e Francisco Queiroz. 2018. “Signatures and authorship marks on Portuguese «azulejos» (16<sup>th</sup> -18<sup>th</sup> centuries)”. In *GlazeArt2018 International Conference Glazed Ceramics in Cultural Heritage*, ed. por Sílvia Pereira, Marlucci Menezes, e José Delgado Rodrigues 91-109. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- Carvalho, Rosário Salema de, e João Pedro Monteiro. 2020. “São Tiago no azulejo barroco português”. *Ad Limina* 11: 213–242. <https://www.caminodesantiago.gal/es/conocimiento-e-investigacion/ad-limina/ad-limina-xi>.
- Carvalho, Rosário Salema de, e Libório Manuel Silva. 2017a. *Azulejos – Maravilhas de Portugal – Wonders of Portugal*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Carvalho, Rosário Salema de, Libório Manuel Silva, e Vítor Serrão (prefácio). 2016. *Azulejo em / in Braga. O Largo Tempo do Barroco: The Baroque Period*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Carvalho, Rosário Salema de. 2007. “Por amor de Deus: representação das obras de misericórdia, em painéis de azulejo, nos espaços das confrarias da Misericórdia, no Portugal setecentista”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1775>.
- Carvalho, Rosário Salema de. 2011. “A iconografia das obras de misericórdia em Arraiolos. Azulejos e gravuras”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, pp. 29-41. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Carvalho, Rosário Salema de. 2012. “A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma”. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6527>.

- Carvalho, Rosário Salema de. 2017. *A igreja de São Victor/ The Church of Saint Victor – Braga*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Carvalho, Rosário Salema de. 2018. “Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo”. *ARTIS - Revista de História da Arte e Ciências do Património*, nº 6, 88–95.
- Carvalho, Rosário Salema de. 2021. “Faith and Devotion: Reading the ceramic architectural programs of the Baroque”. In *Oxford Research Encyclopedia of Religion*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199340378.013.904>.
- CIDOC. 2014. *Declaração de Princípios de Documentação em Museus*, São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo/ Associação de amigos do Museu/ Pinacoteca do Estado de São Paulo. <http://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>.
- Clark, T.J. 1974. “The Conditions of Artistic Creation”. *Times Literary Supplement*: 561–562.
- Correia, Ana Paula Rebelo. 2008. “As Metamorfoses de Ovídio na azulejaria barroca portuguesa”. In *Ovídio: Exílio e Poesia. Actas do Colóquio no Bimilenário da “Relegatio”*, 127–158. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.
- Correia, Ana Paula Rebelo. 2011. “A Gravura europeia e o estudo iconográfico da azulejaria portuguesa”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, 25–26. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Correia, Vergílio. 1915. “Azulejos Datados”. *O Archeologo Português* 20 (1-12): 162-210.
- Correia, Vergílio. 1917. “A família Oliveira Bernardes”. *A Águia*, n.º 71-72: 196-208.
- Correia, Vergílio. 1922. *Azulejos Datados*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva.
- Costa, Maria Alexandrina G. Martins. 2011. “Iconografia antoniana. Contribuições para o estudo da génese”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, 43–52. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

- Drucker, Johanna. 2021. *The Digital Humanities Coursebook: An Introduction to Digital Methods for Research and Scholarship*. London e New York: Routledge.
- Eusébio, Joaquim. 2011. “Subsídios para o estudo da utilização das gravuras como fonte iconográfica na azulejaria portuguesa do século XVII – o ciclo de azulejos sobre a vida de Santa Clara da igreja do Convento do Louriçal”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, 69–73. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Fernie, Eric. 1995. *Art History and Its Methods*. New York: Phaidon Press.
- Ginzburg, Carlo. 2007. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA.
- Gombrich, Ernst. 1972. *Symbolic Images (Studies in the art of the Renaissance)*. New York: Phaidon.
- Gonçalves, Flávio. 1982. “As obras setecentistas da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Peniche e o seu enquadramento na Arte Portuguesa da primeira metade do século XVIII”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa III*, n.º 88, 5–53.
- Gonçalves, Flávio. 1990. *História da Arte: Iconografia e Crítica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- González, Manuel Antonio Castñeiras. 1998. *Introducción al método iconográfico*. Barcelona: Ariel.
- Harpring, Patricia. 2016. *Introdução aos Vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais*. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Pinacoteca de São Paulo, ACAM Portinari. <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Vocabularios%20Controlados%20-%20Digital.pdf>.
- Hoogewerff, G.J. 1931. “L’iconologie et son importance pour l’étude systématique de l’art chrétien”. *Revista di arqueologia cristiana*, VIII: 53-82.
- Hope, Charles, e Elizabeth McGrath. 1996. “Iconographic programmes.” In *The Dictionary of Art*, ed. por Jane Turner, 84–88. New York: Grove’s Dictionaries.

- Hourihane, Colum P. 2014. “Classifying Subject Matter in Medieval Art: The Index of Christian Art at Pinceton University”. *Visual Resources* 30, n.º 3: 255–262. <https://doi.org/10.1080/01973762.2014.936103>.
- Kabashi, Anyla. 2019. “Iconclass – classification system for art and iconography”. Dissertação de Graduação, Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Zagreb.
- Mangucci, Celso. 2008. “Francisco da Silva, António de Oliveira Bernardes e Francisco Lopes Mendes na Igreja da Misericórdia em Évora”. *Cenáculo - Boletim on line do Museu de Évora*, n.º 3-18.
- Mangucci, Celso. 2013. *A iconografia de São Lourenço Justiniano nos azulejos dos Conventos Lóios de Évora e Arraiolos*. Évora: Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora.
- Mangucci, Celso. 2020. “História da Azulejaria Portuguesa, Iconografia e Retórica”. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- Mântua, Ana. 2011. “O painel de Nossa Senhora da Vida: fontes e contaminações iconográficas”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, 27–28. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Martins, Fausto Sanches. 2001. *Azulejaria Portuense: história e iconografia*, Porto: INAPA.
- Martins, Maria Filomena Silva. 1997. *Azulejos do Juncal*. Editorial Diferença.
- Meco, José. 1980. “O pintor de azulejos Manuel dos Santos: Definição e análise da obra”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 86: 75-160.
- Meco, José. 1985. *Azulejaria portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Meco, José. 1989. *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Meco, José. 1995-1999. “Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto Van Veen Rubens”. *Azulejo*, n.º 3/7: 23–60.

- Montagu, Jennifer. 1982. “Bernini and the Unity of the Visual Arts”. *The Burlington Magazine* 124, n.º 949, 240–243.
- Pächt, Otto. 1956. “Panofsky’s Early Netherlandish Painting, II”, *Burlington Magazine* 98, n.º 641: 266–279.
- Pais, Alexandre Nobre, et al. 2017. *O encanto na hora da descoberta: a azulejaria de Coimbra do século XVIII*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- Pais, Alexandre Nobre, António Pacheco, e João Coroado. 2007. *Cerâmica de Coimbra do séc. XVI-XX*. Lisboa: Edições Inapa.
- Panofsky, Erwin. 1989. *O significado nas artes visuais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Panofsky, Erwin. 1995. *Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento*. Teoria da Arte. Lisboa: Editorial Estampa.
- Portela, Miguel. 2016. “A azulejaria em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Manuel Clemente, Mestre Ladrilhador”. *ARTIS - Revista de História da Arte e Ciências do Património*, n.º 4: 124–125.
- Réau, Louis. 2008. *Iconografía del arte cristiano: introducción general*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Santos, Diana Gonçalves dos. 2011. “A gravura europeia e a azulejaria setecentista dos Colégios Universitários das Ordens Religiosas em Coimbra: três núcleos *in situ* em análise”. In *Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Actas do III Colóquio de Artes Decorativas*, 53–68. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Santos, Diana Teresa da Graça Gonçalves dos. 2013. “Azulejaria de fabrico Coimbrão (1699-1801). Artífices e artistas. Cronologia. Iconografia”. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72785>.
- Santos, Reynaldo dos. 1957. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Editorial Sul Limitada.
- Serrão, Vítor. 2003. *História da arte em Portugal: o Barroco*. Lisboa: Editorial Presença.
- Serrão, Vítor. 2007. *A Trans-memória das imagens – Estudos iconológicos de pintura portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos.

- Simões, João Miguel dos Santos, e Maria Alexandra Gago da Câmara, coord. 2010. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. rev. e atualiz. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Simões, João Miguel dos Santos, 1943-45. “Alguns azulejos de Évora”. *A Cidade de Évora*, n.º 5-10.
- Simões, João Miguel dos Santos. 1947. *6ª Exposição Temporária de Azulejos*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- Simões, João Miguel dos Santos. 1961. *Iconografia Olisiponense em Azulejos*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita.
- Simões, João Miguel dos Santos. 1963. *Azulejaria portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Simões, João Miguel dos Santos. 1979. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Smith, Robert C. 1968. “Azulejos of Cascais”. *The journal of the american portuguese cultural society* II, n. 4: 1–15.
- Smith, Robert. 1973. “French models for portuguese tiles”. *Apollo*, n.º 154: 396–407.
- Sobral, Luís de Moura. 1999. “Un bel composto: a obra de arte total do primeiro Barroco português”. In *Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII. The Total work of Art in the 17th and 18th Centuries*, ed. por David W. Booth e Luís de Moura Sobral, II:303–15. Lisboa: MC/Instituto Português do Património Arquitectónico.
- SPECTRUM. s.d. “Roteiros do CIDOC e Glossário da norma SPECTRUM 4.0” Tradução Juliana Monteiro, Maria Helena Carneiro. São Paulo: Museu da Migração.
- Teixeira, Céline Ventura. 2014. “Du potier au peintre d’azulejos: la genèse d’un art au temps des Philippe (1556-1668). Regards croisés sur les ateliers de Séville, Talavera de la Reina et Lisbonne”. Tese de Doutoramento, Institut d’études ibériques, Université Paris-Sorbonne.
- van Straten, Roelof. 1986. “Panofsky and ICONCLASS”. *Artibus et Historiae*, n.º 3: 165–181. [https://www.jstor.org/stable/1483254?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1483254?seq=1#metadata_info_tab_contents).
- van Straten, Roelof. 2007. *An Introduction to Iconography*. Nova Iorque: Taylor & Francis.

– Xavier, Pedro Manuel da Cruz Nunes do Amaral. 1990. “A iconografia funerária no Barroco e o túmulo do bispo de Miranda na capela da Vista Alegre”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

– Xavier, Rafaela. 2020. “Catalogação de azulejos hispano-mouriscos em Portugal: O Palácio Nacional de Sintra como estudo de caso”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/43850>.

## Webgrafia

- Baca, Martha. 2013. “Getty Voices: Rethinking Art History” Acedido 1 de dezembro 2021. <https://blogs.getty.edu/iris/getty-voices-rethinking-art-history/>.
- Bialostocki, Jan. 2003. “Dictionary of the History of Ideas: Iconography” Acedido a 26 de dezembro 2020. <https://web.archive.org/web/20070314231458/http://etext.lib.virginia.edu/cgi-local/DHI/dhi.cgi?id=dv2-57>.
- Canadian Heritage Information Network. 2017a. “Cataloguing” Acedido 28 de janeiro 2021. <https://www.canada.ca/en/heritage-information-network/services/collections-documentation-standards/documentation-heritage-collections/cataloguing.html>.
- Canadian Heritage Information Network. 2017b. “Inventory”. Acedido 28 de janeiro 2021. <https://www.canada.ca/en/heritage-information-network/services/collections-documentation-standards/documentation-heritage-collections/inventory.html>.
- Canadian Heritage Information Network. 2018. “Introduction to Documentation of Heritage Collections”. Acedido 9 de fevereiro 2021. <https://www.canada.ca/en/heritage-information-network/services/collections-documentation-standards/documentation-heritage-collections.html>.
- Collections Trust. s.d. “Cataloguing” Acedido 18 de novembro 2021. <https://collectionstrust.org.uk/spectrum/primary-procedures/cataloguing-spectrum-5-0-primary-procedures/>.
- Science Encyclopedia. s.d. “Iconography Historical Development” Acedido 26 de dezembro 2020. <https://science.jrank.org/pages/9725/Iconography-Historical-Development.html>.

## Índice das tabelas

Tabela 1 - Tabela comparativa do número de imóveis com revestimentos do século XVIII presente nas duas edições da obra <i>Azulejaria em Portugal no século XVIII</i> (Simões 1979; Simões 2010), organizada por distrito	38
Tabela 2 – Exemplo de temas iconográficos idênticos, mas com designações distintas	39
Tabela 3 - Exemplo de temas onde foi utilizado o mesmo código abrangendo várias invocações	40
Tabela 4 - <i>Iconclass</i> – códigos relativos aos temas da vida da Virgem e de Cristo	42
Tabela 5 – Linhas inseridas por distritos nos ficheiros <i>Excel</i>	49
Tabela 6 - Análise do número de fichas de imóveis e espaços existente no <i>Az Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	52
Tabela 7 - Análise do número de fichas de revestimentos existente no <i>Az Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	55
Tabela 8 - Análise do número de fichas de programas iconográficos catalogados no <i>Az Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	56
Tabela 9 – Análise geográfica de imóveis, organizados por distrito, para o intervalo cronológico >1670 e <1800	57
Tabela 10 - Análise ao tipo de imóvel para o intervalo cronológico >1670 e <1800	62
Tabela 11 - Análise aos revestimentos para o intervalo cronológico >1670 e <1800	62
Tabela 12 - Análise de revestimentos assinados e documentados para o intervalo cronológico >1670 e >	65
Tabela 13 - Síntese dos dados apresentados em (Carvalho e Queiroz 2018) para o final do século XVII e primeira metade do século XVIII	66
Tabela 14 - Síntese dos dados apresentados em (Carvalho e Queiroz 2018) para a segunda metade do século XVIII	67
Tabela 15 - Análise da cronologia dos revestimentos entre >1670 e <1800	68
Tabela 16 - Análise das fichas de revestimentos datados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	72
Tabela 17 - Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	73
Tabela 18 - Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	74
Tabela 19 - Análise das fichas de revestimentos documentados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	75
Tabela 20 - Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800	76
Tabela 21 - Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado segundo o número de ocorrências	77
Tabela 22 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado de acordo com a hierarquia do <i>Iconclass</i>	79
Tabela 23 – Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e <1800, organizado por número de representações (coluna 2)	84
Tabela 24 – Elenco dos programas azulejares com representação de obras de misericórdia (Carvalho 2007, apêndice 1).	90
Tabela 25 - Programas azulejares com representações da vida de São Tiago (Carvalho e Monteiro 2020)	92

Tabela 26 - Análise dos programas classificados no <i>Az Infinitum</i> como 73 - <i>Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	93
Tabela 27 - Temas incluídos nos programas classificados como 73 - <i>Novo Testamento</i> e descritos como <i>cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i>	93
Tabela 28 - Temas incluídos nos programas classificados como 73 - <i>Novo Testamento</i> e descritos como <i>cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i>	105

## Índice dos gráficos

Gráfico 1 - Tabela comparativa do número de imóveis com revestimentos do século XVIII presente nas duas edições da obra <i>Azulejaria em Portugal no século XVIII</i> (Simões 1979; Simões 2010), organizada por distrito	39
Gráfico 2 – Linhas inseridas por distritos nos ficheiros <i>Excel</i>	50
Gráfico 3 - Análise do número de fichas de imóveis e espaços existente no <i>Az. Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	53
Gráfico 4 - Análise do número de fichas de revestimentos existente no <i>Az. Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	55
Gráfico 5 - Análise do número de fichas de revestimentos existente no <i>Az. Infinitum</i> para o intervalo cronológico >1670 e <1800	56
Gráfico 6 - Análise geográfica de imóveis, organizados por distrito, para o intervalo cronológico >1670 e <1800	61
Gráfico 7 - Análise ao tipo de imóvel para o intervalo cronológico >1670 e <1800	62
Gráfico 8 - Análise dos revestimentos para o intervalo cronológico >1670 e <1800	64
Gráfico 9 - Análise de revestimentos assinados/documentados para o intervalo cronológico >1670 e <1800	66
Gráfico 10 - Análise de revestimentos assinados por cronologia (séc. XVII)	69
Gráfico 11 - Análise de revestimentos assinados por cronologia (primeira metade do séc. XVIII)	70
Gráfico 12 - Análise de revestimentos assinados por cronologia (meados do séc. XVIII)	70
Gráfico 13 - Análise de revestimentos assinados por cronologia (segunda metade do séc. XVIII)	71
Gráfico 14 - Análise dos revestimentos datados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	73
Gráfico 15 - Análise das fichas de revestimentos datados e assinados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e >1800	74
Gráfico 16 - Análise das fichas de revestimentos documentados por cronologias para o intervalo cronológico >1670 e <1800	75
Gráfico 17 - Análise de revestimentos figurativos com programa iconográfico para o intervalo cronológico >1670 e >1800	77

## Índice das figuras

Figura 1 - <i>Az Infinitum</i> – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo, interface público	28
Figura 2 - Base de dados relacional <i>InPatrimonium</i> , desenvolvida pela empresa Sistemas do Futuro	29
Figura 3 - Alcácer do Sal, Igreja de Santiago, c. 1720. Fotografia Rosário Salema de Carvalho / <i>Az Infinitum</i>	33
Figura 4 - Évora, Convento de São Francisco, Sala da Ordem Terceira, 1702. Fotografias: SIPA, fotos n.º 00670548 e 00670549.	34
Figura 5 - Évora, Convento de São Francisco, Sala da Ordem Terceira, 1702. Fotografias: SIPA, fotos n.º 00670548 e 00670549.	34
Figura 6 – Visão da hierarquia do <i>Iconclass</i> no <i>Az Infinitum</i> (acesso do investigador)	40
Figura 7 – Visão da hierarquia do <i>Iconclass</i> no <i>Az Infinitum</i> (acesso do investigador)	41
Figura 8 - <i>Az Infinitum</i> , fichas de revestimento, grupo de informação Iconografia (acesso do investigador), com classificação de uma narrativa referente a um milagre de Nossa Senhora (Nossa Senhora da Nazaré) e de duas invocações (Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora do Carmo)	41
Figura 9 - <i>Az Infinitum</i> , fichas de revestimento, grupo de informação Iconografia (acesso do investigador), com classificação de uma narrativa referente a um milagre de Nossa Senhora (Nossa Senhora da Nazaré) e de duas invocações (Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora do Carmo)	41
Figura 10 – Évora, Igreja da Misericórdia, António de Oliveira Bernardes (atr.), 1716 (fotografia: <i>Az Infinitum</i> ) <i>11VV82 - Ensinar os simples - uma das (sete) Obras de Misericórdia espirituais - VV - Cristo presente</i>	44
Figura 11 - Braga, Casa dos Biscainhos, sala. Fotografia: <i>Az Infinitum</i>	46
Figura 12 - Braga, Casa dos Biscainhos, sala, detalhe de uma das seções. Fotografia: <i>Az Infinitum</i>	47
Figura 13 - Visão da ficha <i>revestimento cerâmico da sala</i> , BR_S_CBis0101, da Casa dos Biscainhos, em Braga, no <i>Az Infinitum</i> (acesso do investigador)	48
Figura 14 - <i>Interface</i> do mapeamento dos imóveis no <i>Az Infinitum</i> (acesso do investigador)	54
Figura 15 - Visualização dos temas iconográficos, organizados por ordem cronológica, até 1725	96
Figura 16 - Visualização dos temas iconográficos, organizados por ordem cronológica, até 1750	97
Figura 17 - Visualização dos temas iconográficos, organizados por ordem cronológica, até 1790	98
Figura 18 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i>	99
Figura 19 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia	100
Figura 20 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (séc. XVII)	100
Figura 21 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento e cenas da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (primeiro quartel do séc. XVIII)	101

Figura 22 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento</i> e <i>cenias da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (segundo quartel do séc. XVIII)	101
Figura 23 - Visualização dos locais com programas 73 - <i>Novo Testamento</i> e <i>cenias da Vida da Virgem e de Cristo</i> , na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia e filtrando os dados por ciclos cronológicos (segunda metade do séc. XVIII)	102
Figura 24 - Visualização dos locais com representações da Anunciação, na aplicação <i>Palladio</i> , usando a cronologia	102
Figura 25 - Visualização dos programas, na aplicação <i>Palladio</i>	103
Figura 26 - Visualização dos programas, na aplicação <i>Palladio</i>	104
Figura 27 - Visualização dos programas repetidos, na aplicação <i>Palladio</i>	104
Figura 28 - Visualização dos programas repetidos, na aplicação <i>Palladio</i> , filtrados por cidade (Lisboa)	105